

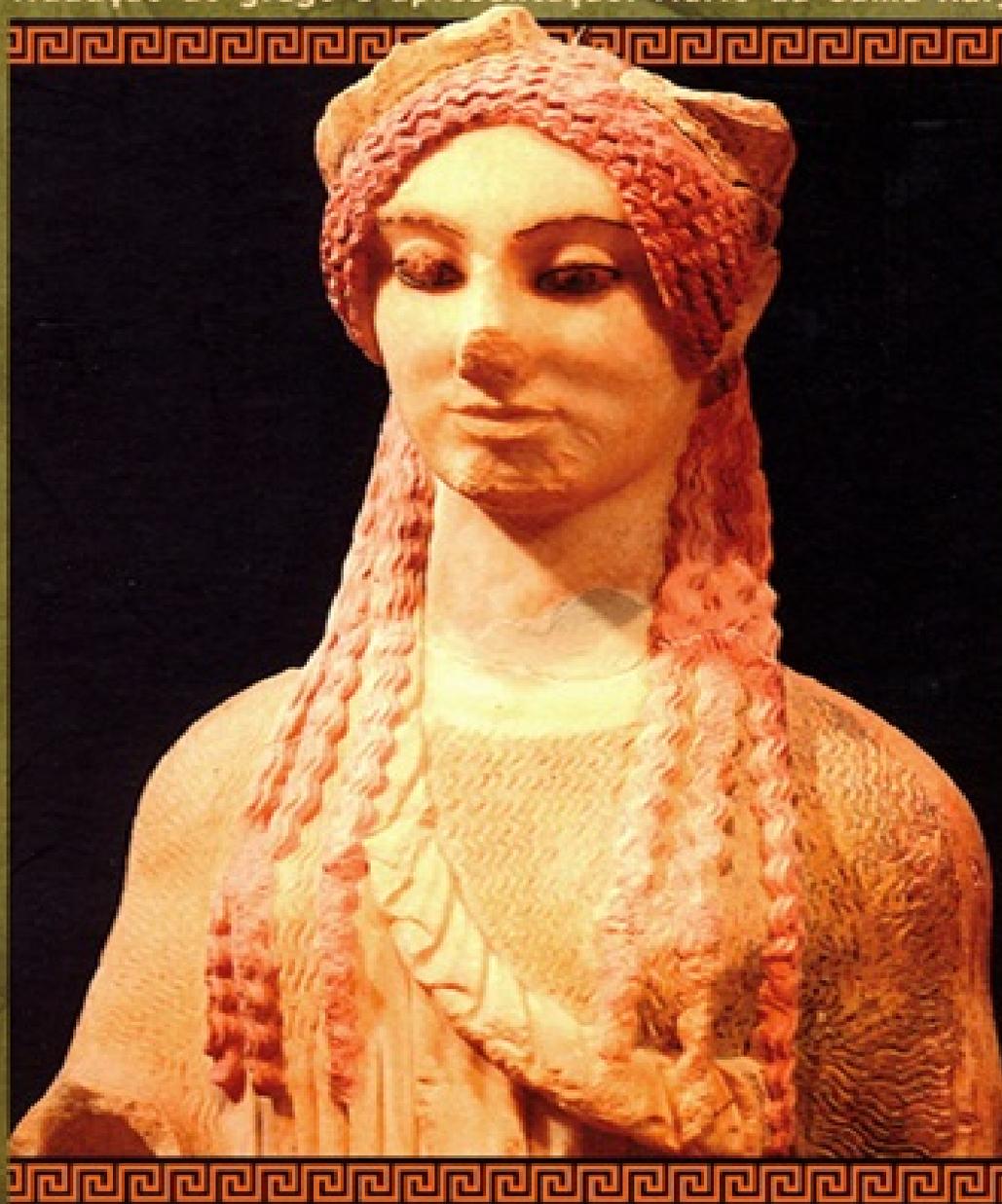


MEDÉIA

HIPÓLITO • AS TROIANAS

EURÍPIDES

Tradução do grego e apresentação: Mário da Gama Kury



DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by [ePubtoPDF](#)

A TRAGÉDIA GREGA

<i>vol. 1</i>	SÓFOCLES	<i>A Trilogia Tebana</i> Édipo Rei, Édipo em Colono, Antígona
<i>vol. 2</i>	ÉSQUILO	<i>Oréstia</i> Agamêmnon, Coéforas, Eumênides
<i>vol. 3</i>	EURÍPIDES	Medéia, Hipólito, As Troianas
<i>vol. 4</i>	ÉSQUILO SÓFOCLES EURÍPIDES	Os Persas Electra Hécuba
<i>vol. 5</i>	EURÍPIDES	Ifigênia em Áulis, As Fenícias, As Bacantes
<i>vol. 6</i>	ÉSQUILO SÓFOCLES EURÍPIDES	Prometeu Acorrentado Ájax Alceste

A COMÉDIA GREGA

<i>vol. 1</i>	ARISTÓFANES	As Nuvens, Só para Mulheres, Um Deus Chamado Dinheiro
<i>vol. 2</i>	ARISTÓFANES	As Vespas, As Aves, As Rãs
<i>vol. 3</i>	ARISTÓFANES	A Greve do Sexo, A Revolução das Mulheres

EURÍPIDES

MEDÉIA
HIPÓLITO
AS TROIANAS

Tradução do grego, introdução e notas de:
MÁRIO DA GAMA KURY

7ª edição



SUMÁRIO

Prólogo

MEDÉIA

Introdução

Tradução

Notas

HIPÓLITO

Introdução

Tradução

Notas

AS TROIANAS

Introdução

Tradução

Notas

Trabalhos publicados por Mário da Gama Kury

Prólogo

As primeiras edições das traduções da *Medéia*, do *Hipólito* e das *Troianas* foram publicadas respectivamente em 1972, em 1977 e em 1965 pela Editora Civilização Brasileira. Esta nova edição sai aqui amplamente revista, com o objetivo principal de dar maior fluência aos versos, que nas edições anteriores foram às vezes sacrificados para assegurar maior literalidade em relação ao original grego.

MÁRIO DA GAMA KURY

MEDÉIA

INTRODUÇÃO

Eurípides nasceu em Salamina (ilha situada nas proximidades de Atenas) provavelmente em 485 a.C.. Educou-se em Atenas, onde viveu a maior parte de sua vida. Entre a época de sua estréia nos concursos trágicos de sua cidade natal (455 a.C.) e a data provável de sua morte (406 a.C.), Eurípides escreveu no mínimo 74 peças, sendo 67 tragédias e 7 dramas satíricos. Certas fontes, entretanto, lhe atribuem 92 peças.

Dessa produção chegaram até nossos dias as 19 peças seguintes, das quais *O Cíclope* é o único drama satírico: *Alceste* (representada pela primeira vez em Atenas em 438 a.C.), *Medéia* (431), *Hipólito* (428), *As Troianas* (415), *Helena* (412), *Orestes* (408), *Ifigênia em Áulis* (405), *As Bacantes* (405), e em data incerta *Andrômaca*, *Os Heráclidas*, *Hécuba*, *As Suplicantes*, *Electra*, *Heracles Furioso*, *Ifigênia em Táuris*, *Íon*, *As Fenícias*, *O Cíclope* e *Resos* (esta última de autenticidade contestada).

As gerações subseqüentes manifestaram sensível preferência por Eurípides em comparação com Ésquilo e com Sófocles. Tanto foi assim que das 74 peças que escreveu 19 sobreviveram, enquanto das 94 de Ésquilo somente 7 se conservaram e das 123 (ou mais) de Sófocles somente 7 chegaram até nós.

O enredo da *Medéia* constitui um dos episódios finais de uma longa e complicada lenda, ou de um entrelaçamento de lendas, da fértil mitologia grega. Um resumo dessa lenda ajudará o leitor a perceber melhor as muitas alusões a acontecimentos e personagens anteriores à ação da peça.

Jáson, ao atingir a maioridade, teria direito ao trono de Iolco (cidade da Ásia Menor, perto da atual Guzeihizar, na Turquia). Enquanto o pai, Áison, preparava-o para reinar, entregou o poder a um primo, Pelias, que, chegada a hora de passar o trono a Jáson, se recusou a fazê-lo e desterrou Áison.

Jáson, após algum tempo de ausência na companhia do sábio centauro Quíron, que o educava por encargo de seu pai, resolveu ir a Iolco. O rei usurpador não o reconheceu mas, pelos trajes singulares de Jáson, viu nele a

pessoa que, de acordo com um oráculo, poria em perigo seu reinado.

Jáson fez muitos amigos e admiradores em Iolco, graças à sua inteligência e força física. Algum tempo depois apresentou-se a Pelias acompanhado por seus simpatizantes e ousadamente lhe exigiu de volta o trono. A atitude decidida e a popularidade de Jáson intimidaram Pelias que, tentando livrar-se da ameaça, lembrou a Jáson que Aietes, rei da Cólquida (região da Ásia Menor, ao norte da atual Armênia), tratara desumanamente Frixo, parente de ambos, e o matara para apossar-se do tosão (ou velocino) de ouro (pele de um carneiro prodigioso, alado e dotado de lã de ouro, que transportara pelos ares Frixo e sua irmã Hele, fugitivos de Tebas, até a Ásia Menor, e depois fora morto por Aietes). Pelias alegou que já era muito idoso para empreender, ele mesmo, a viagem punitiva, e exortou Jáson a realizá-la, prometendo-lhe o trono se ele regressasse vitorioso. Jáson aceitou, sonhando em sua juventude com a glória que lhe traria a expedição, para a qual arregimentou a fina flor da mocidade grega da época.

Os expedicionários embarcaram na nau *Argó* (à qual se devia a expressão “Argonautas” para designar os participantes). À chegada dos Argonautas Aietes, que segundo a lenda era filho do Sol, prometeu entregar o tosão de ouro a Jáson se ele fosse capaz de realizar num mesmo dia quatro proezas consideradas impossíveis: 1ª, domar um touro de cascos e chifres de bronze, que soprava chamas pela boca e pelas narinas; 2ª, arar com esse touro um campo consagrado ao deus da guerra (Ares); 3ª, semear naquele campo os dentes de uma serpente monstruosa de cujo corpo saíam guerreiros armados, prontos a exterminar quem tentasse arar o campo sagrado; e 4ª, matar um dragão ferocíssimo, que montava guarda noite e dia ao pé da árvore em cujos galhos estava pendente o tosão de ouro.

Os Argonautas apavoraram-se com as condições, mas Hera, deusa mulher de Zeus (o deus maior da mitologia grega), que simpatizava com Jáson, teria feito com que Medéia, filha do rei Aietes e portanto neta do Sol, ficasse perdidamente apaixonada por Jáson e promettesse, se este jurasse casar-se com ela e lhe garantisse fidelidade eterna, ajudá-lo a vencer, com seus poderes mágicos famosos na região, todas as provas sobre-humanas. Jáson prometeu casamento e fidelidade a Medéia no templo de Hecate (deusa propiciadora de poderes mágicos, padroeira das bruxarias e sortilégios) e recebeu da moça as ervas e poções mágicas com que, na presença de Aietes e dos habitantes da Cólquida pasmos de admiração, passou por todas as provas e se apossou do cobiçado tosão de ouro.

Em seguida os Argonautas reembarcaram na *Argó*. Jáson levava consigo, além do tosão de ouro, a apaixonada Medéia. Aietes, ao tomar conhecimento da

fuga da filha e da proteção que ela dera a Jáson graças a seus poderes mágicos, mandou seu filho Ápsirto em perseguição aos fugitivos. Medéia matou Ápsirto, seu irmão, e esquartejou o cadáver espalhando-lhe os membros ao longo da rota da *Argó* para desnortear o pai quando este viesse também em sua perseguição. O regresso dos Argonautas a Iolco foi celebrado com grandes festas, às quais Áison, pai de Jáson, não poderia comparecer por causa de sua idade avançada. Medéia, com seus remédios mágicos, devolveu-lhe a juventude. Pelias, o usurpador de coroa de Iolco, também quis ser rejuvenescido, mas Medéia, instigada por Jáson, deu às filhas do rei, para aplicação no pai, uma receita propositadamente errada, que o matou.

A revolta da população de Iolco contra Medéia e Jáson foi tão forte que os dois tiveram de fugir para Corinto, onde viveram em perfeita união durante dez anos. No fim desse período, porém, Jáson apaixonou-se por Glauce, filha de Creonte, rei de Corinto, e repudiou Medéia para poder casar-se com sua nova amada.

É neste ponto da lenda que tem início a ação da peça. A mesma lenda em que se enquadra a *Medéia* inspirou duas outras tragédias de Eurípides: *As Filhas de Pelias* e *Egeu*, das quais só nos restam fragmentos.

A tônica da *Medéia* é o ódio sobre-humano em que se transforma o amor da heroína por Jáson, quando este a repudiou para casar-se com a filha do rei da região que os acolhera. A essa humilhação terrível seguiu-se outra, que precipitou a decisão funesta de Medéia: Creonte, rei de Corinto e pai da nova noiva de Jáson, decretou a expulsão da infeliz Medéia e de seus filhos de seu reino. Medéia era conhecida nas lendas da Antiguidade por seus poderes mágicos extraordinários. Sua terra natal — a Cólquida de onde Jáson a trouxera —, era famosa pelas aptidões sobrenaturais de seus habitantes, feiticeiros hábeis e conhecedores de todos os segredos da magia. Significativamente o juramento de fidelidade de Jáson a Medéia, ainda na Cólquida, fora feito no templo de Hecate. Medéia, humilhada, confiante em seus poderes mágicos resolveu vingar-se de Jáson por todos os meios possíveis e em tudo que pudesse feri-lo.

A peça evolui de uma Medéia abatida pelo repúdio do marido, esposa traída que definhava no leito e nem sequer levantava as pálpebras para abrir os olhos, aparentemente conformada com a sorte, para uma mulher animada por um terrível desejo de vingança e extermínio, que não se detinha diante do infanticídio, como vindita extrema para o aniquilamento completo do marido perjuro.

Esses sentimentos primitivos eram naturais numa criatura também primitiva,

vinda de uma região habitada por bárbaros entre os quais imperava a feitiçaria, principalmente se levarmos em conta o procedimento de Jáson (vejam-se os versos 291 e 302, onde Eurípides faz a sùmula das razões do amor-próprio ferido, do ponto de vista das mulheres dotadas do temperamento de Medéia).

E as criaturas humanas não mudaram com o passar dos séculos e até dos milênios. Alguns dos leitores devem lembrar-se ainda de um crime horrível praticado aqui no Rio, na década de 1960, por uma mulher — batizada pela imprensa de Fera da Penha — que, abandonada pelo amante, seqüestrou uma filha dele de cinco ou seis anos — Tânia, a mais querida pelo pai — e matou-a com requintes de perversidade “para fazer o pai sofrer”.

A *Medéia* é justamente considerada uma obra-prima do teatro trágico e, para muitos apreciadores desde a Antiguidade, a melhor das tragédias de Eurípides (veja-se, por exemplo, o epigrama traduzido na parte final desta Introdução). E a *Medéia* faz jus a esta reputação. Se não bastasse a beleza dos próprios versos originais, haveria a intensidade dramática, o delineamento dos personagens por meio de suas falas, como a da Ama no início da peça, as de Medéia no ataque a Jáson, na reconciliação simulada com o mesmo e, sobretudo, no solilóquio onde se reflete sua indecisão quanto a matar, ou não, os filhos, e as de Jáson. A caracterização dos personagens é uma das melhores coisas da peça, a começar pela da heroína, que é o primeiro e um dos mais finos dos profundos estudos feitos por Eurípides da alma feminina. O amor de Medéia em sua evolução para o ódio assassino, seu orgulho ferido, sua ferocidade, sua astúcia, são pintadas por Eurípides com mão de mestre e simpatia. A reconciliação simulada com Jáson é uma cena de extraordinária naturalidade. Outro aspecto digno de menção é que os erros de Medéia e de Jáson, ao contrário do que acontece na maioria das tragédias gregas, são devidos a seus próprios atos, e ambos não os atribuem ao destino ou a algum deus vingador. Eurípides, por via de Medéia, exprime a vida humana em termos de humanidade e de livre escolha do bem e do mal. Os personagens secundários, principalmente a Ama e Creonte, também merecem menção. As palavras do velho rei, nos versos 393 a 396, são dessas que, embora poucas, definem um personagem.

Em nenhuma de suas outras peças podemos descobrir melhor as qualidades características do gênio de Eurípides, sem as falhas e os excessos que às vezes encontramos em sua produção. Mas, para essa descoberta, devemos seguir a *Medéia* cena a cena, verso a verso, para sentir-lhe toda a beleza, elaborada, impetuosa e densa. A ação, em sua seqüência e em seu conjunto, tem a simplicidade, o encadeamento e a unidade das obras realmente belas, e todos os toques do patético desenvolvem-se nela em uma progressão quase rítmica e sem

quebra de intensidade, marchando no sentido de um desfecho inevitável. Os episódios se sucedem com tanto rigor que é necessária uma atenção constante para discernir qualquer artifício nessa arte seguríssima. Esse esforço, porém, é mais do que compensado pela fruição da beleza criada por Eurípides, da terrível beleza da peça.

Mas, apesar de suas qualidades excepcionais a *Medéia* tem recebido críticas, a começar por Aristóteles (*Poética*, 1454 b 1 e 1461 b 20). O filósofo censura Eurípides pela implausibilidade do episódio em que Medéia e Egeu se encontram (versos 758 e seguintes) e pelo recurso ao sobrenatural (a fuga de Medéia no carro do Sol) para finalizar a peça. As críticas de Aristóteles, todavia, em ambos os casos só conseguem acentuar o primitivismo de sentimentos que Eurípides imprimiu à peça e a importância dos poderes mágicos de Medéia, fatores essenciais para o desenvolvimento da tragédia. O episódio de Egeu, por exemplo, por meio da ânsia do rei de Atenas de conseguir que sua mulher lhe desse um filho, acentua a necessidade instintiva dos pais de se verem perpetuados nos filhos e, portanto, torna mais compreensível a idéia de Medéia de vingar-se de Jáson nos filhos dele. E, naturalmente, o episódio é parte do encadeamento da peça, por assegurar a Medéia um refúgio fora de Corinto quando tivesse de fugir após a prática dos crimes (vejam-se os versos 1578-1580). Quanto ao final da peça, a saída de Medéia no carro do Sol é apenas um elemento sobrenatural a mais entre tantos que se integram na trama, cuja heroína se vangloria de seus poderes mágicos e os comprova, e se orgulha de descender do próprio Sol. As observações de Aristóteles ilustram o distanciamento entre o crítico, na atitude fria de dissecar uma obra de arte com seus instrumentos de precisão lógica, e o artista, no ato instintivo da concepção de sua obra e da identificação com seus personagens, levado apenas por seu poder criador. Afinal, na mesma *Poética* (1453 a 30) Aristóteles reconhece que Eurípides é “o mais trágico dos trágicos”.

Eurípides encenou a *Medéia* pela primeira vez em 431 a.C., em Atenas, depois de o dramaturgo Neofron haver apresentado a sua *Medéia* (data incerta mas, de qualquer modo, anterior à de Eurípides), da qual nos restam alguns fragmentos que induzem a crer que nosso poeta pode ter-se inspirado em seu colega mais velho (um dos fragmentos conservados corresponde ao tocante monólogo de Medéia antes de matar os filhos, versos 1158 e seguintes). Por sua vez Sófocles, uns 10 ou 15 anos depois da *Medéia* de Eurípides, encenou sua tragédia *As Traquínias*, onde há numerosas reminiscências de Eurípides (talvez devidas à afinidade entre os dois temas).

No concurso trágico de 431 a.C. Eurípides obteve um modesto terceiro lugar

com sua *Medéia* (o primeiro coube a Euforion, sobrinho de Ésquilo, e o segundo a Sófocles).

O tema da *Medéia* tem atraído através dos tempos a atenção de outros dramaturgos, desde Sêneca até Anouilh, passando por Corneille, cuja *Medéia* é um dos produtos mais insípidos do teatro clássico francês.

O texto e o contexto da *Medéia* são de tal forma densos e elaborados que a tradução, como a leitura, também é uma descoberta, a cada verso, de detalhes da habilidade e arte extraordinárias de Eurípides como poeta e dramaturgo. Para dar uma idéia da fama da *Medéia* na Antiguidade, citamos a seguir, em tradução, um epigrama do poeta Arquimedes (época desconhecida), conservado na *Antologia Palatina*, livro VI, 50, contendo conselhos aos poetas seus contemporâneos:

“Não te atrevas a percorrer, poeta novo,
a estrada freqüentada por Eurípides;
nem mesmo tentes, pois seria difícilimo
seguir o seu trajeto; a impressão
é que ela é fácil, mas se alguém tenta pisá-la
vê que ela é árdua como se fosse
pavimentada de estacas pontiagudas.
Experimenta apenas retocar
a trilha da *Medéia*, a filha de Aietes!
Sentir-te-ás anônimo e rasteiro.
Afasta as tuas mãos da coroa de Eurípides!”

Seguimos geralmente em nossa tradução o texto estabelecido por Gilbert Murray (Oxford, Clarendon Press, vol.III, 1902). Consultamos também a edição comentada e anotada de Henri Weil nas *Sept Tragédies d'Euripide*, Paris, Hachette, 1879, e a de Parmentier (Paris, Les Belles Lettres, vol.I, 1942) cuja introdução é especialmente interessante.

Época da ação: Idade heróica da Grécia.

Local: Corinto.

Primeira representação: 431 a.C., em Atenas.

PERSONAGENS

MEDÉIA

AMA de Medéia

JÁSON

CREONTE, rei de Corinto

EGEU, rei de Atenas

PRECEPTOR

MENSAGEIRO

FILHOS de Jáson e Medéia

CORO de quatro mulheres de Corinto

Cenário

O frontispício da casa de Medéia em Corinto

AMA

Saindo da casa de MEDÉIA

Ah! Se jamais os céus tivessem consentido
que *Argó* singrasses o mar profundamente azul¹
entre as *Simplégades*, num vôo em direção²
à *Cólquida*, nem que o pinheiro das encostas
do *Pélion* desabasse aos golpes do machado³ 5
e armasse assim com os remos as mãos dos varões
valentes que, cumprindo ordens do rei *Pelias*,⁴
foram buscar o raro velocino de ouro⁵!
Não teria *Medéia*, minha dona, então,
realizado essa viagem rumo a *Iolco* 10
com o coração ardentemente apaixonado
por *Jáson*, nem, por haver convencido as filhas
de *Pelias* a matar o pai, viveria⁶
com *Jáson* e com seus dois filhos nesta terra,
Corinto célebre. Ela se esforçava ao máximo 15
por agradar aos habitantes da cidade
que é seu refúgio e, tanto quanto era capaz,
por sempre concordar com *Jáson*, seu marido
(salva-se o casamento com maior certeza
quando disputas não afastam a mulher 20
de seu consorte). Mas agora a inimizade
a cerca por todos os lados e ela vê-se
ameaçada no que tem de mais precioso:
traidor dos filhos e de sua amante, sobe

Jáson em leito régio, desposando a filha 25
do rei Creonte, senhor do país. Medéia,
a infeliz, ferida pelo ultraje invoca
os juramentos, as entrelaçadas mãos
— penhor supremo. Faz dos deuses testemunhas
da recompensa que recebe do marido 30
e jaz sem alimento, abandonando o corpo
ao sofrimento, consumindo só, em pranto,
seus dias todos desde que sofreu a injúria
do esposo; nem levanta os olhos, pois a face
vive pendida para o chão; como um rochedo, 35
ou como as ondas do oceano, ela está surda
à voz de amigos, portadora de consolo.
Às vezes, todavia, a desditosa volve
o colo de maravilhosa alvura e chora
consigo mesma o pai querido, sua terra, 40
a casa que traiu para seguir o homem
que hoje a despreza. Frente aos golpes do infortúnio,
sente a coitada quão melhor teria sido
se não abandonasse a pátria de seus pais.
Os filhos lhe causam horror e já não sente 45
satisfação ao vê-los. Chego a reear
que tome a infeliz qualquer resolução
insólita; seu coração é impetuoso;
ela não é capaz de suportar maus-tratos.
Conheço-a e temo que, dissimuladamente, 50
traspasse com punhal agudo o próprio fígado
nos aposentos onde costuma dormir;
ou que chegue ao extremo de matar o rei
e o próprio esposo e, conseqüentemente, chame
sobre si mesma uma desgraça inda pior. 55
Ela é terrível, na verdade, e não espere
a palma da vitória quem atrai seu ódio.
Mas vêm aí os filhos dela, que acabaram
de exercitar-se nas corridas; não percebem
quão desditosa é sua mãe; o coração 60

dos jovens não se adapta logo ao sofrimento.

Entra o PRECEPTOR com os filhos de MEDÉIA

PRECEPTOR

Idosa serva da casa de minha dona,
por que estás aí, sozinha em frente à porta,
trazendo à própria mente a tua inquietação?
Preferirá Medéia ficar só, sem ti?

65

AMA

Velho guardião dos filhos de Medéia, a dor
dos donos é também de seus servos fiéis
e lhes destroça o coração. A minha mágoa
é tanta que fui dominada pela ânsia
de vir até aqui contar ao céu e à terra
os infortúnios todos de minha senhora.

70

PRECEPTOR

Não pára de gemer, então, a desditosa?

AMA

Invejo a tua ingenuidade! Mal começam
suas desgraças; nem chegaram à metade!

PRECEPTOR

Ah! Desvairada (se posso falar assim
de meus senhores)! Ela ignora os novos males!

75

AMA

Mas, que se passa, velho? Por favor, explica-te!

PRECEPTOR

Nada... Arrependo-me do que falei há pouco.

AMA

Com um gesto de súplica

Não, por teu queixo! Nada deves ocultar
à companheira deste longo cativeiro.
Não falarei de modo algum aos lá de dentro.

80

PRECEPTOR

Ouvi dissimuladamente uma conversa,
sem dar a perceber sequer se a escutava,
ao chegar perto de uns jogadores de dados,
lá para os lados da água santa de Pirene⁷,
onde os mais velhos vão sentar-se. Eles diziam
que os filhos iam ser expulsos de Corinto,
e a mãe com eles, por Creonte, nosso rei.
Não sei se esse rumor é exato (antes não seja!).

85

AMA

E deixará Jáson tratarem desse modo
os filhos, apesar do desentendimento
que se manifestou entre a mãe deles e ele?

90

PRECEPTOR

Cede a aliança antiga em face de uma nova
e ele já não se mostra amigo desta casa.

AMA

Então estamos arruinados se juntamos
nova desgraça à anterior, antes de exausta
inteiramente a desventura mais antiga.

95

PRECEPTOR

Fica tranqüila, ao menos tu, e nada digas;
nossa senhora inda não deve ouvir os fatos.

AMA

Dirigindo-se aos filhos de MEDÉIA

Estais ouvindo como vosso pai vos trata,
crianças? Não quero que morra (é meu senhor),
mas ele é mau com quem deveria ser bom.

100

PRECEPTOR

Qual dos mortais não é assim? Só hoje aprendes,
vendo um pai maltratar os filhos por amor,
que todos se julgam melhores do que são?

105

AMA

Dirigindo-se aos filhos de JÁSON e MEDÉIA

Tudo irá bem, crianças; ide para casa.

Dirigindo-se ao PRECEPTOR

Tenta mantê-los afastados, se possível;
não lhes permitas chegar perto de uma mãe
desesperada; vi-a olhando-os ferozmente,

como se meditasse alguma ação funesta. 110
Ela por certo não refreará a cólera
até haver vibrado sobre alguém seus golpes.
Que os atos dela ao menos sejam praticados
contra inimigos e jamais contra os amigos!

Ouve-se a voz de MEDÉIA no interior da casa

MEDÉIA

Como sou infeliz! Que sofrimento o meu, 115
desventurada! Ai de mim! Por que não morro?

AMA

Caras crianças, é assim; está inquieto
o coração de vossa mãe, inquieta a alma.
Ide sem vacilar em direção à casa.
Fugi ao seu olhar, evitai encontrá-la. 120
Deveis guardar-vos bem de seu gênio selvagem,
desse ânimo intratável, mau por natureza.
Ide mais velozmente, entrai sem vos deterdes!

As crianças e o PRECEPTOR entram em casa

Vê-se que essa ascendente nuvem de soluços
logo se ampliará com mais furor ainda. 125
Quão longe irá esse inquieto coração,
essa alma indômita mordida pela dor?

MEDÉIA

Do interior

Pobre de mim! Que dor atroz! Sofro e soluço
demais! Filhos malditos de mãe odiosa,

por que não pereceis com vosso pai? Por que
não foi exterminada esta família toda?

130

AMA

Ah! Infeliz! Teus filhos não têm culpa alguma
nos desacertos de seu pai. Por que os odeias?

Tenho tanto receio de vos ver sofrer,
crianças minhas, neste desespero extremo!...

135

Os príncipes quando decidem são terríveis.

Mais afeitos ao mando que ao comedimento,
muito lhes custa recuar nas decisões.

É preferível aceitar a vida humilde;
pretendo apenas que me caiba envelhecer
longe dessas grandezas, em lugar seguro!

140

O justo meio até pelo seu nome obtém
a palma da vitória e sua utilidade
é incomparável na existência dos mortais.

Quanto ao excesso, em hora alguma ajuda os homens;
traz-lhes apenas as piores conseqüências.

145

*Várias mulheres de Corinto, já idosas, constituindo o CORO, entram em
cena e desfilam silenciosamente, enquanto a AMA pronunciava os
últimos versos*

CORO

Ouvimos todas nós os gritos dela,
da infortunada princesa estrangeira.
A quietude ainda não chegou.

Dirigindo-se à AMA

Tu, velha, fala! Ouvimos os soluços
no interior da casa resguardada;
sentimos igualmente a aflição

150

de um lar tão caro também para nós.

AMA

Já não existe o lar, tudo acabou.
Jáson prefere agora um leito nobre
e em sua alcova minha dona passa
os dias sem que a voz de amigo algum
consiga acalantar-lhe o coração.

155

MEDÉIA

Do interior

Por que as chamas do fogo celeste
não vêm cair sobre minha cabeça?
Qual o proveito de viver ainda?
Ai! Ai! Que venha a morte! Que eu me livre,
abandonando-a, desta vida odiosa!

160

CORO

Zeus, terra e luz! Ouvistes o clamor
da desditosa esposa soluçante?
Que força, então, te prende, triste louca,
ao horroroso leito? É certa a morte,
o fim de tudo, e logo chegará.
Por que chamá-la agora? Se o amor
de teu esposo quis encaminhá-lo
a novo leito, não o odeies tanto;
a tua causa está nas mãos de Zeus.
Não morras de chorar por um marido!

165

170

MEDÉIA

Do interior

Zeus poderoso e venerável Têmis⁸,
vedes o sofrimento meu após 175
os santos juramentos que me haviam
ligado a esse esposo desprezível?
Ah! Se eu pudesse um dia vê-los, ele
e a noiva reduzidos a pedaços,
junto com seu palácio, pela injúria 180
que ousam fazer-me sem provocação!
Meu pai, minha cidade de onde vim
para viver tão longe, após haver
matado iniquamente meu irmão!

AMA

Estais ouvindo seus lamentos, gritos 185
com que ela invoca Têmis, guardiã
da fé jurada, e Zeus, para os mortais
penhor do cumprimento das promessas?
Não é com pouco esforço que se pode
frear a cólera de minha dona! 190

CORO

Como conseguiremos vê-la aqui
em frente aos nossos olhos e ao alcance
de nossa voz? Talvez esqueça o ódio
que faz pesar-lhe o coração, talvez
esqueça o fogo que lhe queima a alma. 195
Que ao menos com meu zelo eu possa ser
amiga dos amigos meus. Vai, traze-a
até aqui e leva-lhe a certeza
de nosso afeto. Mas apressa-te, antes
que ela possa fazer algo de mal 200
aos seus, pois nota-se que a infeliz
soltou as rédeas de seu desespero.

AMA

Sim, obedecerei, mas tenho medo
e dúvidas quanto a persuadir
minha senhora. Seja como for, 205
irei desincumbir-me da tarefa
para agradar-vos, mas ela nos olha,
a nós, criadas, com o olhar feroz
de uma leoa que teve filhotes,
se alguém se acerca com uma palavra 210
à flor dos lábios. Com razão diríamos
que os homens do passado eram insanos,
pois inventaram hinos para as festas,
banquetes e outras comemorações,
lisonjeando ouvidos já alegres; 215
nunca, porém, se descobriram meios
de amenizar com cantos e com a música
das líras o funesto desespero,
e dele vêm a morte e os infortúnios
terríveis que fazem ruir os lares. 220
A música seria proveitosa
se conseguisse a cura desses males,
mas, de que serve modular a voz
nas festas agradáveis? Os prazeres
dos banquetes alegres já contêm 225
bastantes atrativos em si mesmos.

Sai a AMA e entra em casa de MEDÉIA

CORO

Ouvimos muitas queixas soluçantes,
sentidas, lamentos sem fim e gritos
de dor e desespero vindos dela
contra o esposo pérfido, traidor 230
do leito. Golpeada pela injúria,

clama por Têmis, filha de Zeus, deusa
dos juramentos, pois jurando amá-la,
Jáson a trouxe até a costa helênica
singrando as ondas negras e transpondo
o estreito acesso ao mar amargo e imenso⁹.

235

*Abre-se a porta. Sai MEDÉIA, que avança em direção ao CORO, seguida
pela AMA, ainda em pranto*

MEDÉIA

Saí para não merecer vossas censuras,
coríntias. Sei muito bem que há pessoas
altivas (umas vi com os meus próprios olhos,
de outras ouvi falar) que, por lhes repugnar
aparecer em público, levam a fama
desagradável de soberbas. Com efeito,
carecem de justiça os olhos dos mortais
quando, antes de haver penetrado claramente
no íntimo de um coração, sentem repulsa
por quem jamais lhes fez o menor mal, apenas
por se deixarem levar pelas aparências.

240

Devem também os estrangeiros integrar-se
e não posso aprovar tampouco o cidadão
que, por excesso de altivez, ofende os outros
negando-se ao convívio natural com todos.

245

Mas, quanto a mim, despedaçou-me o coração
o fato inesperado que vem de atingir-me;
estou aniquilada, já perdi de vez
o amor à vida; penso apenas em morrer.

250

255

O meu marido, que era tudo para mim
— isso eu sei bem demais —, tornou-se um homem péssimo.

Das criaturas todas que têm vida e pensam,
somos nós, as mulheres, as mais sofredoras.

De início, temos de comprar por alto preço¹⁰
o esposo e dar, assim, um dono a nosso corpo

260

— mal ainda mais doloroso que o primeiro.
Mas o maior dilema é se ele será mau
ou bom, pois é vergonha para nós, mulheres,
deixar o esposo (e não podemos rejeitá-lo). 265
Depois, entrando em novas leis e novos hábitos,
temos de adivinhar para poder saber,
sem termos aprendido em casa, como havemos
de conviver com aquele que partilhará
o nosso leito. Se somos bem-sucedidas 270
em nosso intento e ele aceita a convivência
sem carregar o novo jugo a contragosto,
então nossa existência causa até inveja;
se não, será melhor morrer. Quando um marido
se cansa da vida do lar, ele se afasta 275
para esquecer o tédio de seu coração
e busca amigos ou alguém de sua idade;
nós, todavia, é numa criatura só
que temos de fixar os olhos. Inda dizem
que a casa é nossa vida, livre de perigos, 280
enquanto eles guerreiam. Tola afirmação!
Melhor seria estar três vezes em combates,
com escudo e tudo, que parir uma só vez!
Mas uma só linguagem não é adequada
a vós e a mim. Aqui tendes cidadania, 285
o lar paterno e mais doçuras desta vida,
e a convivência com os amigos. Estou só,
proscrita, vítima de ultrajes de um marido
que, como presa, me arrastou a terra estranha,
sem mãe e sem irmãos, sem um parente só 290
que recebesse a âncora por mim lançada
na ânsia de me proteger da tempestade.
Ah! Vou dizer tudo que espero obter de vós:
se eu descobrir um meio, um modo de fazer
com que Jáson pague o resgate de seus males 295
e sejam castigados quem lhe deu a filha
e aquela que ele desposou, guardai segredo!

Vezes sem número a mulher é temerosa,
covarde para a luta e fraca para as armas;
se, todavia, vê lesados os direitos 300
do leito conjugal, ela se torna, então,
de todas as criaturas a mais sanguinária!

CORIFEU

Eu te obedecerei, Medéia; punirás
o teu marido justamente. Não estranho 305
o pranto que derramas por teu infortúnio.
Mas eis aí Creonte, rei deste país.
Por certo vem falar de novas decisões.

Entra o velho rei CREONTE, seguido de escolta

CREONTE

É a ti, Medéia, esposa em fúria, face lúgubre,
que falo: sai deste lugar para o exílio
com teus dois filhos! Sai depressa! Não demores! 310
Estou aqui para cuidar do cumprimento
de minha decisão, e não retornarei
a meu palácio antes de haver-te afugentado
para terras distantes de nossas fronteiras.

MEDÉIA

Pobre de mim! Consuma-se a minha desgraça! 315
Meus inimigos soltam suas velas todas
e não diviso um porto em que possa abrigar-me
para escapar à ruína! Mas, sem ponderar
em minha desventura, quero perguntar-te:
por que razão, Creonte, me banes daqui? 320

CREONTE

É inútil alinhar pretextos: é por medo.
Temo que faças mal sem cura à minha filha.
Muitas razões se somam para meu temor:
és hábil e entendida em mais de um malefício
e sofres hoje por te veres preterida 325
no leito conjugal. Ouço dizer — transmitem-me —
que vens ameaçando atentar contra a vida
do pai que prometeu a filha, do marido
e da segunda esposa. Antes de ser vítima,
ponho-me em guarda. Prefiro atrair agora 330
o teu rancor a chorar lágrimas amargas,
mais tarde, sobre minha eventual fraqueza.

MEDÉIA

Não é só hoje, rei Creonte; com freqüência
a minha fama traz-me esses transtornos. Nunca
os homens de bom senso deveriam dar 335
aos filhos um saber maior que o ordinário.
Além do nome de ociosos, eles ganham
com isso a inveja iníqua dos concidadãos.
Se aos ignorantes ensinares coisas novas
serás chamado não de sábio, mas de inútil. 340
E se além disso te julgarem superior
àqueles que se crêem mais inteligentes,
todos suspeitarão de ti. Minha ciência
atrai de alguns o ódio, a hostilidade de outros.
Este saber, porém, não é tão grande assim. 345
Mas, seja como for, tu me receias. Temes
que eu tenha meios de causar-te sofrimentos.
Não me preocupa agora ameaçar um rei;
não tremas diante de mim, pois que maldade
já me fizeste? Não ofereceste a filha 350
a quem a quis? Odeio o meu esposo, sim;

mas, quanto a ti, creio que procedeste bem;
tua felicidade não me causa inveja.
Casem-se os dois, sejam felizes, mas me deixem
viver aqui. Suportarei sem um murmúrio
as injustiças. Os mais fortes me venceram.

355

CREONTE

Disseste coisas agradáveis aos ouvidos
mas temo que, no fundo da alma, premedites
uma desgraça e minha confiança em ti
se torna inda menor. É mais fácil guardar-se
de uma mulher desatinada pela cólera
— tanto quanto de um homem — que da astuta e fria
em seu silêncio. Parte, então, e sem demora.
Não fales; minha decisão é inabalável.
Nem com ardis conseguirias prolongar
a tua estada aqui, pois és minha inimiga.

360

365

MEDÉIA

Ajoelhando-se e abraçando os joelhos de CREONTE, num gesto de súplica

Por teus joelhos e por tua filha, a noiva,
suplico-te: permite-me ficar aqui!

CREONTE

Palavras vãs. Jamais conseguirás dobrar-me!

MEDÉIA

Banir-me-ias sem ouvir as minhas súplicas?

370

CREONTE

Eu não te prezo mais que à minha própria casa!

MEDÉIA

Ah! Minha pátria! Neste instante a tua imagem volta ao meu coração com tanta intensidade!...

CREONTE

Só aos meus filhos eu estimo mais que à pátria!

MEDÉIA

Que mal terrível é o amor para os mortais!...

375

CREONTE

Tudo depende, penso eu, das circunstâncias.

MEDÉIA

Que não te escape, Zeus, o autor de minha ruína!

CREONTE

Parte, insensata, e livra-me deste desgosto!

MEDÉIA

Viver é ter desgostos e eles não nos faltam.

CREONTE

Indicando a escolta

Meus homens te farão sair à força e já!

380

MEDÉIA

Ah! Isso não, Creonte! Ouve um pedido meu!

CREONTE

Não me leves a extremos ásperos, mulher!

MEDÉIA

Aceito o exílio. É outro o fim de minha súplica.

CREONTE

Por que, então, resistes em vez de partir?

MEDÉIA

Um dia só! Deixa-me aqui apenas hoje
para que eu pense no lugar de nosso exílio
e nos recursos para sustentar meus filhos,
já que o pai deles não está cuidando disto.

385

Tem piedade deles! Tu és pai também;
é natural que sejas mais benevolente.

390

Não é por mim (não me inquieta o meu destino);
é por eles que choro e por seu infortúnio.

CREONTE

Minha vontade nada tem de prepotente
e a piedade já me foi funesta antes.

Tenho noção agora mesmo de que erro, 395
mas apesar de tudo serás atendida.
Quero, porém, deixar bem claro de antemão:
se a santa claridade do próximo sol
vos encontrar ainda, a ti e a teus dois filhos,
dentro de nosso território, morrerás. 400
Tudo foi dito e com palavras verdadeiras.

Retira-se CREONTE com sua escolta

CORO

Quanta desgraça a tua, infelizmente!...
Para que chão dirigirás teus passos?
A quem suplicarás que te receba?
Onde acharás um lar, uma cidade 405
a salvo da desdita? Vais errar
sem esperança nesse mar de angústias
a que foste lançada pelos deuses.

MEDÉIA

Dirigindo-se ao CORO

Meu sofrimento é imenso, incontestavelmente,
mas não considereis ainda definida 410
a sucessão dos acontecimentos próximos.
Pode o futuro reservar lutas difíceis
para os recém-casados e terríveis provas
para quem os levou às núpcias. Estai certas:
lisonjeei Creonte para meu proveito 415
e minhas súplicas foram premeditadas.
Eu nem lhe falaria se não fosse assim,
nem minhas mãos o tocariam, mas tão longe
o leva a insensatez que, embora ele pudesse
deter meus planos expulsando-me daqui, 420

deixou-me ficar mais um dia. E neste dia
serão cadáveres três inimigos meus:
o pai, a filha e seu marido. Vêm-me à mente
vários caminhos para o extermínio deles,
mas falta decidir qual tentarei primeiro, 425
amigas: incendiarei o lar dos noivos,
ou lhes mergulharei no fígado um punhal
bem afiado, entrando a passos silenciosos
na alcova onde está preparado o leito deles?
Mas uma dúvida me ocorre e me detém: 430
se eu for surpreendida traspassando a porta
na tentativa de atingi-los com meus golpes,
rirão de mim, vendo-me morta, os inimigos.
Melhor será seguir diretamente a via
que meus conhecimentos tornam mais segura: 435
vencê-los-ei com meus venenos. Assim seja!
Estarão mortos, mas que povo, que cidade
me acolherão depois? Que bom anfitrião,
abrindo-me seu território para asilo
e a casa para abrigo, me defenderá? 440
Nenhum. Então devemos esperar um pouco.
Quando eu puder contar com um refúgio certo¹¹,
consumarei o assassinato usando astúcia
e dissimulação; e quando eu decidir,
nada, nenhum obstáculo me deterá, 445
e de punhal na mão os eliminarei¹²,
inda que tenha de morrer, sem rechar
o apelo à força. Não, por minha soberana,
pela deusa mais venerada e que escolhi
para ajudar-me — Hecate, que entronhei no altar¹³ 450
de minha gente —: nenhum deles há de rir
por ter atormentado assim meu coração!
Quero que se arrependam de seu matrimônio
amargamente, e amargamente se arrependam
de sua aliança e de meu iminente exílio. 455
Vamos, Medéia! Não poupes recurso algum

de teu saber em teus desígnios e artifícios!
Começa a marcha para a tarefa terrível!
Chegou a hora de provar tua coragem!
Não vês como te tratam? Não deves pagar 460
um tributo de escárnio ao himeneu do sangue
de Sísifo com um Jáson qualquer, Medéia¹⁴,
filha de um nobre pai, tu, da raça do Sol!
Tens a ciência e, afinal, se a natureza
fez-nos a nós, mulheres, de todo incapazes 465
para as boas ações, não há, para a maldade,
artífices mais competentes do que nós!

CORO

Voltam os sacros rios para as fontes
e com a justiça marcham para trás 470
todas as coisas. Os homens meditam
ardis e a fé jurada pelos deuses
vacila. Muito breve, todavia,
a notoriedade há de falar
outra linguagem e não disporá
de elogios bastantes para nós. 475
Não vejo a hora em que se louvará
o nosso sexo e não mais pesará
sobre as mulheres tão maldosa fama.
Não mais celebrará nossa perfídia
a poesia dos bardos eternos. 480
Febo, o maestro de todos os cantos¹⁵,
não fez o nosso espírito dotado
para a inspirada música das liras;
se assim não fosse nós entoaríamos
um hino contra a raça masculina. 485
Em sua longa caminhada o tempo
dá o que falar tanto dos homens como
de nós, mulheres. Tu mesma, Medéia,
com o coração ansioso navegaste

para bem longe da casa paterna, 490
além do extremo dos rochedos gêmeos¹⁶.
Moras agora numa terra estranha,
tomam-te o leito, levam-te o marido
(ah! Infeliz!) e expulsam-te vilmente
para o exílio. Não existe mais 495
respeito aos juramentos, e o pudor
desaparece da famosa Hélade,
voando para os céus. E tu (coitada!)
não tens um lar onde possas lançar
a âncora, ao abrigo da desgraça. 500
Outra princesa manda em tua casa
após tornar-se dona de teu leito.

Entra JÁSON

JÁSON

Dirigindo-se a MEDÉIA

Esta não é a vez primeira. Já senti
em várias ocasiões que o ânimo irascível 505
é um mal insuportável. Até poderias
continuar vivendo aqui por toda a vida,
neste país e nesta casa, se aceitasses
submissa as decisões dos mais fortes que tu.
Essas arengas incessantes, todavia,
te expulsam desta terra. A mim não me importunas; 510
tens liberdade para alardear de Jáson
que ele é o pior dos homens, mas depois de ouvirem
teus impérios contra o rei, é até suave
teu banimento imediato. Eu me esforçava
continuadamente para dissipar 515
a contrariedade do rei irritado
e desejava ver-te ficar onde estás.
Tu, ao invés de refreares a loucura,

injuriavas dia e noite o soberano.
Agora expulsam-te por isso da cidade. 520
Eu, entretanto, mesmo nestas circunstâncias
não renego os amigos. Traz-me aqui, mulher,
meu cuidado com tua sorte; não desejo
ver-te banida sem recursos com teus filhos
nem que te falte algo. Bastam as agruras 525
da triste condição de desterrada. Odeias-me,
mas nem por isso te desejo o menor mal.

MEDÉIA

Maior dos cínicos! (É a pior injúria
que minha língua tem para estigmatizar
a tua covardia!). Estás aqui, apontas-me, 530
tu, meu inimigo mortal? Não é bravura,
nem ousadia, olhar de frente os ex-amigos
depois de os reduzir a nada! O vício máximo
dos homens é o cinismo. Mas, pensando bem,
é preferível ver-te aqui; abrandarei 535
meu coração retribuindo teus insultos
e sofrerás ouvindo-me. Começarei
pelo princípio. Eu te salvei (todos os gregos¹⁷
que embarcaram contigo na *Argó* bem sabem),
quando foste enviado para submeter 540
ao duro jugo o touro de hálito inflamado
e para semear a morte em nossos campos.
Fui eu que, oferecendo-te modos e meios
de matar o dragão, guarda do toirão áureo,
imune ao sono, com seus múltiplos anéis, 545
fiz brilhar para ti a luz da salvação.
Traí meu pai, eu, sim, e traí a família
para levar-te a Iolco (foi maior o amor
que a sensatez); fiz Pelias morrer também,
da morte mais cruel, imposta pelas filhas, 550
e te liberei de todos os receios, Jáson.

Tratado assim por nós, homem mais vil de todos,
tu me traíste e já subiste em leito novo
(e já tinhas teus filhos!). Se ainda estivesses
sem descendência, então seria perdoável 555
que desejassem outro leito. Dissipou-se
a fé nos juramentos teus e não sei mais
se crês que os deuses de outros tempos já não reinam
ou se pensas que no momento há novas leis 560
para os mortais, pois deves ter noção, ao menos,
de tua felonía em relação a mim.
Ah! Esta mão direita e estes meus joelhos
que tantas vezes seguraste! Ah! Foi em vão
que tantas vezes me abraçaste, miserável!
Como fui enganada em minhas esperanças!... 565

Silêncio

Continuemos; quero fazer-te perguntas
como se fosses meu amigo: francamente,
que posso ainda ter de ti? Não me respondes?
Proseguirei; minhas perguntas tornarão 570
mais evidente a tua infâmia. Para onde
irão meus passos hoje? Para o lar paterno,
que já traí, como traí a minha pátria,
para seguir-te? Ou para as filhas do rei Pelias?
(Que bela recepção me proporcionariam 575
as infelizes em seu lar, a mim, que um dia
causei a morte de seu pai!). Eis a verdade:
hoje sou inimiga de minha família
e só para agradar-te hostilizei amigos
que deveria ser a última a ferir.
Esta é a minha recompensa e, todavia, 580
eu esperava que, graças ao teu amor,
muitas mulheres gregas teriam inveja
de uma felicidade que devias dar-me.
Revelas-te admirável e fiel esposo

da infeliz que sou, em fuga, expulsa assim 585
daqui, sem um amigo, apenas com meus filhos
repudiados! Que magnífica torpeza
para um recém-casado ver os próprios filhos
partirem sós comigo — com quem te salvou —
para levarem vida errante e miserável! 590
Ah! Zeus! Por que deste às criaturas humanas
recursos para conhecer se o ouro é falso,
e não puseste no corpo dos homens marcas
que nos deixassem distinguir os bons dos maus?

CORIFEU

Terrível e difícil de curar é a cólera 595
que lança amigos contra amigos e os separa!

JÁSON

Se não me engano, é necessário que eu não seja
inábil no falar e, como um nauta alerta,
recolha as minhas velas, para ver se escapo
a essa tempestade desencadeada 600
aqui por tua língua mórbida, mulher.
Com relação a mim (já que exaltaste tanto
os teus serviços), devo atribuir a Cípris¹⁸,
e a mais ninguém, seja mortal ou seja deus,
todo o sucesso em minha expedição. Sem dúvida 605
o teu espírito é sutil e não admities
sem relutância que o Amor, com suas setas
inevitáveis, fez com que tu me salvasses.
De resto, não pretendo ser muito preciso
quanto a esses detalhes e não faço queixas, 610
quer tenha sido grande a ajuda, quer pequena.
Por minha salvação, porém, já recebeste
como compensação mais do que deste. Explico-me:
primeiro, a terra grega em vez de um país bárbaro

passou a ser tua morada. Conheceste 615
as leis e podes viver segundo a justiça,
liberta do jugo da força. Os gregos todos
respeitam a tua ciência (hoje és famosa,
mas se ainda morasses nos confins da terra
quem falaria de teu nome?). Quanto a mim, 620
eu não desejaria ter grandes riquezas,
nem voz mais bela que a de Orfeu, se essa ventura¹⁹
não atraísse olhares. Eis o que eu queria
dizer-te acerca dessa propalada ajuda,
já que tu mesma provocaste este debate. 625
Quanto ao meu casamento com a filha do rei,
de que falas tão acremente, provarei
que agindo como agi, primeiro fui sensato
e depois hábil e, afinal, fui bom amigo
em relação a ti e a meus primeiros filhos. 630

A um gesto indignado de MEDÉIA

Tem calma! Quando vim de Iolco para cá
envolto em tantas, inelutáveis desgraças,
podia acontecer-me algo de mais feliz
que me casar aqui com a filha do rei,
eu, um banido? Não pelos motivos torpes 635
que te amarguram, não por odiar teu leito
ou por simples desejo de uma nova esposa;
tampouco por ambicionar uma progênie
mais numerosa (já tenho filhos bastantes,
não vou queixar-me). Desejava — isto é importante — 640
assegurar-nos uma vida boa e próspera,
isenta de dificuldades, pois os pobres
vêm fugir para bem longe seus amigos.
Ainda mais: criar condignamente os filhos,
dar aos gerados em teu ventre mais irmãos, 645
pô-los todos num mesmo nível de igualdade
e ser feliz vendo a união de minha raça.

Tu, que necessidade tens de novos filhos?
É de meu interesse, todavia, tê-los,
a fim de assegurar aos filhos atuais 650
o apoio dos futuros. Crês que estou errado?
Se não te devorasse este ciúme enorme,
nem tu censurarias a minha conduta.
Mas as mulheres são assim; nada lhes falta
se o leito conjugal é respeitado; se ele 655
recebe um dia o menor golpe, então as coisas
melhores e mais belas vos parecem péssimas.
Se se pudesse ter de outra maneira os filhos²⁰
não mais seriam necessárias as mulheres
e os homens estariam livres dessa praga! 660

CORIFEU

Tuas palavras foram habilmente ditas,
Jáson, e as enfeitaste bem, mas ousarei
contrariar a tua opinião; direi
que agiste mal abandonando esta mulher.

MEDÉIA

Sem dúvida sou diferente em muitas coisas 665
da maioria dos mortais. Assim, entendo
que alguém, se além de mau é hábil no falar
merece punição ainda mais severa,
pois confiado no poder de seus discursos
para ocultar os maus desígnios com palavras 670
bonitas, não receia praticar o mal.
Mas ele não é tão solerte quanto pensa.
Pára também de me impingir tua conversa
cínica e artificiosa. Uma palavra
apenas é bastante para confundir-te. 675
Não fosses tu um traidor e deverias
ter começado por tentar persuadir-me

antes de consumir teu novo casamento,
em vez de ser omissivo com a tua amiga.

JÁSON

Creio que me terias ajudado muito
em meus projetos para o outro casamento
se alguma vez eu te houvesse falado neles,
tu que, neste momento, nem podes frear
esse rancor terrível de teu coração.

680

MEDÉIA

Isso não te preocupava; só pensavas
que o casamento com Medéia — uma estrangeira —
te encaminhava para uma velhice inglória.

685

JÁSON

Repito: não foi para ter outra mulher
que me esforcei por conquistar um leito régio;
foi só, como já disse, para te salvar,
para que os filhos meus fossem irmãos de reis
e para dar à minha casa solidez.

690

MEDÉIA

Não quero uma felicidade tão penosa,
nem opulência que me esmague o coração!

JÁSON

Se desejas mudar e parecer sensata,
não penses que a ventura possa ser funesta
nem que a fortuna torne alguém infeliz²¹.

695

MEDÉIA

Insulta-me! Sabes que estás seguro aqui,
mas eu devo partir desprotegida e só.

JÁSON

Foi tua a escolha. Não ponhas a culpa em outros.

700

MEDÉIA

Mas como? Então sou eu que caso e que te traio?

JÁSON

Lançaste sobre o rei terríveis maldições.

MEDÉIA

Amaldiçoarei também teu novo lar!

JÁSON

Não mais discutirei contigo; se quiseres
para ti mesma e nossos filhos no degredo
parte de minhas posses, fala; prontifico-me
a dar-te com mão liberal e a pleitear
de meus amigos cujas terras procurares,
boa acolhida para ti. Se recusares
a minha oferta, darás prova de loucura.
Põe termo a tanta cólera para teu bem.

705

710

MEDÉIA

Jamais recorrerei a teus anfitriões,

pois nada quero deles nem nada de ti;
não há proveito nas ofertas de homens maus.

JÁSON

Invoco as divindades como testemunhas 715
do meu desejo de fazer tudo por ti
e pelos filhos. O bem de que sou capaz
te desagrada e tua intransigência afasta
os amigos de ti; sofrerás mais assim.

MEDÉIA

Vai logo embora! Estás ansioso por rever 720
a tua nova amante e contas os momentos
desperdiçados longe do palácio dela.
Corre! Vai consumir depressa o casamento,
pois se os deuses me ouvirem tuas reais bodas
serão de tal maneira estranhas que nem tu 725
hás de querer a noiva para tua esposa!

CORO

Amor sem freios não traz aos mortais
honra ou virtude. Quando, porém Cípris
é comedida, não há divindade
mais benfazeja, mais cheia de graça. 730
Jamais, rainha, teu arco dourado²²
atire contra nós flechas fatais
molhadas com o veneno do desejo!
Que nos sorria sempre a castidade,
a mais preciosa dádiva dos deuses! 735
Possas Cípris terrível preservar-nos
da fúria da discórdia e das querelas
sem fim, poupando nossas almas puras

do frenesi de uma paixão ignóbil. 740
São venturosas as núpcias pacíficas
e bem-aventuradas as mulheres
cuja fidelidade é incensurável.
Ah! Nossa pátria e lar! Queiram os céus
que nunca nos desterrem nem levemos 745
uma vida penosa na miséria,
de todas as desditas a mais digna
de piedade! Que nos fira a morte
antes de contemplarmos esse dia,
pois vemos — não contamos por ouvir 750
de estranhos — que tu não tiveste pátria
nem um amigo para comover-se
com o cruel destino que te esmaga!
Morra o ingrato que não foi capaz
de honrar, como devia, a sua amiga 755
e não lhe abriu os mais puros recônditos
da alma! Não queremos tais amigos!

Entra EGEU vestido de peregrino

EGEU

Salve, Medéia, pois este é o melhor início²³
para os encontros entre amigos como nós!

MEDÉIA

Salve, filho do sábio Pandion, Egeu!
De onde vieste para visitar-me aqui? 760

EGEU

Venho do antigo templo dedicado a Apolo²⁴.

MEDÉIA

Qual a razão de tua ida ao santuário
onde o deus profetiza no centro do mundo?

EGEU

Para saber de Apolo como procriar.

MEDÉIA

Desejas tanto um filho e vives sem o ter?

765

EGEU

Vivo sem filhos pela vontade dos deuses.

MEDÉIA

Já tens esposa, ou ainda não te casaste?

EGEU

Não me furtei ao jugo das núpcias normais.

MEDÉIA

Que disse Apolo à tua súplica por filhos?

EGEU

Falou alto demais para a razão humana.

770

MEDÉIA

Posso saber qual foi a réplica do deus?

EGEU

Podes e deves; tua mente é penetrante.

MEDÉIA

Qual é, então, o oráculo? Dize que eu ouço.

EGEU

Ele não quer que eu solte o pé que sai do saco...²⁵

MEDÉIA

Antes de ir aonde, ou de fazer o quê?

775

EGEU

... antes de retornar à terra de meus pais.

MEDÉIA

Que desígnios te obrigam a voltar, Egeu?

EGEU

Lá mora o rei Piteu, que manda nos trezênios...²⁶

MEDÉIA

Filho de Pêlops e muito devoto — dizem.

EGEU

... a quem devo dizer o oráculo do deus.

780

MEDÉIA

Ele é um sábio e entendido neste assunto.

EGEU

E para mim é o aliado mais querido.

MEDÉIA

Com voz sumida

Vai, sê feliz, então, e tenhas o que almejas!...

EGEU

Observando melhor MEDÉIA

Por que este olhar triste, esta expressão sofrida?

MEDÉIA

O meu marido, Egeu, é o pior dos homens...

785

EGEU

Como? Conta-me tuas penas com detalhes!

MEDÉIA

Jáson me ultraja sem que eu tenha culpa alguma.

EGEU

Explica-te com mais clareza: que fez Jáson?

MEDÉIA

Outra mulher agora é dona de seu lar.

EGEU

Ele jamais seria tão indigno e mau!

790

MEDÉIA

Pois foi; despreza-me depois de haver-me amado.

EGEU

Foi por ter outro amor, ou por ódio a teu leito?

MEDÉIA

Um novo amor o faz trair a amiga de antes.

EGEU

Deixa-o, então, se é tão perverso quanto dizes.

MEDÉIA

Casando-se com outra ele se alia a um rei.

795

EGEU

E quem lhe dá a filha? Dize logo tudo!

MEDÉIA

Creonte, o soberano daqui de Corinto.

EGEU

Então a tua dor é natural, Medéia.

MEDÉIA

Estou perdida; fui expulsa desta terra...

EGEU

Por quem? Falas agora de nova desgraça.

800

MEDÉIA

Creonte me degrada e bane-me daqui.

EGEU

Isto é insuportável! E Jáson consente?

MEDÉIA

Não, em palavras, mas seus desejos o vencem.

Por isso tudo te conjuro, por teu queixo,

por teus joelhos, pelos direitos sagrados

dos suplicantes! Compadece-te de mim,

tem piedade de meu imenso infortúnio!

Não me deixes viver no exílio, abandonada!

Dá-me acolhida em teu país, em tua casa!

Em retribuição dêem-te os deuses filhos,

como desejas, para que morras feliz.

Não imaginas quão afortunado foste

em vir ao meu encontro aqui; graças a mim

805

810

não ficarás sem filhos, logo serás pai;
conheço filtros com essa virtude mágica.

815

EGEU

Muitas razões, mulher, levam-me a conceder-te
a graça que me pedes; inicialmente,
o respeito devido aos deuses, e depois
vem a esperança dos filhos que me prometes
(voltam-se para esse desejo há muito tempo
meus pensamentos). Eis minha resolução:
vem para o meu país; lá eu me empenharei
em dar-te, como devo, a melhor acolhida.

820

Quero dizer-te apenas uma coisa mais:
não penso em tirar-te daqui eu mesmo, agora,
mas se te dirigires por tua vontade
à minha casa, nela encontrarás asilo
inviolável; a ninguém te entregarei.
Levem-te de Corinto, então, teus próprios passos
para que não me acusem meus anfitriões.

825

830

MEDÉIA

Assim será, mas eu teria mais certeza
se decidisses empenhar tua palavra.

EGEU

Não confias em mim? Ou algo te inquieta?

MEDÉIA

Confio, mas me são hostis os descendentes
de Pelias e da família de Creonte.
Se pretendessem arrancar-me de teu lar

835

— de meu asilo —, tu, preso por juramento,
não deixarias que me tirassem de lá.
Se, todavia, houver apenas entre nós
simples palavras, sem um juramento aos deuses,
será que não conseguirão persuadir-te
e levar-te a ceder à voz de seus arautos?
Sou fraca, enquanto eles são ricos e são reis.

840

EGEU

Usas uma linguagem cheia de prudência.
Se preferes assim eu não me esquivarei
a teu pedido. Ele me dá inda mais força
para antepor às injunções dos inimigos
a palavra jurada; tua proteção
será maior. Que deuses queres que eu invoque?

845

MEDÉIA

Jura pela face da terra e pelo sol,
pai de meu pai, e pelas divindades todas.

850

EGEU

Que vou fazer ou deixar de fazer? Conclui!

MEDÉIA

Jura que nunca, em tempo algum, me expulsarás
de tua terra e se qualquer de meus algozes
quiser, com violência, tirar-me de lá,
jamais consentirás enquanto fores vivo.

855

EGEU

Juro pela face da terra, pela luz
claríssima do sol e por todos os deuses,
fazer intransigentemente o que me dizes.

MEDÉIA

Isto é bastante para mim. Mas, se faltares
ao juramento, em que penas incorrerás?

860

EGEU

Nas reservadas aos mais ímpios dos mortais.

MEDÉIA

Parte feliz, então; tudo irá bem agora.
E quanto a mim, dentro de muito pouco tempo
irei para tua cidade, após haver
realizado meus desígnios e desejos.

865

CORO

Dirigindo-se a EGEU, que se retira com sua escolta

Vai com Hermes, o deus filho de Maia²⁷!
Que teus desejos sejam exalçados,
Egeu, pois te mostraste generoso!

MEDÉIA

Zeus! Justiça de Zeus! Cintilação do sol!
Agora, amigas minhas, poderei vencer
todos os inimigos gloriosamente!
Tenho esperanças, hoje que a marcha começa,
de ver caírem, justamente castigados,
meus adversários, pois no auge da tormenta

870

875

em que me debatia apareceu esse homem,
porto seguro onde depois de realizar
os meus desígnios, irei amarrar as cordas
quando chegar lá em Atenas gloriosa.

Dirigindo-se ao CORIFEU

Agora vou contar-te todos os meus planos 880
(minhas palavras não serão para agradar).
Enviarei a Jáson um de meus criados
para pedir-lhe que venha encontrar-me aqui.
Quando chegar, falar-lhe-ei suavemente;
direi que suas decisões são acertadas 885
e concordo com elas; ele me abandona
para casar-se com a filha do rei; faz bem,
pois isso corresponde aos interesses dele.
Mas pedirei que deixe meus filhos aqui,
não que eu queira largá-los numa terra hostil 890
nem os expor à sanha de quem os odeia,
mas a fim de aprontar para a filha do rei,
por intermédio deles, a armadilha atroz
em que ela morrerá levando o pai à morte.
Mandá-los-ei a ela com presentes meus 895
para a nova mulher, a fim de que ela evite
o exílio deles: um véu dos mais finos fios
e um diadema de ouro. Se ela receber
os ornamentos e com eles enfeitar-se,
perecerá em meio às dores mais cruéis 900
e quem mais a tocar há de morrer com ela,
tão forte é o veneno posto nos presentes.

Com uma expressão de horror

Mas mudo aqui meu modo de falar, pois tremo
só de pensar em algo que farei depois:
devo matar minhas crianças e ninguém 905

pode livrá-las desse fim. E quando houver
aniquilado aqui os dois filhos de Jáson,
irei embora, fugirei, eu, assassina
de meus muito queridos filhos, sob o peso
do mais cruel dos feitos. Não permitirei, 910
amigas, que riam de mim os inimigos!
Terá de ser assim. De que vale viver?
Já não existem pátria para mim, meu lar,
nenhum refúgio nesta minha desventura.
Fui insensata quando outrora abandonei 915
o lar paterno, seduzida pela fala
desse grego que, se me ajudarem os deuses,
me pagará justa reparação em breve.
Jamais voltará ele a ver vivos os filhos
que me fez conceber, e nunca terá outros 920
de sua nova esposa que — ah! miserável! —
deverá perecer indescritivelmente
graças aos meus venenos! Que ninguém me julgue
covarde, débil, indecisa, mas perceba
que pode haver diversidade no caráter: 925
terrível para os inimigos e benévola
para os amigos. Isso dá mais glória à vida.

CORIFEU

Já que nos fazes estas confidências, quero,
ao mesmo tempo, dar-te um conselho profícuo
e tomar a defesa das humanas leis: 930
desiste de levar avante esses teus planos!

MEDÉIA

Não pode ser de outra maneira, mas entendo
teu modo de falar, pois não estás sofrendo
o tratamento desumano que me dão.

CORIFEU

Ousarás mesmo exterminar teus próprios filhos?

935

MEDÉIA

Matando-os, firo mais o coração do pai.

CORIFEU

E tornas-te a mulher mais infeliz de todas.

MEDÉIA

Terá de ser assim. Deste momento em diante
quaisquer palavras passarão a ser supérfluas.

Dirigindo-se à AMA, que permanecia perto

Vai, traze Jáson para cá; recorro a ti
quando a missão requer pessoa confiável.
Não fales a ninguém de minhas decisões
se queres bem à tua dona e se és mulher.

940

Sai a AMA

CORO

Os Erecteidas sempre foram prósperos²⁸,
filhos dos deuses bem-aventurados;
numa terra sagrada e até hoje invicta
eles se nutrem da sapiência excelsa,
haurindo o ar puro e transparente, em marcha
airosa lá onde a loura Harmonia,
segundo muitos dizem, deu à luz
as santas Pierides — nove Musas.

945

950

Contam, também, que Cípris aspirou
nas ondas do Céfiso alegre o hálito²⁹
fresco e dulcíssimo que ainda paira
por lá, quando, encantada, colhe as rosas 955
mais perfumadas para coroar
seus cabelos formosos, com os Amores,
convivas da Sapiência, auxiliares
de todas as virtudes. Como, então,
a cidade dos rios consagrados³⁰, 960
a terra acolhedora dos amigos,
iria receber-te, a ti, a má,
a infanticida? Não pensas nos golpes
que decidiste desfechar nos filhos,
no morticínio que vais perpetrar? 965
Não, pelos teus joelhos, todas nós
te suplicamos com todas as forças:
não os abatas! Onde em tua alma,
onde em teus braços buscarás coragem
para assestar ao coração dos filhos 970
os golpes de uma audácia inominável?
Como, volvendo o olhar para teus filhos,
serás, sem lágrimas, sua assassina?
Não poderás, diante de teus filhos
prostrados, suplicantes, mergulhar 975
em sangue tuas implacáveis mãos!

Entra JÁSON, seguido pela AMA

JÁSON

Estou aqui em atenção a teu chamado;
não pude ficar insensível ao apelo,
mesmo sabendo de teu ódio contra mim,
e venho ouvir, Medéia, teu novo pedido. 980

MEDÉIA

Imploro, Jáson! Peço-te perdão por tudo
que já te disse; deves ser compreensivo
em meus momentos de exasperação, depois
das provas incontáveis de paixão recíproca!
Eu mesma ponderei e até me censurei: 985
“Por que tamanha insensatez e hostilidade
contra decisões razoáveis, infeliz?
Por que tratar como inimigos os senhores
deste lugar e um marido que age de acordo
com nossos interesses ao casar agora 990
com uma princesa para dar novos irmãos
aos filhos meus? Não renunciarei, então,
ao meu rancor? Que sentimentos serão esses
quando os bons deuses encaminham bem as coisas?
Não tenho filhos? Já não fui banida antes³¹ 995
de outras paragens, de onde vim sem um amigo?”
Essas ponderações me fizeram sentir
toda a minha imprudência e toda a desrazão
de meu ressentimento. Agora estou de acordo
com teu procedimento e julgo-te sensato 1000
por teres desejado uma aliança nova
e chamo-me demente, pois eu deveria
ter-me aliado a ti em tuas pretensões
e te ajudar a realizá-las, e ficar
junto ao leito da noiva e sentir o prazer 1005
de dispensar-lhe mil cuidados. Afinal,
nós, as mulheres, somos todas o que somos³²
e não falarei mal de nós. Não deverias,
pois, imitar-me nas injúrias nem, tampouco,
opor frivolidades a frivolidades. 1010
Rendo-me à evidência agora e reconheço
que antes pensava erradamente, mas tomei
há pouco uma resolução mais acertada.

Voltando-se em direção à casa

Filhos! Meus filhos! Vinde ao meu encontro aqui!

Os filhos aparecem, seguidos pelo PRECEPTOR

Vinde saudar o vosso pai e dirigir-lhe, 1015
como vossa mãe, umas palavras; esquecei,
comigo, o ódio em relação aos bons amigos.
Vamos fazer as pazes, ceda nossa cólera.
Tomai em vossas mãos a mão direita dele!

À parte, enquanto os filhos seguram a mão de JÁSON

Ah! Penso agora numa desgraça latente! 1020
Por quanto tempo ainda estendereis, meus filhos,
vossos braços queridos?

Voltando ao normal

Ah! Pobre de mim!
Com que facilidade eu choro e sou vencida
pelo temor! Na ocasião em que se acabam
minhas altercações com vosso pai, meus olhos 1025
enchem-se de sentidas, incontáveis lágrimas!

CORIFEU

Os meus, também, não podem resistir ao pranto.
Que não resulte mal maior dos males de hoje!

JÁSON

Agradam-me, mulher, essas tuas palavras,
e não censuro as que disseste no passado. 1030
Sempre as mulheres voltam-se contra os maridos
quando eles optam por um novo casamento.
Teu coração, porém, mudou para melhor;

o tempo te fez afinal reconhecer
qual a vontade que deve preponderar.
Agem dessa maneira as mulheres sensatas.

1035

Voltando-se para os filhos

Não descuidou de vós o vosso pai, meus filhos;
ele vos dá, com o beneplácito dos deuses,
um bom futuro. Creio que aqui em Corinto
um dia atingireis as posições mais altas
em companhia dos outros irmãos. Crescei,
então; o resto cabe ao vosso pai e aos deuses,
dos quais espero a graça de vos ver chegar
à juventude exuberantes de vigor,
em tudo mais capazes que meus inimigos.

1040

1045

Dirigindo-se a MEDÉIA, que chorava

Mas, por que banham os teus olhos tantas lágrimas?
Por que procuras esconder teu rosto pálido?
Minhas palavras não te deixam satisfeita?

MEDÉIA

Nada... Pensava apenas em nossas crianças...

JÁSON

Então fica tranqüila; estou cuidando delas.

1050

MEDÉIA

Quero ficar; não devo duvidar de ti
mas a mulher é fraca e chora facilmente.

JÁSON

Basta, pois, de lamentações sobre teus filhos.

MEDÉIA

Fui eu quem os gerou; quando fazia votos
para que a vida lhes sorrisse, perguntava-me, 1055
entristecida, se seria assim. Voltemos
às coisas que eu queria expor-te; algumas delas
já foram ditas; falarei do resto agora.

Agrada ao rei ver-me afastada desta terra;
compreendo tudo muito bem e eu mesma julgo 1060
que minha vida não deve ser empecilho
nem para ti nem para o rei, pois consideram-me
hostil à casa dele. Então eu partirei
para o exílio, mas consegue de Creonte
que nossos filhos não sejam também banidos 1065
para que tuas mãos de pai os encaminhem.

JÁSON

Não sei se vou persuadi-lo; tentarei.

MEDÉIA

Quem sabe se tua nova mulher não pode
obter do pai que deixe as crianças aqui?

JÁSON

Bem dito; acho possível convencê-la disso. 1070

MEDÉIA

Sim, se ela for igual às outras. Aliás,
também posso ajudar-te nessa tentativa.

Mandar-lhe-ei presentes muito mais formosos
que os conhecidos nesta terra (muito mais!):
um véu diáfano e um diadema de ouro,
que lhe serão entregues por nossas crianças.

1075

Falando em direção à casa

Trazei-me sem demora, servas, os presentes!

Falando a JÁSON

Ela não há de ter somente uma ventura;
serão inúmeras, por encontrar em ti,
para levá-la ao leito, um esposo perfeito,
e por tornar-se dona de belos adornos
que o Sol, pai de meu pai, deu a seus descendentes.

1080

Uma criada traz da casa o véu e o diadema, que MEDÉIA entrega aos filhos

Tomai estes presentes nupciais, meus filhos,
em vossas mãos; levai-os à própria princesa;
é uma oferenda minha à venturosa esposa.
Não são regalos desprezíveis que ela ganha.

1085

JÁSON

Por que vais desfazer-te destes bens preciosos?
Perdeste o senso? Pensas que a casa real
carece de ouro? Guarda-os! Não te prives deles!
Se nos dispensa essa mulher algum apreço,
o meu pedido a moverá mais que riquezas.

1090

MEDÉIA

Não fales deste modo. Dizem que os presentes

dobram até as divindades e que o ouro
tem mais poder para os mortais que mil pedidos. 1095
Pende o destino para o lado dela, um deus
a favorece agora e lhe dá boa sorte.
Ela é mais jovem, reinará. Para salvar
meus filhos do desterro eu lhe daria a vida,
além do ouro. Ide, filhos, ide logo 1100
até o palácio e suplicai à nova esposa
de vosso pai, minha senhora; implorai dela
que não consinta em vosso exílio, oferecendo-lhe
estes adornos. É importante que ela pegue
com as próprias mãos estes presentes valiosos.

Os filhos se afastam com JÁSON e o PRECEPTOR

Ide depressa, filhos, e trazei notícias 1105
de que vossa mãe teve o sucesso esperado.

CORO

Não temos esperanças quanto à vida
dessas crianças; elas se encaminham
agora para a morte. A nova esposa,
a infeliz, receberá — coitada! — 1110
a perdição dourada; em toda a volta
de seus cabelos louros já vai pôr,
com suas próprias mãos, aquele adorno
que a levará à morte. O encanto dele
e o brilho eterno a induzirão depressa 1115
a usar o véu e o áureo diadema,
presentes dessas núpcias infernais.
Eis a armadilha, a sentença de morte
em que irá emaranhar-se a moça;
ela não pode fugir ao destino. 1120
E tu, funesto e desgraçado esposo,
que te aliaste a nossos reis, preparas

inadvertidamente a destruição
de teus filhos sem sorte e a morte horrível
de tua nova esposa! Até que ponto 1125
te enganas, infeliz, quanto a teu fado!
Choramos por teu sofrimento enorme,
desventurada mãe dessas crianças,
pois vais matá-las por causa do amor
que teu esposo perjuro traiu 1130
só para conquistar outra mulher!

O PRECEPTOR reaparece com as crianças

PRECEPTOR

Dirigindo-se a MEDÉIA

Aqui estão teus filhos, salvos do desterro.
A jovem recebeu pronta e alegremente
os teus presentes das mãos deles. Fez-se a paz
com as crianças lá. Mas, por que estás aflita? 1135
Por que demonstras nas feições tanto transtorno
quando afinal a sorte está a teu favor?
Por que procuras ocultar o rosto assim
e acolhes constrangida a minha informação?

MEDÉIA

Ai! Ai de mim! 1140

PRECEPTOR

Isto é incompatível com minhas palavras.

MEDÉIA

Ai! Ai de mim!

PRECEPTOR

Teria eu, sem perceber, anunciado
uma desgraça? Então me equivoquei pensando
que te trazia uma mensagem agradável?

1145

MEDÉIA

Disseste o que disseste; não te reprimino³³.

PRECEPTOR

Por que esses olhos cerrados, essas lágrimas?

MEDÉIA

É natural, e muito, ancião. Já se consumam
as intenções divinas e as maquinações
de minha mente e seus terríveis pensamentos.

1150

PRECEPTOR

Anima-te! Trazida por teus próprios filhos,
reaparecerás um dia em Corinto.

MEDÉIA

Antes farei com que desapareçam outros
nas profundezas desta terra! Ai de mim!

PRECEPTOR

Não és a única, porém, que é separada
dos filhos. Nós, mortais, devemos enfrentar
com naturalidade os golpes do destino.

1155

MEDÉIA

Procederei assim. Retorna à minha casa
e cuida das crianças como de costume.

Sai o PRECEPTOR. Os filhos continuam em cena

Queridos filhos meus! Agora vos espera 1160
para meu desespero um mundo diferente³⁴,
outra morada onde estareis eternamente
sem vossa mãe! E me fazem partir, banida
para uma terra estranha, sem haver podido
colher as muitas alegrias que esperava 1165
de vós, antes de ver vossa felicidade,
antes de vos haver levado ao matrimônio,
de haver composto vosso leito nupcial
e de acender as tochas rituais nas bodas!...
Ah! Infeliz de mim! Que presunção a minha! 1170
Criei-vos, filhos meus, em vão, sofri em vão
por vós, dilacerada nas dores atrozes
do parto! Ah! Devo confessar — infortunada! —
que já depusitei em vós muita esperança:
que vós sustentaríeis a minha velhice 1175
e, quando eu falecesse, vossas mãos piedosas
me enterrariam (todas desejamos isso).
Mas desvanecem-se esses doces pensamentos!
Arrancada de vós, terei de suportar
uma existência de amargura e sofrimentos. 1180
E nunca, nunca mais, vossos olhos queridos
poderão ver-me! (Partirei para outra vida...).
Ai de mim! Ai de mim! Por que voltais os olhos
tão expressivamente para mim, meus filhos?
Por que estais sorrindo para mim agora 1185
com este derradeiro olhar? Ai! Que farei?
Sinto faltar-me o ânimo, mulheres, vendo
a face radiante deles... Não! Não posso!

Adeus, meus desígnios de há pouco! Levarei
meus filhos para fora do país comigo. 1190
Será que apenas para amargurar o pai
vou desgraçá-los, duplicando a minha dor?
Isso não vou fazer! Adeus, meus planos... Não!
Mas, que sentimentos são estes? Vou tornar-me
alvo de escárnio, deixando meus inimigos 1195
impunes? Não! Tenho de ousar! A covardia
abre-me a alma a pensamentos vacilantes.
Ide para dentro de casa, filhos meus!

Saem os filhos

Quem não quiser presenciar o sacrifício,
mova-se! As minhas mãos terão bastante força! 1200
Ai! Ai! Nunca, meu coração! Não faças isso!
Deves deixá-los, infeliz! Poupa as crianças!
Mesmo distantes serão a tua alegria.
Não, pelos deuses da vingança nos infernos!
Jamais dirão de mim que eu entreguei meus filhos 1205
à sanha de inimigos! Seja como for,
perecerão! Ora: se a morte é inevitável,
eu mesma, que lhes dei a vida, os matarei!
De qualquer modo isso terá de consumir-se.
Não vejo alternativas. Deve estar morrendo 1210
a princesinha, com o diadema na cabeça,
envolvida no véu (quanta certeza eu tenho!).
Portanto, já que deverei seguir a via
do supremo infortúnio e fazê-los trilhar
caminho ainda mais desesperado, agora 1215
devo chamar meus filhos para a despedida.

MEDÉIA acena em direção à casa e os filhos são trazidos de volta à cena

Vinde, meus filhos, e estendei a mão direita
para que vossa mãe inda possa estreitá-la.

MEDÉIA abraça e beija os filhos

Ah! Muito amadas mãos! Ah! Lábios muito amados!
Ah! Porte e rostos muito altivos de meus filhos! 1220
Sede felizes, ambos, mas noutro lugar,
pois vosso pai vos privou da ventura aqui.
Ah! Doce abraço e tão aveludados rostos
e hálito suave de meus filhos! Ide!

MEDÉIA afasta dela os filhos e os faz voltarem para casa

Faltam-me forças para contemplar meus filhos. 1225
Sucumbo à minha desventura. Sim, lamento
o crime que vou praticar, porém maior
do que minha vontade é o poder do ódio,
causa de enormes males para nós, mortais³⁵!

CORO

Vezes inúmeras nos entregamos 1230
a muitas e sutis divagações
ao meditar sobre temas mais altos
do que às mulheres é normal versar.
Nós também cultuamos nossa Musa,
que nos infunde sua sapiência 1235
(a todas, não; a poucas entre muitas
que se mostram fiéis à devoção).
Apregoamos que os mortais alheios
ao casamento e à procriação
desfrutam de maior felicidade 1240
que os pais e mães. Ignoram os sem filhos
se a prole só lhes traria alegrias
ou também dores; sua inexistência
lhes poupa mágoas e incontáveis males.
Mas sofrem de cuidados infindáveis 1245
aqueles cujos lares as crianças

adornam numa doce floração;
querem criar os filhos bem, deixar-lhes
meios de subsistência, mas não sabem
se apesar dos cuidados hão de ser
bons ou perversos. Também falaremos
do último dos males e incertezas:
ainda que tenham amontoado
bastantes bens e que seus filhos cheguem
à juventude e tenham boa índole,
se for vontade do destino a morte
os rouba logo e leva deste mundo.
Que benefício advém, então, aos homens
se para ter a descendência arriscam-se
a receber, mandado pelos deuses
além de tantos outros sofrimentos,
esse castigo mais cruel de todos³⁶?

MEDÉIA

Estou na expectativa de acontecimentos
há muito tempo, amigas, só imaginando
o que pode haver ocorrido no palácio.
Agora vejo um dos servidores de Jáson
chegar correndo aqui; sua respiração
entrecortada mostra que nos vem trazer
notícias de alguma desgraça singular.

Entra precipitadamente o MENSAGEIRO

MENSAGEIRO

Tu que, violentando as leis, premeditaste
e praticaste um crime horripilante, fuge!
Fuge, Medéia, seja por que meios for
ou por que via, mar ou terra, nave ou carro!

MEDÉIA

Por que devo fugir? Que houve? Dize logo!

MENSAGEIRO

Morreram nosso rei Creonte e sua filha, 1275
faz pouco tempo, vítimas de teus venenos.

MEDÉIA

Tuas palavras não podiam ser mais belas.
De agora em diante és meu amigo e benfeitor.

MENSAGEIRO

Como, Medéia? Teu juízo está perfeito,
ou estás louca? Logo após exterminar 1280
a família real demonstras alegria
em vez de estremecer ouvindo esta notícia?

MEDÉIA

Tenho palavras para responder-te, amigo,
mas não te precipites; fala tu agora.
Conta! Como morreram eles? Meu prazer 1285
será dobrado se eu ouvir que pereceram
atormentados pelas dores mais terríveis!

MENSAGEIRO

Quando teus filhos — tua dupla descendência —
chegaram com o pai deles e foram levados
ao palácio real, sentimo-nos felizes, 1290
nós, os criados, que sofriamos por ti;

e de um ouvido a outro foi-se repetindo
que chegara a bom termo o desentendimento
havido entre Jáson e ti. Alguns beijavam
as mãos, beijavam outros as louras cabeças
dos filhos teus; eu mesmo, cheio de alegria,
segui com as crianças para os aposentos
onde ficavam as mulheres. A senhora
que reverenciávamos em teu lugar
antes de ver teus filhos dirigiu a Jáson
um olhar cheio de ternura, mas depois
cobriu com véus os olhos e quis desviar
o rosto pálido, pois a presença deles
causava-lhe aversão. Tentava o teu esposo
atenuar a cólera e o desagrado
da jovem, ponderando: “Não será possível
suavizar esta aparência contrafeita
ao encontrar amigos? Trata de acalmar
o teu ressentimento e vira novamente
o rosto para eles. Considera teus
os meus próprios amigos. Olha bem e aceita
estes presentes deles e pede a teu pai
que em consideração a mim dê às crianças
o generoso asilo.” À vista dos adornos
ela não resistiu e logo concordou
com seu marido. Sem esperar que teus filhos
e que o pai deles chegassem mais perto, a moça
quis apanhar depressa o véu de muitas cores,
ansiosa por usá-lo. Em frente a um espelho
vestiu o véu, e com o diadema de ouro
já na cabeça ela compunha o penteado,
sorrindo à sua própria imagem refletida.
Depois, erguendo-se do suntuoso assento,
movimentou-se, pousando no chão com graça
os pés de radiosa alvura, deslumbrada
com teus presentes, observando muitas vezes
o véu que lhe descia até os calcanhares

e se ajeitando. Mas, quase no mesmo instante,
um espetáculo terrível se mostrou
aos nossos olhos: sua cor mudou e o corpo 1330
dobrou-se; ela oscilou e seus formosos membros
tremiam, e só teve tempo de voltar
até o assento para não cair no chão.
Uma velha criada, pensando tratar-se
de algum mal súbito mandado pelos deuses, 1335
pôs-se a fazer invocações em altos brados,
até que da boca da jovem escorreu
esbranquiçada espuma e as pupilas dela
puseram-se a girar e o sangue lhe fugiu
da pele; então, em vez de invocações ouviram-se 1340
soluços fortes. Uma de suas criadas
correu em direção ao quarto do pai dela;
outra precipitou-se à procura de Jáson
para contar-lhe o que ocorrera à nova esposa.
E no palácio todo apenas escutavam-se 1345
passos precipitados. Pouco tempo após,
a infortunada moça abriu os belos olhos
e recobrando a voz gemeu horripelmente.
Exterminava-a dupla calamidade:
do diadema de ouro em seus lindos cabelos 1350
saía uma torrente sobrenatural
de chamas assassinas; o véu envolvente
— presente de teus filhos — consumia, ávido,
as carnes alvas da infeliz. Ela inda pôde
erguer-se e quis correr dali, envolta em fogo, 1355
movendo em todos os sentidos a cabeça
no afã de se livrar do adorno flamejante,
mas o diadema não saía do lugar
e quanto mais a moça agitava a cabeça
mais se alastravam as devoradoras chamas. 1360
Ela caiu no chão, por fim, aniquilada
e tão desfigurada que somente os olhos
do pai foram capazes de reconhecê-la.

Não se podiam distinguir sequer as órbitas
nem ver de forma alguma o rosto antes tão belo; 1365
corria muito sangue de sua cabeça
e misturava-se com as chamas; suas carnes,
roídas pelos muitos dentes invisíveis
de teus venenos, desprendiam-se dos ossos,
e à semelhança da resina dos pinheiros 1370
desintegravam-se numa cena horrorosa.
Todos temíamos tocar em seu cadáver,
pois tanta desventura nos deixava atônitos.
O pai, então, ainda alheio ao desenlace
horrível, entrou transtornado no aposento 1375
e se lançou de encontro à morta; soluçava
pungentemente e, envolvendo-a com seus braços,
beijou-a e disse: “Minha desditosa filha!
Que deus quis infligir-te essa aviltante morte?
Quem decidiu privar de ti um ancião 1380
à beira do sepulcro? Que a morte me leve
contigo, minha filha!” E quando terminou
de lamentar-se e soluçar, quis aprumar
o velho corpo mas, igual à hera unida 1385
ao tronco do loureiro, ele continuava
inseparavelmente preso ao fino véu.
A luta foi terrível; ele se esforçava
por levantar-se, ajoelhando-se primeiro;
o peso do cadáver, todavia, agindo
em sentido contrário, derribava o pai. 1390
Se o ancião tentava erguer-se de uma vez,
soltava-se dos ossos sua velha carne.
Vencido, finalmente, ele entregou a alma
— infortunado! —, sem forças para enfrentar 1395
tanta desgraça. Agora jazem mortos, juntos,
o idoso pai e a filha, uma calamidade
que justificaria torrentes de lágrimas.

Dirigindo-se a MEDÉIA

Nada quero dizer, Medéia, a teu respeito;
verás voltar-se contra ti a punição.

Há muito tempo considero que os mortais
vivem como se fossem sombras, e os que julgam
ser mais sagazes e pensar melhor que os outros
são os mais castigados. Criatura alguma
é venturosa até o fim; muitas possuem
bens incontáveis, mas não têm felicidade.

1400

1405

CORIFEU

Os deuses tentam atingir agora Jáson
com numerosas desventuras merecidas.
Ah! Infeliz filha do rei! Sentimos tanto
que, vítima da união com Jáson, chegues
antes do tempo às portas da mansão dos mortos!

1410

MEDÉIA

Não volto atrás em minhas decisões, amigas;
sem perder tempo matarei minhas crianças
e fugirei daqui. Não quero, demorando,
oferecer meus filhos aos golpes mortíferos
de mãos ainda mais hostis. De qualquer modo
eles devem morrer e, se é inevitável,
eu mesma, que os dei à luz, os matarei.

1415

Avante, coração! Sê insensível! Vamos!
Por que tardamos tanto a consumir o crime
fatal, terrível? Vai, minha mão detestável!

1420

Empunha a espada! Empunha-a! Vai pela porta
que te encaminha a uma existência deplorável,
e não fraquejes! Não lumbres de todo o amor
que lhes dedicas e de que lhes deste a vida!
Esquece por momentos de que são teus filhos,
e depois chora, pois lhes queres tanto bem
mas vais matá-los! Ah! Como sou infeliz!

1425

MEDÉIA entra em casa

CORO

Ah! Terra! Sol que trazes luz a tudo!
Olhai-a! Vede essa mulher funesta
antes de ela descer sobre seus filhos 1430
a mão sangrenta prestes a matar
a sua própria carne! Eles descendem
de uma raça de ouro e é horrível
que o sangue de um deus corra sob os golpes³⁷
de uma criatura humana! Vem, então, 1435
luz nascida de Zeus, fá-la parar,
detém-na, expulsa em tempo lá de dentro
a miserável Fúria sanguinária³⁸
entregue à sanha de gênios malignos!
Sofreste em vão, Medéia, por teus filhos, 1440
em vão pariste uma prole querida,
tu, que venceste o traiçoeiro estreito
de águas azuis e escolhos da Simplégades³⁹!
Ah! Infeliz! Por que tanto furor,
e tão feroz avassalou tua alma, 1445
presa desse delírio criminoso?
A maldição do sangue dos parentes
pesa sobre os mortais e precipita
contra quem mata a sua própria raça
desgraças infligidas pelos deuses 1450
na proporção exata de seus crimes.

Os FILHOS de MEDÉIA

Do interior da casa

Ai! Ai!

CORIFEU

Ouvistes os gritos dos filhos? Não ouvistes?

1º FILHO

Ah! Que fazer? Como fugir de minha mãe?

1455

2º FILHO

Não sei, irmão querido! Estamos sendo mortos!

CORIFEU

Vamos entrar! Salvemos as frágeis crianças!

1º FILHO

Sim, pelos deuses! Vinde já para salvar-nos!

2º FILHO

Já fomos dominados! Vemos o punhal!

CORIFEU

Ah! Infeliz! Tu és então de pedra ou ferro para matar assim, com tuas próprias mãos, os dois filhos saídos de tuas entranhas?

1460

1ª mulher do CORO

Somente uma mulher ousou até agora exterminar assim os seus filhos queridos!

2ª mulher do CORO

Foi Ino, que expulsa pela mulher de Zeus⁴⁰
de sua casa e sem destino, enlouqueceu.

1465

3ª mulher do CORO

Lançou-se a desditosa aos vagalhões amargos,
impondo aos filhos uma morte impiedosa.

4ª mulher do CORO

Precipitando-se de altíssimo penhasco
ao mar, ela levou seus filhos para a morte.

1470

CORIFEU

Que poderia acontecer de mais terrível?
Ah! Leito nupcial, fecundo em sofrimentos
para as mulheres, quantos males já causaste!

Entra JÁSON precipitadamente

JÁSON

Dizei, mulheres que aqui vejo em frente à casa:

Medéia, autora desse crime pavoroso,
ainda está lá dentro, ou se afastou fugindo?

1475

Que ela se esconda nas profundezas da terra,
ou, recebendo asas, suba ao infinito,

se não quiser pagar agora o justo preço

de sua crueldade! Ou pensa ela que,

1480

depois de haver causado a morte dos senhores
desta cidade, fugirá impunemente?

Mais do que nela estou pensando nos meus filhos.

Ela receberá de volta o mal que fez

às suas vítimas; é a vida de meus filhos
que vim salvar, pois temo que a real família
pretenda castigar nos frágeis descendentes
o crime horrendo cometido pela mãe.

1485

CORIFEU

Ah! Jáson! Não pudeste perceber ainda
— infortunado! — toda a tua desventura!
Sé já soubesses, não falarias assim.

1490

JÁSON

Que há? Ela queria matar-me também?

CORIFEU

Teus filhos estão mortos. Sua mãe matou-os.

JÁSON

Que dizes? Ai de mim! Mataste-me, mulher!

CORIFEU

Fica sabendo: já não existem teus filhos.

1495

JÁSON

Onde ela os trucidou? Dentro ou fora de casa?

CORIFEU

Entra em teu lar; verás teus filhos já sem vida.

JÁSON

Gritando em direção à casa

Abri logo os ferrolhos e tirai as trancas,
criados, para que eu veja meus filhos mortos
— dupla infelicidade a minha! — e sua mãe, 1500
a quem darei a merecida punição!

*Não obtendo resposta, JÁSON se lança contra a porta, tentando forçá-la.
MEDÉIA aparece por cima da casa, num carro flamejante, no qual se
vêm, também, os cadáveres de seus dois filhos*

MEDÉIA

Por que tentas forçar e destruir as portas?
Procuras os cadáveres e a criminosa?
Poupa-te esta fadiga; se quiseres ver-me,
estou aqui. Dize o que esperas. Tuas mãos, 1505
porém, jamais me tocarão. Este é o carro
que o Sol, pai de meu pai, fez chegar até mim,
para me proteger contra o braço inimigo.

JÁSON

Monstro! Mulher de todas a mais odiada
por mim e pelos deuses, pela humanidade! 1510
Tiveste a incrível ousadia de matar
tuas crianças com um punhal, tu, que lhes deste
a vida, e também me atingiste mortalmente
ao me privar dos filhos! E depois do crime
ainda tens o atrevimento de mostrar-te 1515
ao sol e à terra, tu, sim, que foste capaz
de praticar a mais impiedosa ação!
Tens de morrer! Hoje, afinal, recuperei
minha razão, perdida no dia fatídico

em que te trouxe de teu bárbaro país 1520
para uma casa grega, tu, flagelo máximo,
traidora de teu pai e da terra natal!
Lançaram contra mim os deuses um demônio
sedento de vingança que te acompanhava,
pois já tinhas matado teu irmão em casa 1525
antes de entrar em minha nau de bela proa.
Foi este o teu começo. Logo te casaste
com o homem que te fala e, depois de lhe dar
dois filhos, imolaste-os às tuas bodas
e ao leito nupcial. Jamais houve uma grega 1530
capaz de um crime destes, e eu te preferi
em vez de outra. Para desespero meu
fui aliar-me a uma inimiga, uma leoa
e não uma mulher, ser muito mais feroz
que os monstros mais selvagens. Mas, por que falar⁴¹? 1535
Eu não te ofenderia nem com mil injúrias,
tão insensível és! Dana-te, pois, infame,
nojenta infanticida! Resta-me somente
gemer curvado aos golpes deste meu destino.
Não provei o sabor, sequer, das novas núpcias 1540
e não vou conviver com os filhos, pois perdi-os!

MEDÉIA

Se Zeus pai não soubesse como te tratei
e como e quanto me ofendeste, esta resposta
à tua falação teria de ser longa.
Não deverias esperar, após o ultraje 1545
contra meu leito, que fosses passar a vida
rindo de mim, tranqüilo com a filha do rei;
Creonte, que te deu a filha para esposa,
não haveria de querer impunemente
expulsar-me daqui, onde cheguei contigo. 1550
Chama-me agora, se quiseres, de leoa
e monstro; quis apenas devolver os golpes

de teu instável coração como podia.

JÁSON

Mas também sofres. Nossas dores são as mesmas.

MEDÉIA

É claro, porém sofro menos se não ris.

1555

JÁSON

Minhas crianças! Que mãe perversa tivestes!

MEDÉIA

Matou-vos a perfídia deste pai, meus filhos!

JÁSON

Mas não foi minha a mão que lhes tirou a vida.

MEDÉIA

Foi teu ultraje, teu segundo casamento!

JÁSON

O leito abandonado justifica o crime?

1560

MEDÉIA

Essa injúria é pequena para uma mulher?

JÁSON

Se ela é sensata. Para ti, tudo é ofensa.

MEDEÍIA

Apontando para as crianças mortas

Elas já não existem. Sofrerás por isso.

JÁSON

Existem para atormentar-te em teu remorso.

MEDEÍIA

Os deuses sabem a quem cabe toda a culpa.

1565

JÁSON

Sabem, também, quão tenebrosa é tua mente.

MEDEÍIA

Odeia-me! Tuas palavras me repugnam.

JÁSON

Repugnas-me também. Matemo-nos! É fácil!

MEDEÍIA

Mas, como? Que devo fazer? É o meu desejo!

JÁSON

Deixa-me sepultar meus filhos e chorá-los!

1570

MEDÉIA

De modo algum! Com minhas próprias mãos eu mesma
hei de enterrá-los. Transportá-los-ei agora
ao santuário de Hera, deusa das colinas⁴²,
onde nem tu nem mais ninguém possa ultrajá-los
violando-lhes o túmulo. Instituiremos
solenes cerimônias na terra de Sísifo⁴³,
visando à expiação desse terrível crime.
Irei de lá para a cidade de Erecteu⁴⁴,
onde me acolherá o filho de Pandión,
Egeu. Morrerás miseravelmente aqui,
colhendo — miserável⁴⁵! — os amargos frutos
do novo casamento que tanto querias!

1575

1580

JÁSON

Ah! Céus! Matem-te as Fúrias vingadoras⁴⁶
de nossos filhos e a justiça certa!

MEDÉIA

Mas, quem te escutará, deus ou demônio,
a ti, perjuro, a ti, hóspede pérfido!

1585

JÁSON

Ah! Monstro odioso, infanticida infame!

MEDÉIA

Volta! Vai sepultar a tua esposa!

JÁSON

Sim, voltarei, e sem meus filhos mortos...

MEDÉIA

Chorarás mais ainda na velhice!

1590

JÁSON

Filhos queridos!

MEDÉIA

Por mim, não por ti!

JÁSON

Tu os mataste!

MEDÉIA

Para que sofresses!

JÁSON

Ah! Lábios adoráveis de meus filhos
tão infelizes! Quero acariciá-los!...

MEDÉIA

Hoje lhes falas, queres afagá-los;
até há pouco nem os procuravas.

1595

JÁSON

Deixa-me ao menos, em nome dos deuses,

tocar os corpos frágeis de meus filhos!

MEDÉIA

Desaparecendo lentamente com o carro

Não é possível; são palavras vãs.

JÁSON

Ouviste, Zeus, como fui repelido, 1600
como me trata a infanticida pérfida,
essa leoa? Que posso fazer?

Chorar meus filhos e tomar os deuses
por testemunhas de que, após matá-los, 1605
não me permitiste sequer tocá-los
com minhas mãos e dar-lhes sepultura...
Antes eu nunca os houvesse gerado
para vê-los morrer sob os teus golpes!...

JÁSON retira-se lentamente

CORIFEU

Enquanto o CORO também se retira

Dos píncaros do Olimpo Zeus dirige⁴⁷ 1610
o curso dos eventos incontáveis
e muitas vezes os deuses nos deixam
atônitos na realização
de seus desígnios. Não se concretiza
a expectativa e vemos afinal
o inesperado. Assim termina o drama.

FIM

NOTAS À MEDÉIA

1. *Argó* — A nave na qual Jáson, um dos Argonautas, viajou para a Cólquida, de onde voltou com Medéia (veja-se a Introdução). Para as numerosas alusões mitológicas no texto e nas notas, veja-se o *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*, Jorge Zahar Editor.

2. *Simplégades* — Duas ilhotas à entrada do mar Negro, perigosas à navegação.

3. *Pélion* — Montanha da Tessália, coberta de bosques cujas árvores serviam para a construção de remos e naus. Apolônios Ródio, na *Argonáutica*, chama a nau *Argó* de “filha do Pélion”.

4. *Pelias* — Rei de Iolco (veja-se a Introdução).

5. *Velocino de ouro* — Ou tosão de ouro, era a pele de um carneiro prodigioso, alado, com lã de ouro, que Aietes, rei da Cólquida e pai de Medéia, mantinha sob a guarda de um dragão, vigilante dia e noite (veja-se a Introdução).

6. *Filhas de Pelias* — Veja-se a Introdução.

7. *Água santa de Pirene* — Pirene era uma fonte nos arredores de Corinto, dedicada às Musas.

8. *Têmis* — Deusa da justiça.

9. *Estreito acesso...* — O Bósforo, na viagem da Cólquida para a Grécia.

10. ... *comprar por alto preço o esposo* — O dote que os pais davam às filhas por ocasião do casamento.

11. *Quando eu puder contar...* — Aqui Eurípides prepara e justifica o episódio entre Medéia e Egeu (versos 757 e segs.), que alguns críticos consideram deslocado no contexto da peça. O aparecimento de Egeu, todavia, explica-se pela fama de Medéia como feiticeira e entendida em profecias.

12. *e de punhal na mão...* — Essa alusão a punhal contradiz os versos 430 e seguintes (especialmente o verso 436). Deve-se entender que, mesmo arriscando-se a ser surpreendida, Medéia tentaria matar a noiva e o rei, ou se trata de uma premonição da idéia de matar os filhos, habilmente colocada aqui por Eurípides?

13. *Hecate* — Deusa das encruzilhadas, padroeira da magia e da feitiçaria, venerada especialmente na Cólquida. Foi no templo de Hecate que Medéia fez Jáson jurar-lhe fidelidade eterna.

14. *Sísifo* — Fundador de Corinto, era um dos antepassados da família à qual Jáson vinha de unir-se, casando-se com Glauce, filha de Creonte. A alusão de Medéia é duplamente significativa, pois associa a traição de Jáson às artimanhas de Sísifo, tido como o mais astuto dos anti-heróis da mitologia grega. Por causa dessa astúcia Sísifo foi condenado pelos deuses a tentar carregar uma enorme pedra até o cume de uma montanha, ao qual nunca chegava porque a pedra tornava a rolar montanha abaixo.

15. *Febo* — Um dos epítetos de Apolo, deus da música e da poesia, patrono das Musas. “Febo” significa “luminoso”.

16. *Rochedos gêmeos* — O estreito de Bósforo.

17. Para as alusões de Medéia no início dessa diatribe, veja-se a Introdução.

18. *Cípris* — Uma das designações de Afrodite, deusa do amor (a Vênus dos latinos).

19. *Orfeu* — Um dos Argonautas, cuja voz, de tão bela, encantava homens e feras e acalmava o mar.

20. *Se se pudesse ter de outra maneira os filhos* — Eurípides era considerado um terrível inimigo das mulheres, e a mesma idéia aqui exposta ocorre em *Hipólito* (versos 656 e segs., especialmente o verso 664 de nossa tradução). Essa prevenção lhe custou referências cáusticas dos comediógrafos da época, principalmente de Aristófanes.

21. O jogo de palavras *fortuna... infortunado* está no original.

22. A *rainha* é Cípris. O elogio à castidade no verso 734 é repetido e ampliado em várias passagens do

Hipólito, tragédia que é um confronto entre a indulgência com o sexo e a castidade.

23. Veja-se a nota 11.

24. *Antigo templo de Apolo* — O templo de Apolo Pítio em Delfos, onde havia o oráculo mais famoso da antiguidade grega. Pela importância desse oráculo os gregos diziam que Delfos era o *centro do mundo* (veja-se o verso 763).

25. A linguagem dos oráculos era sempre obscura e se prestava a interpretações divergentes. Plutarco, no capítulo III, seção 3 da *Vida de Teseu*, discorre longamente sobre esse oráculo, de sentido erótico.

26. *Piteu* — Rei de Trezena, na Argólida (parte do Peloponeso, no litoral do mar Egeu). Pêlops, pai de Piteu, teria sido o fundador dos Jogos Olímpicos.

27. *Hermes* — O deus protetor dos viajantes.

28. Este coro é um hino a Atenas, onde reinava Egeu. Os atenienses consideravam-se descendentes de Erecteu, rei lendário da cidade, filho de Hefesto e de Gaia (o deus do fogo e a Terra). Daí o epíteto de *filhos dos deuses* dado à sua posteridade. As Musas são chamadas de Pierides por terem nascido na Pieria (região situada nas proximidades de Atenas).

29. *Céfiso* — Riacho perto de Atenas.

30. *Rios consagrados* — O Céfiso e o Íliso.

31. Medéia alude a seu banimento de Iolco, em companhia de Jáson, após a morte de Pelias, de que foi a causadora, instada por Jáson (veja-se a Introdução).

32. ... *somos todos o que somos* — Rodeio de Medéia para evitar uma definição pejorativa, que contrariaria seu interesse em parecer mais cordata a Jáson. Essa indefinição hipócrita se enquadra no tom geral da fala de Medéia, no intuito de diminuir a prevenção e os receios do marido contra ela. Veja-se um rodeio semelhante no verso 1146 (*Disseste o que disseste*).

33. *Disseste o que disseste* — Veja-se o verso 1007.

34. *Um mundo diferente* — Alusão ambígua ao fim dos filhos, que se aproxima. Esse mundo *diferente* é o Hades, morada dos mortos. Veja-se também o verso 1182.

35. Esse monólogo de Medéia (apesar dela dirigir-se aos filhos, estes permanecem mudos), justamente famoso, infelizmente foi omitido pelos tradutores da *Medéia* de Cleyde Yáconis, tirando à grande artista uma oportunidade, que sem dúvida seria aproveitada, de enriquecer ainda mais a sua interpretação.

36. *Castigo mais cruel de todos* — A morte do verso 1256.

37. Uma das razões para a vinda miraculosa do carro que levaria de Corinto Medéia e os cadáveres de seus filhos é que, sendo ela e eles da raça do Sol — um deus — este não os deixaria expostos à sanha dos inimigos, simples mortais.

38. *Fúria* — As Fúrias eram divindades incumbidas de punir os crimes nefandos, principalmente entre consangüíneos.

39. *Simplégades* — Veja-se a nota 2.

40. *Ino* — Hera, deusa mulher de Zeus, despeitada com a felicidade de Ino, fê-la enlouquecer e suicidar-se com os filhos. De certo modo Ino se entrelaça à lenda de Jáson e Medéia porque, como madrasta de Frixo e de Hele (parentes de Jáson), premeditou matá-los, levando-os a fugir para a Cólquida montados no carneiro prodigioso recoberto pelo velocino de ouro. Hele caiu em pleno mar e morreu e Frixo foi morto pelo pai de Medéia, que desejava apoderar-se do velocino de ouro.

41. ... *que os monstros mais selvagens* — Literalmente: *que a tirrênia Cila*. Cila, monstro fabuloso que habitava uma caverna no litoral do mar Tirrênio (perto do atual estreito de Messina). Cila agitava o mar, provocava naufrágios e devorava os naufragos.

42. O santuário de Hera Acraia (deusa das colinas), ficava a cerca de 12 km de Corinto, fora dos domínios de Creonte.

43. *Solenes cerimônias na terra de Sísifo* — Até a época em que Pausânias escreveu sua *Descrição da Grécia* (cerca de 170 d. C.) eram celebradas em Corinto (terra de Sísifo) essas cerimônias, que só cessaram com a conquista de Corinto pelos romanos. Veja-se Pausânias, obra citada, III, 3, 6 (edição Loeb, vol. I,

pág. 263).

44. *Cidade de Erecteu* — Atenas (veja-se a nota 28).

45. A reiteração “miseravelmente ... miserável”, como várias outras ao longo da peça, está no original.

46. *As Fúrias* — Veja-se a nota 38. A partir deste verso há uma mudança de metro no original, seguida na tradução.

47. Este final é semelhante ao de *Alceste*, *Andrômaca*, *Bacantes* e *Helena*, também de autoria de Eurípides. *Drama* é usado aqui no sentido etimológico de *ação*.

HIPÓLITO

INTRODUÇÃO

Conta uma das inúmeras lendas da Grécia antiga que Teseu, rei de Atenas, era filho de Aitra e de Poseidon (o deus do mar); de seu casamento com uma das Amazonas (Hipólita ou Antíope) nasceu Hipólito, que se distinguia por sua beleza e virtude. Após a morte de sua primeira mulher, Teseu casou-se com uma cretense, Fedra, filha de Minos (rei de Creta). Por ter assassinado Palas, parente seu, Teseu teve de sair de Atenas, de acordo com os costumes locais, e exilou-se com Fedra em Trezena, onde Hipólito residia e era educado sob os cuidados de Piteu, seu bisavô. Fedra, ao ver o adolescente, apaixonou-se perdidamente por ele, malgrado seu, pois se tornara vítima do ressentimento de Afrodite. Esta deusa, decidida a destruir Hipólito por causa de sua virtude, que o levava a desdenhar a deusa do amor, pôs em execução seus planos de extermínio do enteado, que envolviam a morte da madrasta, dominada por uma paixão mórbida. Apesar de dissimular seu mal, Fedra se viu afinal constrangida a revelá-lo à sua velha ama, que lhe havia prometido ajuda; a ama, por iniciativa própria, contou tudo a Hipólito. O jovem enfureceu-se; Fedra ficou sabendo e, após haver censurado acerbamente a ama, enforcou-se. Nesse momento apareceu o rei Teseu que, esforçando-se por livrar sua mulher do laço em que se enforcara, achou nas mãos da morta uma mensagem em que Fedra, defendendo o bom nome dos filhos, acusava falsamente Hipólito de haver atentado contra sua honra. Baseado na mensagem, Teseu fulminou Hipólito com a ordem de exílio e dirigiu a Poseidon imprecações terríveis, que o deus seu pai ouviu, para que Hipólito perecesse. Embora tardiamente Ártemis expôs a Teseu toda a trama de Afrodite; sem censurar Fedra a deusa da pureza consolou o rei, privado de seu filho e de sua mulher, e prometeu instituir em honra de Hipólito o culto reservado aos heróis.

O tema do *Hipólito*, como se pode ver no resumo precedente, é a paixão não correspondida de Fedra, segunda mulher de Teseu, por seu enteado Hipólito. A atitude hostil deste, movido por seu apego fanático à pureza, leva Fedra ao suicídio. Fedra, matando-se, provoca a morte de Hipólito, vítima da maldição do

pai, que o acusa, induzido pela calúnia de Fedra, de haver tentado conquistá-la.

O assunto, em linhas gerais, era corrente na Antiguidade lendária, onde o encontramos, por exemplo, na história de José e da mulher de Putifar (*Gênese*, 39, versículos 7 e segs.), na história de Peleu e da mulher de Ácasto, e de Belerofonte e Esteneboia, estas na mitologia grega. A história de Belerofonte e de Esteneboia serviu de tema para tragédias do próprio Eurípides — *Esteneboia*, de que nos restam um resumo e fragmentos, e *Peleu*, da qual se conservaram escassos fragmentos, e que provavelmente tratava das vicissitudes de Peleu diante das investidas fracassadas de Astidâmia (a mulher de Ácasto). Sófocles dramatizou também a história de Belerofonte e de Esteneboia em sua tragédia *Iobates*, da qual conhecemos curtos fragmentos.

Voltando ao *Hipólito*, o tratamento do tema variou na própria dramaturgia grega e até nas mãos de um mesmo dramaturgo — Eurípides —, que escreveu duas versões da peça. Apesar de só conhecermos na íntegra a segunda versão — o nosso *Hipólito*, chamado também de *Segundo Hipólito* ou *Hipólito Coroado* para distingui-lo do *Primeiro Hipólito* ou *Hipólito com o Rosto Encoberto* —, dispomos de alguns fragmentos e notícias do *Primeiro Hipólito*, e da *Fedra* de Sófocles, versando sobre o mesmo tema. Haveria certo interesse literário — acreditamos — na comparação das três versões, apesar da escassez de dados quanto às duas últimas.

A — O *Primeiro Hipólito* de Eurípides. No argumento da época bizantina que precede o texto do *Segundo Hipólito* em alguns manuscritos das peças de Eurípides, há o seguinte comentário, elucidativo das diferenças básicas dos dois *Hipólitos*: “É evidente que este *Hipólito* foi escrito depois do outro, pois o que chocava e se prestava a censuras foi corrigido no presente drama. A obra é de primeira qualidade.” Deduz-se, portanto, que o *Primeiro Hipólito* continha ousadias que teriam parecido contrárias ao conceito de decência da época. Essas ousadias certamente se relacionavam com a atitude de Fedra para com Hipólito e, de acordo com uma versão conservada na *Vida de Eurípides* escrita por Sátiro, o poeta, traído por sua primeira mulher, teria estigmatizado na peça o despudor feminino. E, apesar de na segunda versão Hipólito reprimir a má conduta das mulheres (versos 654 e seguintes), o forte epíteto “prostituta” aplicado por Aristófanes a Fedra (*Rãs*, verso 1043) é esclarecedor quanto ao comportamento da mulher de Teseu no *Primeiro Hipólito*: ela se entregava inteiramente à sua paixão mórbida e se declarava diretamente ao enteado. Tanto quanto se pode deduzir dos fragmentos conservados (números 428 a 448 na 2ª edição dos *Tragicorum Graecorum Fragmenta* de Nauck), Fedra se vangloriava de ser seguidora de Eros, o invencível deus do amor. Provavelmente o coro e a ama

tentavam combater aquela paixão desenfreada, ao que Fedra replicava alegando que o sucesso resulta da audácia, e não da virtude. Ela ousava até justificar sua conduta desregrada alardeando as infidelidades de Teseu, inclusive com um amigo (Pirítoo). Seria presumivelmente diante das declarações de amor de Fedra que Hipólito encobriria o rosto com seu manto, incidente de que se originaria a denominação *Hipólito com o Rosto Encoberto* dada à primeira versão para distingui-la da segunda. Na opinião de alguns autores o *Hipólito* de Sêneca, como acontece com as demais tragédias de assunto grego do tragediógrafo latino, reproduziria em grande parte peças gregas, principalmente o *Primeiro Hipólito*. Nesse pressuposto seria interessante traduzir duas falas de Fedra da peça de Sêneca para dar uma idéia do comportamento provável da heroína na primeira versão de Eurípidés. Ei-las:

Versos 592-600 (monólogo de Fedra na presença de Hipólito):

“Atreve-te, minh’alma, tenta, realiza tu mesma teus desígnios, fala com palavras firmes! Quem pede timidamente só obtém recusas. Além do mais, a maior parte de meu crime já se consumou e o pudor viria tarde demais: alimentei um amor proibido. Se eu for bem-sucedida em meus projetos, talvez possa ocultar minha falta mediante laços legítimos; o sucesso faz parecerem honestos certos crimes. Vamos! Começa, minh’alma! (*Dirigindo-se a Hipólito*) Ouve-me por um momento, peço-te, mas em segredo. Afasta teus companheiros!”

Versos 641-670 (cena entre Fedra e Hipólito):

“FEDRA — A chama de um amor furioso me incendeia; seu ardor faz ferver até a medula de meus ossos, circula com o sangue em minhas veias... HIPÓLITO — Sem dúvida é teu casto amor por Teseu que te perturba assim. FEDRA — É isso mesmo, Hipólito! É a fisionomia de Teseu que amo, a fisionomia dele quando adolescente, quando seu rosto em flor se adornava com os primeiros pêlos da barba juvenil. Como ele era belo, então! Ele tinha o rosto de Febo... o teu rosto! Vês tombar a teus pés a filha de uma casa real; é por ti que fraquejo, por ti que me rebaixo até as súplicas. Este dia porá fim à minha dor ou à minha vida! Tem piedade de uma amante!”

O fato é que a retratação de Eurípidés foi bem-sucedida, e o *Segundo Hipólito* obteve o primeiro prêmio do concurso dramático de 428 a.C. em Atenas, em contraste com o *Primeiro Hipólito*, que merecera um modesto terceiro lugar na competição de 432 a.C.

B — A *Fedra* de Sófocles. A crer em certos autores teria sido a encenação da *Fedra* de Sófocles, pouco tempo depois do *Primeiro Hipólito*, que levou Eurípidés a dar nova versão ao tema, apresentando o *Segundo Hipólito*. Infelizmente os poucos e curtos fragmentos da obra perdida de Sófocles não permitem a reconstituição da peça, mas é fora de dúvida que a heroína adotava uma atitude mais recatada que a da Fedra de Eurípidés no *Primeiro Hipólito*, e

teria a seu favor a presunção do desaparecimento de Teseu, que havia descido aos infernos, de onde retornou contra a expectativa geral, depois de resgatar seu amigo Pirítoos.

Além dos dois *Hipólitos* de Eurípides e da *Fedra* de Sófocles, o tema foi retomado na Antiguidade por Licofron (ainda na Grécia) e por Sêneca em Roma, em seu *Hipólito* já mencionado acima. Modernamente a história foi recriada por Racine, em sua *Fedra* que, nas palavras do próprio dramaturgo francês, devia o que tinha de melhor ao *Hipólito* de Eurípides:

“Eis aqui, novamente — diz Racine —, uma tragédia cujo tema foi tirado de Eurípides. Apesar de eu haver seguido uma rota um pouco diferente da percorrida por aquele autor para o desenrolar da ação, não me abstive de enriquecer minha peça com tudo que me pareceu mais notável na dele. Ainda que eu lhe devesse apenas a idéia da personagem de Fedra, poderia dizer que lhe devo o que talvez eu tenha posto de mais razoável no teatro. Não me causa admiração o fato de essa personagem ter feito um sucesso tão grande no teatro de Eurípides, e ser tão bem-sucedida em nosso próprio século, pois ela tem todas as qualidades que Aristóteles exige dos heróis da tragédia, adequadas a excitar a compaixão e o terror. Com efeito, Fedra não é nem totalmente culpada, nem totalmente inocente; ela se envolveu, por seu destino e pela cólera dos deuses, em uma paixão ilegítima, de que ela é a primeira a horrorizar-se; ela esforçou-se ao máximo para sobrepujá-la; preferiu matar-se a revelá-la a alguém; e quando se viu forçada a descobri-la, fala dela com um embaraço que demonstra claramente que sua falta é mais uma punição dos deuses que um movimento de sua vontade.” (Prefácio a *Fedra*, edição de Maurice Rat, Garnier, Paris, 1947, página 540.)

A revelação, no prólogo do *Hipólito*, de todos os acontecimentos da peça, deveria teoricamente reduzir a quase nada o interesse do leitor ou do espectador. Mas acontece exatamente o contrário: o desenrolar da tragédia absorve inteiramente a atenção, como se nada nos tivesse sido revelado do entrecho. Isto se deve sem dúvida à excelência de Eurípides na caracterização de seus personagens e no tratamento não-somente dos temas fundamentais (a luta de Fedra contra sua paixão mórbida e contra a recusa obstinada de Hipólito a aceitá-la), mas também nos secundários (a dedicação desastrosa e funesta da ama, cuja franqueza crua e pragmática é tão bem delineada em suas falas). E há um detalhe digno de menção: com o *Hipólito* entra na literatura grega clássica, e portanto na literatura universal, o tema do sexo e de sua força irresistível. O amor de Fedra por Hipólito nada tem de sublime ou espiritual; é a atração carnal, dominadora, capaz de conduzir suas presas aos últimos extremos. É verdade que, como vimos acima, Eurípides suavizou neste *Hipólito* a crueza da primeira versão, escoimando-o “do que chocava e se prestava a censuras”, para repetir as palavras do argumento incluído em alguns manuscritos bizantinos da peça, já mencionado. Mas, apesar da suavização, Haigh, em sua obra *The Drama of the Greeks*, pode dizer com muita propriedade:

“O *Hipólito* é dessas peças que iniciaram uma nova era na história do Teatro, e na qual se permitiu que pela primeira vez a linguagem da paixão sexual, até então desconhecida da cena ática, pudesse exprimir-se livremente.” (Páginas 292-293 da edição de 1896, Oxford University Press.)

Se alguma dúvida houvesse quanto à justeza da observação de Haigh, bastaria a citação dos versos 534-535, nos quais a ama exorta Fedra:

“Não é de pregações morais que sentes falta;
é desse homem!.....”

Mas nem todas as apreciações têm sido favoráveis ao *Hipólito* e alguns críticos aproveitam versos e idéias desta peça para censurar acerbamente Eurípides. Schlegel, por exemplo, em suas *Conferências sobre a Arte e a Literatura Dramáticas*, pronunciadas em 1808 e que fizeram época, disse, sem dúvida com o *Hipólito* em mente:

“Temos ainda uma razão particular para censurar sem reservas os erros de Eurípides: o fato de nossa época estar infectada pelos mesmos vícios que proporcionaram a Eurípides tanta popularidade, e até estima intelectual, entre seus contemporâneos. Em nosso tempo temos sido condenados a ver numerosas peças que, apesar de na forma e na matéria serem inferiores, e muito, às de Eurípides, apresentam, todavia, certas semelhanças com as dele, pois encantando os sentidos e corrompendo os julgamentos por meio de emoções mórbidas, embora às vezes ternas, sua tendência geral é produzir uma licenciosidade moral completa” (página 112 da tradução inglesa de John Black, Londres, 1894).

Naturalmente um exame superficial da peça pode levar — e já levou alguns estudiosos — a ver na conduta de Hipólito manifestações de homossexualismo mas, apesar de isso haver sido comuníssimo tanto na Grécia da idade heróica como no tempo de Eurípides, não parece aplicar-se ao herói da peça. Com efeito, a tragédia praticamente começa e termina com manifestações inequívocas de veneração e devotamento de Hipólito para com Ártemis, a deusa da vida ascética, da comunhão com a natureza no que ela tem de mais saudável e puro. A invocação inicial de Hipólito à deusa (versos 59 e seguintes) e o comovente diálogo final entre o herói e sua padroeira (versos 1563 e seguintes), como dois motivos musicais que dão o tom à obra, falam a favor da pureza de Hipólito e parecem absolvê-lo das insinuações de que seu repúdio às mulheres poderia indicar preferências homossexuais. O próprio herói, dirigindo-se ao pai (versos 1104-1107), desfaz explicitamente as suspeitas que poderiam ser naturalmente levantadas.

Finalizando esta apreciação de alguns aspectos da peça, gostaríamos de aludir a uma das qualidades dos dramaturgos gregos da época clássica: o comedimento, o equilíbrio no uso de certos ingredientes trágicos, que lhes permitiam manter no

devido lugar os meios, evitando assim confundi-los com o fim, ou confundir o detalhe com o conjunto. A observação se prende à cena final do *Hipólito*, em que Eurípides, apesar de ser dos três grandes trágicos o que mais recorria à exposição e exploração do sofrimento físico com a finalidade de provocar comiseração e piedade, raramente chegou ao extremo de confundir o horrível com o repugnante. Na cena mencionada (versos 1520 e seguintes) Eurípides apresenta Hipólito moribundo, com o corpo dilacerado em consequência do terrível desastre (este sim, descrito minuciosamente). Leiamos agora a mesma cena no *Hipólito* de Sêneca, um dos imitadores de Eurípides (versos 1261 e seguintes):

“TESEU — Firmai-vos, minhas mãos trêmulas, e persisti em vossa lúgubre tarefa! Interrompei vossas abundantes lágrimas, olhos meus em fogo, para que um pai possa enumerar os membros de seu filho e reconstituir-lhe o corpo! Que massa é esta horrível e informe, dilacerada por mil ferimentos? Não posso adivinhar qual é esta parte, e todavia ela é um pedaço de ti, meu filho! Ponhamo-la então aqui, se não em seu lugar ao menos em um lugar vazio. Seria isto aquele rosto que brilhava como uma flama celeste e que desarmava o ódio com sua luminosidade? Ah! Destino cruel! Ah! Bondade fatal dos deuses! É assim que minha imprecação paterna te traz de volta a mim! Ah! Recebe de teu pai estas derradeiras oferendas, tu, que deverás ser enterrado várias vezes!.....”

Faltou a Sêneca, como imitador pouco talentoso, o que não faltou a Eurípides: a noção de que o horrível não é o fim. É um meio, entre outros, que, devidamente dosado, não compromete o conjunto do qual não deve exorbitar. É verdade que nas *Bacantes* Eurípides foge à regra clássica do comedimento, mas num episódio que se enquadra perfeitamente no contexto, diante do estado de alucinação e da atmosfera de irracionalidade em que se desenvolve a ação.

O texto geralmente seguido na tradução foi o estabelecido por Gilbert Murray (vol. I, Oxford, Clarendon Press, 1902). Consultamos também, entre outras edições, a de Henri Weil, *Sept Tragédies d'Euripide*, Paris, Hachette, 1879), a de Louis Méridier (vol. II, Paris, *Les Belles Lettres*, 1956) e a de W. S. Barret, com importante introdução e um comentário exaustivo (Oxford, Clarendon Press, 1964).

Época da ação: idade heróica da Grécia.

Local: Trezena (cidade próxima de Atenas).

Primeira representação: 428 a.C., em Atenas.

PERSONAGENS

AFRODITE, deusa do amor, também chamada Cípris

HIPÓLITO, filho de Teseu, rei de Atenas, em seu primeiro casamento

CRIADO

CORO de mulheres de Trezena

AMA de Fedra

FEDRA, segunda mulher de Teseu, madrasta de Hipólito

CRIADA

TESEU

MENSAGEIRO

ÁRTEMIS, deusa da caça, símbolo da vida casta

CAÇADORES, companheiros de Hipólito

CRIADOS

CRIADAS

SOLDADOS

Cenário

O frontispício do palácio real de Trezena. À direita e à esquerda da porta principal, estátuas de ÁRTEMIS e de AFRODITE. Diante de cada estátua há um altar. Por cima do palácio aparece AFRODITE.

AFRODITE

É grande a minha fama e todos a proclamam,
seja na terra, entre os mortais, seja entre os deuses;
sou deusa, Cípris. Faço a ventura de quantos,
desde o distante Ponto até os limites de Atlas¹,
reverenciam meu poder, e abato os outros, 5
os relutantes, que me tratam com desdém
(deuses também partilham desses sentimentos;
as homenagens dos mortais nos lisonjeiam).
Vou demonstrar que é certa a minha afirmação.
O filho de Teseu, criança da Amazona 10
— Hipólito —, pupilo do casto Piteu²,
é o único entre os habitantes de Trezena
que ousa chamar-me de pior das divindades;
ele foge do amor e evita o casamento.
Seu culto se dirige à irmã de Febo, Ártemis 15
filha de Zeus, maior das deusas para ele.
Pela floresta verde vai exterminando
as feras da região, com seus cães inquietos,
sempre com a deusa virgem, nessa convivência
muito elevada para um simples ser humano. 20
Não me causa despeito essa predileção
(de fato, que me importa?) mas, pelas ofensas
para comigo, Hipólito será punido
ainda hoje e sem maior esforço meu.

Um certo dia em que, na casa de Piteu, 25
ele se dirigia à terra de Pandión³
para a celebração dos sagrados mistérios⁴,
Fedra, fidalga esposa de seu pai, o viu
e teve o coração, naquele mesmo instante,
inteiramente dominado por amor 30
violento e irresistível, que eu mesma instigui.
E desde que Teseu, quando foi acusado
de haver feito correr o sangue dos Palântidas⁵,
saiu de Atenas, em exílio por um ano,
e velejou com sua esposa para cá, 35
a desditosa Fedra, sempre transtornada
pelo aguilhão do amor, definha silenciosa
e resignadamente, sem que seus criados,
sem que ninguém conheça a causa de seu mal.
Mas este amor não deve terminar assim: 40
farei uma revelação ao rei Teseu
e esse rapaz que me é hostil há de morrer
ferido em cheio pela maldição paterna,
pois Poseidon, augusto deus, senhor do mar,
deu a Teseu o privilégio de pedir 45
três graças e não será vã a sua súplica.
Fedra perecerá, inda que nobremente;
seu infortúnio não me causa piedade
e não me leva a desistir de justificar
um inimigo. Então estarei satisfeita. 50
Mas vejo vir chegando o filho de Teseu
voltando de alguma caçada fatigante.
É Hipólito. Vou afastar-me, pois, daqui.
Seguem-lhe os passos numerosos caçadores
cantando em altos brados hinos de louvor 55
à casta Ártemis. Ele não sabe ainda
que já estão abertas as portas do inferno⁶
e que está vendo o sol pela última vez.

AFRODITE desaparece. Entra HIPÓLITO, em trajes de caça, trazendo em

uma das mãos um venábulo, na outra uma grinalda de flores, seguido por caçadores, seus companheiros, e por uma matilha de cães de caça

HIPÓLITO

Dirigindo-se aos caçadores

Vinde, vinde e cantai comigo os hinos⁷
de louvação à nossa protetora, 60
a Ártemis, filha de Zeus, divina!

HIPÓLITO e os CAÇADORES

Onipotente criança de Zeus,
saudamos-te, santíssima donzela
de Leto e Zeus, Ártemis, mais formosa
das virgens, tu que no céu infinito 65
vives no áureo palácio de Zeus,
pai nobilíssimo! Salve, mais bela
das virgens lá do Olimpo, Ártemis linda!

HIPÓLITO se inclina diante da estátua de ÁRTEMIS e depõe a grinalda de flores no altar

Dou-te, rainha, esta grinalda bem trançada.
Ela provém de uma planície imaculada 70
onde pastor algum ousou apascentar
o seu rebanho, onde jamais passou arado.
Percorrem essa pradaria sacrossanta
na primavera só abelhas, e o Recato
a fertiliza com gotas de claro orvalho 75
para os que aprendem com a natureza pura
apenas a virtude. Estes colhem flores,
mas aos perversos é negado tal direito.
Aceita agora, deusa, amada soberana,
esta grinalda vinda de mãos piedosas 80

para adornar os teus longos cabelos de ouro.
Só eu entre os mortais detenho o privilégio
de merecer o teu convívio e de falar-te.
Ouço-te a voz, embora não te veja a face.
Quero acabar a vida como a comecei.

85

*Um velho CRIADO, saído do palácio quando chegavam os caçadores,
dirige-se a HIPÓLITO*

CRIADO

Tu, príncipe (somente os deuses são senhores),
receberias bem um bom conselho meu?

HIPÓLITO

Sem dúvida, pois não quero ser insensato.

CRIADO

Há uma regra que os mortais devem seguir.

HIPÓLITO

Ignoro-a. Mas, que regra tens em mente agora?

90

CRIADO

Odiar o orgulho e o que a maioria odeia.

HIPÓLITO

Concordo, mas quem não acha o orgulho um mal?

CRIADO

E ser afável, ao contrário, não é bom?

HIPÓLITO

E muito. É proveitoso e custa pouco esforço.

CRIADO

E não devemos ser assim também com os deuses?

95

HIPÓLITO

Sim, pois dos deuses recebemos nossas leis.

CRIADO

E por que não cultuas uma deusa esplêndida?

HIPÓLITO

Qual delas? Não soltes demais a tua língua!

CRIADO

Apontando para a estátua de AFRODITE

Aquela ali, que se ergue junto à porta: Cípris.

HIPÓLITO

Respeito-a, mas à distância, pois sou puro.

100

CRIADO

Ela, porém, é grande, e todos a veneram.

HIPÓLITO

Não amo deusas cultuadas na penumbra.

CRIADO

Os deuses, entretanto, querem ser honrados.

HIPÓLITO

Deuses e amigos, cada homem tem os seus.

CRIADO

Quero o teu bem apenas. Mostra-te sensato.

105

HIPÓLITO

Dirigindo-se aos companheiros de caça

Vamos, meus companheiros; entrai no palácio
e cuidai do alimento; a mesa bem provida
agrada após a caça. Aprontai depois
nossos cavalos; quero, finda a refeição,
atrelá-los ao carro e submetê-los todos
aos costumeiros exercícios adequados.

110

Dirigindo-se ao CRIADO

E quanto à tua Cípris, digo-lhe “bom dia”!

HIPÓLITO e seus companheiros entram no palácio

CRIADO

E nós, que não devemos imitar os moços

em seus arroubos, com palavras adequadas
a escravos rezaremos e faremos preces 115
perante a tua imagem, soberana Cípris.
Perdoa a quem, com a impetuosidade
da alma juvenil, te dirige palavras
imponderadas. Finge que não as ouviste;
os deuses devem ser mais sábios que os mortais. 120

Após alguns momentos em atitude de prece, o CRIADO entra também no palácio. Aparece o CORO, composto de mulheres de Trezena

CORO

De certa rocha sai uma nascente
que vem, conforme dizem, do oceano;
as jarras podem mergulhar inteiras
na água viva que jorra da pedra.
Lá as amigas nossas vão lavar 125
na água sussurrante os véus de púrpura
que estendem logo num penedo próximo,
cálido quando o sol brilha no céu.
Ali ouvimos pela vez primeira 130
a novidade: Fedra, nossa dona,
enlanguescida em seu leito de dor,
fica encerrada em casa o tempo todo
e véus diáfanos escondem sempre
os seus cabelos louros. Há dois dias,
segundo consta, seus lábios divinos 135
nem se entreabrem para receber
os alimentos; vítima de um mal
secreto, ela deseja noite e dia
chegar ao porto lúgubre da morte.
Pobre mulher! Não estarás, tão moça, 140
alucinada por um deus, ou deusa⁸,
ou transtornada por feitiçarias
ou pela deusa-mãe dos altos montes⁹?

Será que foste omissa ou descuidada
com a valente deusa caçadora¹⁰, 145
que te castiga porque não quiseste
sacrificar-lhe as costumeiras vítimas?
Ela atravessa as águas do oceano
no dorso líquido da vaga amarga
como se andasse pela terra firme. 150
Será que teu real esposo, o nobre
chefe dos Erecteidas, se deixou¹¹
prender por outro amor em algum leito
oculto? Ou marinheiros lá de Creta¹²
vieram até este porto amigo 155
trazer notícias entristecedoras,
e dolorosos golpes te agrilhoam
o coração e te prendem ao leito?
Naturalmente a alma das mulheres
é delicada e sujeita a distúrbios 160
desagradáveis quando, por exemplo,
estão perto do parto e delirantes.
Esse tormento um dia já sentimos
dentro de nós, mas invocamos logo
a deusa protetora das gestantes, 165
a santa Ártemis com suas flechas,
e nossa devoção jamais cessou
de distingui-la entre as deusas todas.

Abre-se a porta do palácio. Aparece FEDRA com a AMA e as criadas, que põem em cena um leito onde se estende a rainha

CORIFEU

Mas vejo em frente à porta a velha ama
trazendo Fedra para onde estamos.
Cobre-lhe a fronte uma nuvem sombria. 170

Dirigindo-se à AMA

Que há? Meu coração desarvorado
anseia por saber que mal consome
nossa rainha e a deixa tão pálida.

AMA

Ah! Nossos males! Ah! Mortais doenças!

Dirigindo-se a FEDRA

Que faço ou deixo de fazer por ti? 175
Já vês a luz e a limpidez do céu
aqui, de tua cama de doente.
Ansiavas tanto por sair e logo
te apressarás em retornar ao quarto,
pois mudas sempre e nada te conforta. 180
Nada do que possuis te satisfaz,
mas não queres, tampouco, o que não tens.
Talvez seja mais simples a doença
que cuidar de doentes; isto cansa
os braços e maltrata o coração. 185
Na vida humana tudo é sofrimento
e não há trégua para nossas penas,
porém o que talvez seja melhor
que esta existência está envolto em trevas
e oculto em nuvens. Por não ser possível 190
experiência própria de outra vida,
nem a revelação do que se passa
quando esta vida acaba, loucamente
nos apegamos às coisas do mundo;
somos joguetes de fábulas tolas. 195

FEDRA

Erguei meu corpo, servidoras minhas,
erguei minha cabeça! Não me valem

as articulações dos membros débeis.
Como este véu pesa em minha cabeça!

Dirigindo-se à AMA

Retira-o e solta meus cabelos!

200

AMA

Tirando o véu da cabeça de FEDRA

Coragem, filha! Não vires o corpo
impacientemente. Com mais calma
e nobre submissão suportarás
mais facilmente os teus males presentes.
Nosso destino é sempre estar sofrendo.

205

FEDRA

Ah! Por que não posso alcançar agora
a água pura de uma fonte fresca
para matar a sede? Saciada,
depois me deitaria à sombra de álamos
na grama espessa para repousar...

210

AMA

Por que falas assim? Por que suspiras
pelas águas correntes de uma fonte?
Existe perto do palácio um poço
cuja água viva poderás beber.

FEDRA

Levantando-se da cama

Levai-me lá para as montanhas! Vou 215
para a floresta, através dos pinheiros;
lá correm numerosos cães de caça,
matadores de feras, acuando
malhadas corças tímidas. Ah! Deuses!
Eu gostaria tanto de açulá-los 220
com a minha própria voz e de lançar
rente aos meus longos cabelos dourados
o dardo agudo feito na Tessália
que eu mesma levaria em minha mão!

AMA

Qual a razão dessas divagações, 225
minha criança? Já te preocupas
com a caça, tu, mulher? Não deverias
falar assim na presença de todos,
usando essa linguagem delirante.

FEDRA

Divina Ártemis, dona de Limne¹³ 230
marítima, e das pistas onde ecoam
os cascos dos cavalos disparados,
quisera estar agora em teus domínios
domando os potros vênets ariscos!

AMA

Que palavras são estas, proferidas 235
em meio a tais delírios? Inda há pouco
eram os altos montes que atraíam
o teu desejo de caçar; agora
é nas estradas próximas ao mar
que anseias por estar guiando potros.

Só mesmo um hábil adivinho, filha,
conseguiria descobrir o deus
que agita as rédeas de teu pensamento
e desnorteia assim tuas idéias.

240

FEDRA

Deixando-se cair no leito

Ai! Infeliz de mim! Que fiz, então?
Onde andaré meu senso desgarrado?
Enlouqueci, vítima da vertigem
mandada por um deus. Ai! Ai de mim!

245

Dirigindo-se à AMA

Torna a cobrir-me o rosto, velha ama
querida. Coro por minhas palavras.
Esconde-me, pois choro novamente
e só vejo vergonha com meus olhos.
Esta volta à razão é um suplício
e sofro muito com minha loucura.
Ah! Se eu morresse estando inconsciente!

250

AMA

Baixando o véu sobre o rosto de FEDRA

Pronto! Estás escondida! Mas, eu mesma,
quando me esconderá a morte? Quando?
A longa duração de minha vida
já me ensinou uma porção de coisas.
As amizades que os mortais cultivam
deveriam guardar comedimento,
sem ir até as profundezas da alma,
e suas afeições ser mais flexíveis,

255

260

mais fáceis de romper, e deveríamos,
sempre que desejássemos, soltar
ou estreitar os laços facilmente. 265

Mas uma alma só se torturar
por duas é fardo muito pesado!
Sofro tanto por ela, coitadinha!

Dizem que nesta vida os exageros
de uma virtude íntegra, imutável, 270
causam mais decepções do que prazeres
e impedem uma existência sadia.

Por isso sempre achei mais sábia a máxima
“nada em excesso” que “nunca é demais”¹⁴.
E me dará razão quem for sensato. 275

CORIFEU

Idosa ama, tão fiel à nossa dona,
vemos com nossos olhos toda a desventura
de Fedra, mas seu mal inda não conhecemos.
Se nos contasses ficaríamos sabendo.

AMA

Não sei dizer; pergunto e ela não responde. 280

CORIFEU

Não conheces sequer a causa de seus males?

AMA

Dou a mesma resposta: nada ouvimos dela.

CORIFEU

Ela parece lívida e seu corpo lânguido!...

AMA

É natural, pois há três dias nada come.

CORIFEU

Será alienação, ou ela quer morrer?

285

AMA

Morrer. Para fugir à vida ela não come.

CORIFEU

Admira que o marido não reaja a isso.

AMA

Ela lhe oculta o mal; não diz que está sofrendo.

CORIFEU

Vendo-lhe o rosto, então, Teseu não desconfia?

AMA

Ele está viajando, não se encontra aqui.

290

CORIFEU

Devias compeli-la a revelar o mal.

AMA

Já recorri a tudo e nada consegui,
mas não desisto e meu zelo não diminui.
Presente aos meus esforços, testemunharás
o que sou para meus senhores no infortúnio. 295

Dirigindo-se a FEDRA

Vamos, minha criança amada! Desprezemos
tudo que já dissemos! Sê mais acessível,
tenta descontrair tua fronte sombria!
Impõe ao teu temperamento um novo rumo!
Eu mesma, abandonando a via que trilhava 300
erradamente, vou falar-te de outro modo.
Se o mal de que padeces não pode ser dito,
somos mulheres e queremos ajudar-te.
Se é fato que se possa revelar aos homens,
fala para levarmos já teu caso aos médicos! 305

Silêncio

Por que não me respondes? Em vez de calar-te,
filha, refuta-me se não pude falar
como queiras ou, se me expressei melhor,
segue minhas idéias. Dize alguma coisa,
ao menos olha para mim (pobre de mim!). 310

Dirigindo-se ao CORO

Amigas, esforçamo-nos inutilmente
e estamos tão longe da meta quanto estávamos.
Nossas palavras não chegaram até ela,
que continua surda aos nossos argumentos.

Dirigindo-se a FEDRA

Apesar disso, deverás ouvir (depois, 315
se persistires, fica mais muda que o mar):

insistindo em morrer irás trair teus filhos,
que dos bens de seu pai nada receberão.
Sirva de testemunha a real Amazona¹⁵
que acima de tuas crianças preteridas
pôs um bastardo que se crê filho legítimo
— tu o conheces bem, pois eu falo de Hipólito.

320

FEDRA

Ai! Infeliz de mim!

AMA

Ah! Isso te comove!

FEDRA

Ai! Ama!... Tu me matas! Pelo amor dos deuses!
Não digas nunca mais o nome desse homem!

325

AMA

Viste? Podes pensar ainda e não procuras
ser útil a teus filhos e salvar a vida.

FEDRA

Amo meus filhos, mas outras coisas me afligem.

AMA

As tuas mãos estão puras de sangue, filha?

FEDRA

Tenho as mãos puras, mas o coração manchado.

330

AMA

Por algum sortilégio, coisa de inimigos?

FEDRA

Malgrado meu, malgrado seu, um amigo mata-me.

AMA

Por acaso Teseu foi perverso contigo?

FEDRA

Jamais ouçam de mim uma injustiça desta!

AMA

Que mal horrível te faz preferir a morte?

335

FEDRA

Deixa-me com meu erro; não erremos juntas.

AMA

Ajoelhando-se e tomando as mãos de FEDRA entre as dela

A culpa não é minha se fracasso; é tua.

FEDRA

Que fazes apertando tanto a minha mão?

AMA

Abraçando os joelhos de FEDRA

E até os teus joelhos, que não solto mais!

340

FEDRA

Mais sofrerias se eu falasse. Muito mais!

AMA

Pode haver mal maior que não te comover?

FEDRA

Talvez morresses. Salvo, assim, o meu bom nome.

AMA

E ocultas segredo tão sério às minhas súplicas?

FEDRA

Tento sair desta vergonha altivamente.

345

AMA

Serás ainda mais louvada se falares.

FEDRA

Imploro que te afastes! Solta minhas mãos!

AMA

Não, pois me negas um favor que me é devido.

FEDRA

Após alguns momentos de hesitação

Tu o terás. Respeito as tuas mãos boníssimas.

AMA

Fazendo sinal às outras criadas para que se retirem

Então me calo e tu agora vais falar.

350

FEDRA

Ah! Minha mãe! Com que amor escuso amaste!¹⁶

AMA

É do touro que falas? Que dizes, criança?

FEDRA

E tu, mísera irmã, amada por Diôniso!

AMA

Que há contigo, filha? Insultas os parentes?

FEDRA

E eu, tão infeliz, morro em que circunstâncias!

355

AMA

O espanto se apossa de mim! Que dirá ela?

FEDRA

Vem delas minha desventura, e não é nova.

AMA

Nem lembro mais o que desejava saber!

FEDRA

Por que não dizes o que devo revelar?

AMA

Não adivinho, para ver claro nas trevas.

360

FEDRA

Que será isso que todos chamam de amor?

AMA

Nada é mais doce e também mais amargo, filha.

FEDRA

Pois eu conheço dele apenas o amargor.

AMA

Como, menina? Estás amando? Mas, que homem?

FEDRA

Aquele... Que direi? O filho da Amazona...

365

AMA

Queres dizer Hipólito, se bem entendo?

FEDRA

Tu mesma disseste o seu nome; não fui eu...

AMA

Ai! Ai de mim! Que vais dizer-me, filha? Matas-me!

Dirigindo-se às mulheres do CORO

Não viverei, mulheres, para suportar
o insuportável. Odeio este dia, a luz!

370

Vou atirar-me do alto, vou lançar meu corpo,
vou já livrar-me desta vida, vou matar-me!
Adeus! Estou perdida, pois os mais sensatos,
querendo ou não, ardem de amor pecaminoso.
Vejo que Cípris não é simplesmente deusa!
É muito mais que deusa, se isso é possível,
ela, que foi a perdição desta mulher,
a minha perdição e a desta casa toda!

375

A AMA senta-se no chão chorando

CORIFEU

Dirigindo-se ao CORO

Ouvistes a nossa rainha, amigas,
falar de suas dores? É terrível!

380

Dirigindo-se a FEDRA

Leve-me a morte, quanto a mim, senhora,
antes que tais sentimentos me atinjam!

Ah! Infeliz! Que sofrimento o teu!

Ah! Penas que os mortais experimentam!

Estás perdida! Revelaste à luz

385

tua aflição! Que te reserva ainda

o curso deste dia? Algo de insólito

está na iminência de ocorrer.

Não há mais dúvidas quanto ao final

que Cípris quer, pobre filha de Creta!

390

FEDRA

Dirigindo-se ao CORO com a voz embargada

Trezêneas que habitais esta terra distante,
umbral dos domínios de Pêlops: muitas vezes¹⁷

pensei, noutros momentos, em horas noturnas,

tão lentas, nas causas da corrupção humana.

Suponho que não é por natural fraqueza

395

que as criaturas seguem o pior caminho,

pois todas elas são dotadas de bom senso.

Eis como devem ser vistas as coisas: temos

em nós tanto a noção como o discernimento

da conveniência, mas não queremos segui-la,

400

umas por indolência, outras por preferirem

ao bem certo prazer que as distancia dele.

Muitos prazeres dão encanto à vida, é certo:

lazer, longas conversas — um doce perigo —

e mesmo coisas vergonhosas, que apresentam¹⁸

405

duas facetas: uma delas não é má,

a outra é o aniquilamento das famílias

(se a diferença se tornasse clara a tempo

coisas opostas não teriam um só nome).

Se eu mesma fiz tais reflexões, veneno algum 410
devia destruí-las e levar-me um dia
a naufragar em sentimentos antagônicos.
Explicarei o que ocorreu com minha mente.
Desde que me feriu o amor imaginei
os meios de enfrentá-lo com mais dignidade. 415
De início, quis calar para ocultar meu mal,
pois nem a própria língua é digna de confiança:
se ela se esmera em expressar racionalmente
os pensamentos, logo atraí sobre si mesma
terríveis males. Em seguida pretendi 420
suportar dignamente minha inquietação,
vencendo-a pela sensatez. Quando notei
que minha resistência não domava Cípris
eu quis morrer (a melhor decisão, sem dúvida).
Se honrosa, que minha conduta não escape 425
a outros olhos, e a vergonha tenha apenas
o mínimo de testemunhas. Eu sabia
que essa conduta e esse mal me infamariam.
Sabia eu ainda que, sendo mulher,
me tornaria o alvo da aversão geral. 430
Pereça vítima de inúmeras desgraças
toda mulher que decidir antecipar-se
a macular um dia o leito nupcial!
Foi nos lares mais nobres que principiou
entre as mulheres esta prática funesta. 435
Quando a desonra tem a aprovação dos grandes,
os maus passam a proclamá-la natural.
Também repugnam-me as mulheres virtuosas
apenas em palavras, que em segredo chegam
a infamantes ousadias. Como podem 440
essas mulheres, Cípris, rainha do mar,
olhar sempre seus companheiros frente a frente
sem recear que as trevas, cúmplices do amor,
e o teto das alcovas falem algum dia?
O que me mata é justamente, amigas minhas, 445

o medo de aceitar enfim a idéia horrível
de desonrar o meu marido e as crianças
que dei à luz. Ah! Possam os meus filhos, livres
e ufanos da sinceridade, prosperar,
orgulhosos da mãe, na gloriosa Atenas! 450
Por mais ativo que seja seu coração
o homem é escravo quando tem noção
das faltas cometidas pela mãe ou pai.
Uma só coisa, dizem, vale tanto quanto
a própria vida: é ter a alma pura e boa. 455
Quanto aos perversos, o próprio tempo os revela
quando chega o momento certo, apresentando-lhes
o seu espelho como às moças vaidosas.
Que eu não me veja nunca misturada a eles!

CORIFEU

Quanta beleza, e duradoura, há na virtude, 460
e quanta glória lhe tributam os mortais!

AMA

Um temor súbito e terrível dominou-me,
senhora, ao conhecer a tua desventura.
Somente agora percebo a minha tolice
e compreendo que agimos com sensatez 465
quando antes de falar pensamos duas vezes.
Nada de inexplicável e extraordinário
vejo no que te aconteceu. Cai sobre ti
o rancor de uma divindade. Estás amando;
que há de surpreendente nisso? A maioria 470
das criaturas ama. E é por esse amor
que perderás a vida? Que triste vantagem
para os amantes do presente e do futuro
se apenas por amar tiverem de morrer!
Cípris é irresistível quando nos ataca 475

impetuosamente. Aos que se entregam logo
tudo parece bom, mas nem quero pensar
nos sofrimentos que ela inflige a quem a trata
com arrogância e com desprezo. Cípris rasga
os céus, brota das ondas, tudo nasce dela. 480
É ela que semeia a vida e dá o amor
e a ela todos nós devemos a existência.
Aqueles que possuem escritos antigos
e passam suas vidas entre as sacras Musas
sabem que Zeus ardeu de amor em outras eras 485
pela virgem Semele e que a brilhante Aurora¹⁹
de lindas cores no passado arrebatou
da terra para o céu Céfalo por amor.
Pois é no céu que eles estão e não fugiram
para longe dos outros deuses; resignaram-se, 490
em minha opinião, à força do destino.
E tu, será que não te curvarás ao teu?
Deveria teu pai, quando vieste ao mundo,
ter estabelecido condições insólitas
para teu nascimento, ou se não te conformas 495
com as mesmas leis, dar-te outros deuses por senhores.
Inúmeras pessoas conhecemos que,
para salvar uma união ameaçada,
sensatamente fingem ignorar os fatos.
E quantos pais procuram ajudar os filhos 500
em seus amores muitas vezes condenáveis!
A discricção humana faz fechar os olhos
a tudo que é desagradável. Os mortais
não devem aspirar na vida a uma conduta
perfeita em demasia, pois na realidade 505
não conseguem sequer armar exatamente
o teto que lhes cobre as casas. Tu, só tu,
profundamente mergulhada no infortúnio,
queres gabar-te de vencer os vagalhões
nadando como se estivesses em mar calmo? 510
Se em ti, como criatura humana, sempre o bem

prevalecesse sobre o mal, então serias
feliz demais! É natural, minha criança
querida! Renuncia a tanta presunção,
pois não é outra coisa este mau pensamento 515
de ser superior aos deuses! Ousa amar!
É a vontade de uma deusa e, já que estás
enferma, faze com que tua enfermidade
se transforme num bem. Existem para isso
certos encantamentos e palavras mágicas; 520
para teus males logo surgirão remédios.
Os homens costumam a vencer dificuldades,
mas nós, mulheres, logo vemos as saídas.

CORIFEU

Estas palavras talvez sejam mais sensatas
nas circunstâncias atuais que as tuas, Fedra, 525
mas só posso aprovar-te. A minha opinião,
porém, deve causar-te tristeza maior
que a fala dela e te faz sofrer mais ainda.

FEDRA

Discursos muito sedutores são a ruína
de cidades bem governadas e de lares. 530
Não nos devem dizer palavras agradáveis
de ouvir, mas as que nos garantem boa fama.

AMA

Que utilidade têm essas frases pomposas?
Não é de pregações morais que sentes falta;
é desse homem! Cumpre-nos esclarecer 535
os fatos sem maior demora, explicando-lhe
teu caso sem rodeios. Se não arriscasses

a própria vida neste amor ou se estivesses
senhora de teus sentimentos eu jamais,
para apontar-te algum prazer, sugeriria
esses caminhos. Vives horas muito graves,
e busco a tua salvação. Isto é um mal?

540

FEDRA

Que linguagem horrível! Cala já a boca!
Não quero mais ouvir tuas palavras sórdidas!

AMA

Sórdidas, mas melhores para ti que as belas.
Antes o ato, se te salva, que o renome
pelo qual morres incensando a vaidade.

545

FEDRA

Pára, em nome dos deuses! Falas muito bem
mas só me dizes coisas escabrosas. Cala-te!
Minha dorida alma já sofre demais
por um amor, e se disfarças a vergonha
com palavras bonitas, deixo-me levar
por sentimentos de que devo ter horror.

550

AMA

Se essa é tua opinião, não erres mais.
Confia, então, em mim; é o segundo obséquio
que te quero pedir. Possuo lá em casa
uns filtros que asseguram sucesso no amor
(lembrei-me agora mesmo deles). Sem demora,
sem magoar tua alma, eles hão de curar
teus males se não te mostrares receosa.

555

560

Antes, porém, terás de obter de teu amado algum sinal, uma palavra, ou arrancar-lhe um pedaço de roupa; então vamos fundir duas pessoas num encantamento único.

FEDRA

O remédio é unguento ou uma beberagem?

565

AMA

Não sei. Pensa em curar-te, filha; esquece o resto.

FEDRA

Tenho receios de que já saibas demais.

AMA

Receias tudo, mas de que tens medo agora?

FEDRA

De que reveles algo ao filho de Teseu.

AMA

Fica tranqüila, minha filha, se é por isso, pois cuidarei de tudo da melhor maneira.

570

Voltando-se para a estátua de AFRODITE

Ajuda-me, deusa do mar, augusta Cípris!
Direi meus planos aos amigos do palácio.

A AMA entra no palácio

CORO

Amor! Amor que destilas desejo
pelos olhos e instilas a volúpia 575
dulcíssima nos corações que invades,
queiram os deuses que não te vejamos
de perto com teu séquito de males
e que não nos persigas tanto assim!
Nem o fulgor das chamas, nem dos astros, 580
é tão potente quanto o de Afrodite
vindo das mãos do Amor, filho de Zeus.
São totalmente inúteis (sim, inúteis!)
todos os santos sacrifícios feitos
desde as margens do Alfeu até em Pito²⁰, 585
sob o teto de Febo, se o Amor,
tirano dos mortais, o porta-chaves
dos agradáveis refúgios de Cípris,
não recebe também o nosso culto,
Amor, que traz para os mortais consigo 590
a ruína e todas as calamidades!
Cípris levou a potrinha de Ecália²¹
livre do freio ainda, ignorante
dos homens e das núpcias, para a casa
de Eurito, como Náiade perdida 595
ou uma bacante, em meio ao sangue, às chamas
e aos cânticos de morte, para uni-la
ao divino Heraclés. Ah! Infeliz!
Que bodas! Ah! Muros de Tebas, boca
da nascente de Dirce! Poderias²² 600
testemunhar de que maneira Cípris
desfere os golpes! Quando a mãe de Baco²³
duas vezes nascido celebrou
seu himeneu com o fúlgido relâmpago,
Cípris adormeceu-a e a matou. 605
Desde então ela voa sem parar,
zumbindo como se fosse uma abelha.

FEDRA

Que escutava na porta do palácio

Calai-vos todas! Consumou-se o nosso fim!

CORIFEU

Que mal te atinge dentro do palácio, Fedra?

FEDRA

Deixai-me distinguir a voz que vem de lá!...

610

CORIFEU

Calar-me-ei, mas o preâmbulo é sinistro.

FEDRA

Ai! Ai de mim! Ah! Muito mais que infortunada!
Minha desgraça agora é maior ainda!

CORO

Que voz estás ouvindo? Por que gritas?
Dize, mulher, o que te assusta a alma?

615

FEDRA

É a nossa perdição! Chegai perto da entrada,
ouvi este clamor que explode e vem de lá!

CORO

Estás perto da porta e só tu podes
perceber as palavras que transpiram
do interior. Que desgraça acontece?

620

FEDRA

É Hipólito, filho da amiga dos cavalos,
a Amazona, injuriando a minha ama!

CORO

Ouvimos vozes, mas não percebemos
a razão dos clamores no palácio.

625

FEDRA

Ah! Está claro agora!... Ele fala da infame
alcoviteira que traiu o seu senhor!

CORO

Foste traída, amiga, e por amigos.
Que te diremos para proteger-te?
Revelam teu segredo! Estás perdida!

630

FEDRA

Soluçam por minha desgraça! Aniquilam-me
falando abertamente de meu infortúnio!

CORIFEU

Por amizade ela tentou remediar
teus males; faltou-lhe, porém, discernimento.
E agora? Que farás neste dilema atroz?

635

FEDRA

Não vejo outra saída: o único remédio
é procurar a morte já, sem mais demora.

HIPÓLITO sai do palácio precipitadamente, seguido pela AMA

HIPÓLITO

Ah! Terra, mãe de todos! Ah! Fulgor do sol!
Que sórdidas palavras eu ouvi há pouco!

AMA

Cala-te, filho meu, senão ouvem teus gritos!

640

HIPÓLITO

Não poderei calar depois de ter ouvido
essas coisas terríveis que tu me disseste.

AMA

Ajoelhando-se e segurando as mãos de HIPÓLITO

Cala-te, sim! Peço por estas belas mãos!

HIPÓLITO

Afasta as mãos de mim! Não pegues minha roupa!

AMA

Por teus joelhos! Não provoques minha ruína!

645

HIPÓLITO

Como? Não dizes que nada de mal falaste?

AMA

Minhas palavras eram só para nós dois.

HIPÓLITO

O bom fica melhor quando falado em público.

AMA

Ah! Filho meu! Não quebres o teu juramento!

HIPÓLITO

Minha boca jurou; a consciência, não²⁴!

650

AMA

Que fazes, meu menino? Matas teus amigos?

HIPÓLITO

Cuspo de nojo! Meus amigos não são maus!

AMA

Então perdoa-me! Errar é humano, filho.

HIPÓLITO

Ah! Zeus! Por que impões ao homem o flagelo²⁵

de mau caráter chamado mulher e o mostras 655
à luz do sol? Se desejavas propagar
a raça dos mortais, não seria às mulheres
que deverias dar os meios para isso.
Em troca de ouro ou ferro ou do pesado bronze
depositado em teus altares, deverias 660
ter concedido aos homens meios de comprar,
segundo as suas oferendas, o direito
de ter os próprios filhos e poder viver
livres da raça feminina em suas casas.
Eis a prova de que a mulher é um grande mal: 665
o pai, que lhe deu vida e a criou, concede-lhe,
para livrar-se desse mal, um dote e pode,
assim, mandá-la um dia para outro lugar.
Por sua vez, aquele que recebe em casa
essa raça fatal, esmera-se em cobrir 670
com adornos belos o ídolo indesejável,
mas para ornamentá-la com lindos vestidos,
aos poucos o infeliz vê os seus bens sumirem.
Não há muitas alternativas; se ele teve
a sorte de aliar-se a uma família boa, 675
em atenção a seus parentes é forçado
a conviver com uma mulher desagradável.
Se, para conseguir uma boa mulher,
o pretendente aceita seus sogros inúteis,
para ter o seu bem ele suporta um mal. 680
A sorte menos má é receber em casa
alguma nulidade que, de tão obtusa,
nem é notada. Detesto a mulher pensante
e faço votos para que em meu lar futuro,
jamais haja mulher com mais inteligência 685
que a meramente necessária ao próprio sexo!
O fato é que Cípris faz a perversidade
nascer principalmente na mulher pensante;
as ignorantes não chegam a ser perversas
pelas limitações de sua inteligência. 690

Não deveriam as criadas acercar-se
de suas donas. Teriam de restringir-se
ao convívio silente dos irracionais;
assim não falariam a nenhuma delas
nem delas jamais ouviriam a palavra.
De fato, vêem-se mulheres pervertidas
tecendo na intimidade planos pérfidos
que são levados para fora por criadas.

695

Dirigindo-se à AMA

Não foi assim? Vieste a mim e propuseste
que eu desonrasse o leito de meu próprio pai,
mente maldita! Vou livrar-me desta infâmia
lavando meus ouvidos em água de fontes.
Como haveria eu de praticar ação
de tal maneira repugnante quando apenas
por ter-te ouvido simplesmente mencioná-la
já não me sinto mais no estado de pureza?
Deves a salvação à minha piedade.
Se não me houvesse envolvido sem defesa
em santos juramentos eu não deixaria
de revelar tudo a meu pai. Jurei, porém,
e enquanto Teseu estiver fora de casa
me ausentarei daqui e guardarei silêncio.
Mas quando meu pai regressar eu voltarei
com ele e ficarei atento para ver
se ousaríeis contemplá-lo frente a frente,
tu mesma e tua dona. O teu descaramento
eu já conheço por experiência própria.
Morrão as duas! Nunca diminuirá
este meu ódio contra todas as mulheres
e em tempo algum eu cessarei de apregoá-lo
pois jamais elas deixarão de ser perversas.
Ou lhes ensinem a virtude, ou me permitam
continuar a detestá-las para sempre!

700

705

710

715

720

Sai HIPÓLITO

FEDRA

Ah! Infeliz! Destino miserável
o das mulheres! Quais os nossos meios, 725
que palavras, para escapar ao cerco
desta desgraça que nos aniquila?
Eis o nosso castigo. Ah! Terra e luz!
Como esquivar-me aos golpes do destino?
Como ocultar, amigas, minha ruína? 730
Que deus inda haveria de ajudar-me?
Qual dos mortais viria socorrer-me
e ser meu cúmplice neste pecado?
A provação que hoje me atinge abriu
em minha vida abismo intransponível. 735
Sou a mais desditosa das mulheres!

CORIFEU

Ah! Tudo agora terminou! Os artifícios
de tua serva fracassaram um a um
e a infelicidade está aqui, senhora!

FEDRA

Dirigindo-se à AMA

Ah! Desastrada, perdição de teus amigos! 740
Possas Zeus, meu avô, matar-te, fulminar-te²⁶
com o látego de seus relâmpagos terríveis!
Não te pedi e instei, prevendo os teus desígnios,
para calares o que agora me desonra?
Mas não foste capaz e ambas morreremos 745
sem glória. Vamos! Inventas novas desculpas,
pois ele, de alma exacerbada pela cólera,

vai delatar-me ao pai por crimes que são teus,
vai relatar tudo ao velho Piteu, contando
por toda parte essas histórias infamantes. 750
Morrão contigo todos que, contra a vontade
de seus amigos, se empenharam tenazmente,
como tu mesma, em lhes prestar serviços sórdidos!

AMA

Tens o direito de me censurar, senhora,
pelos meus erros. O despeito agora apaga 755
o teu discernimento, mas eu também tenho
algo a dizer-te sobre isto, se consentes.
Criei-te e te sou devotada. Procurei
um remédio para teu mal, mas fracasei.
Se eu tivesse podido achá-lo, com certeza 760
todos me louvariam pela sapiência,
pois mede-se pelo sucesso a inteligência.

FEDRA

É justo, então, e pode apaziguar-me, o fato
de após haver causado toda a minha ruína
reabrires agora a discussão comigo? 765

AMA

Estamos falando demais. Fui imprudente,
talvez, mas inda poderás salvar-te, filha.

FEDRA

Basta de falas! Já me deste maus conselhos
e maquinaste más ações. Vamos! Afasta-te
de meu caminho e cuida agora só de ti; 770

resolverei meus casos como achar que devo.

Sai a AMA. FEDRA dirige-se ao CORO

Nobres trezênias, faço-vos uma só prece:
calai sobre tudo que vos falei aqui.

CORIFEU

Juro pela filha de Zeus, divina Ártemis:
jamais revelaremos a tua desdita.

775

FEDRA

Gostei de ouvir-te. Quero dizer-te em resumo
que quanto a mim encontro apenas um remédio
diante de minha desgraça para dar
a meus queridos filhos uma vida digna
e defender meus interesses tanto quanto
me é possível após este golpe adverso;
jamais desonrarei minha família em Creta
nem me apresentarei aos olhos de Teseu
vergada ao peso dessa conduta aviltante
para salvar somente a minha própria vida.

780

785

CORIFEU

Queres ser vítima de um mal irremediável?

FEDRA

Quero morrer. Ainda não pensei nos meios.

CORIFEU

Fala mais claro!

FEDRA

E dá-me tu um bom conselho.
Cípris consuma a minha ruína. Faço-a rir
abandonando neste mesmo dia a vida, 790
vencida, como fui, por este amargo amor.
Mas minha morte há de ser o fim de alguém²⁷
que aprenderá a não alardear orgulho
por minha perdição; levado por meus males,
alguém receberá por causa deles todos 795
uma lição tardia de comedimento.

FEDRA volta ao palácio

CORO

Ah! Se fosse possível abismar-nos
no inacessível âmago da terra,
ou se um deus nos levasse como pássaros,
batendo as asas para nos juntarmos 800
aos bandos de habitantes das alturas,
voando para as praias do Adriático
no rumo das águas do Erídano onde²⁸,
nas vagas tenebrosas de seu pai,
chorando Faeton as pobres filhas²⁹ 805
destilam claras lágrimas de âmbar!
Ah! Se chegássemos às terras onde
crescem os frutos de ouro das Hespérides³⁰
melodiosas, onde o rei do mar
sombrio cessa de indicar a rota 810
aos marinheiros e fixa o limite
magnífico do céu que Atlas sustenta!
Lá fluem rios de ambrosia em frente
à alcova de Zeus todo-poderoso,
no solo esplêndido, fonte de vida 815
que nutre a ventura sem fim dos deuses.

Ah! Bela nau cretense de asas brancas
que, percorrendo as ondas, retumbantes
lâminas líquidas, trouxeste um dia
nossa senhora para muito longe 820
de um venturoso lar unicamente
para funestas núpcias! Foi sem dúvida
entre sinais duplamente sinistros
que ela voou de Creta com destino
à insigne Atenas e no litoral 825
de Múnico se fixaram as pontas³¹
das cordas trançadas para a descida
no continente! Uma desgraça enorme
responde aos presságios aqui: o amor
fatal com que Afrodite aniquilou 830
a alma de nossa senhora. Imersa
em seu duro infortúnio, ela pretende
armar um laço pendente do teto
de sua alcova ornamentada e pô-lo
em volta do pescoço imaculado. 835
Ela preferirá, acabrunhada
com seu destino amargo, preservar
seu nome da desonra e se livrar
do amor que lhe tortura o coração.

CRIADA

Do interior do palácio

Socorro! Vinde já, vós todos que estais perto! 840
Nossa senhora, esposa de Teseu, matou-se!

CORIFEU

Ah! Tudo consumou-se! Não há mais rainha!
Por certo está pendente de um laço apertado.

CRIADA

Do interior do palácio

Vinde depressa! Ninguém vai trazer-me agora
um ferro afiadíssimo para cortarmos
imediatamente o laço que a enforca?

845

PRIMEIRO SEMICORO

Amigas! Que faremos? Devemos entrar
e livrar a rainha do laço mortal?

SEGUNDO SEMICORO

Por quê? Não há lá dentro criados mais jovens?
Zelo demais é perigoso e prejudica.

850

CRIADA

Do interior do palácio

Vinde compor este cadáver deplorável!
Que guardiã eu sou da casa de meu amo?

CORIFEU

A infeliz morreu, pelo que estou ouvindo.
Já a estendem, como se faz com defuntos.

Entra TESEU, com a coroa de folhas usada pelos peregrinos, seguido de escolta

TESEU

Que há? Sabeis, mulheres, o significado

855

de tantos gritos no palácio? Pude ouvir
de longe a voz estrídula de nossas servas.
O meu palácio ainda não abriu as portas
para acolher alegremente o peregrino.
Terá acontecido alguma coisa má
ao idoso Piteu? Embora esteja velho,
ainda sofreríamos se nos deixasse.

860

CORIFEU

Os golpes do destino não atingem hoje
os velhos, rei; morreu uma pessoa jovem.

TESEU

É de algum de meus filhos que a vida é roubada?

865

CORIFEU

Teus filhos estão todos vivos; sua mãe,
porém, para teu desespero faleceu.

TESEU

Que dizes? Foi minha mulher? Mas, como? Fala!

CORIFEU

Ela pôs no pescoço um laço e se enforcou.

TESEU

Angustiada por desgostos ou por quê?

870

CORIFEU

Nada mais sei. Também estou chegando agora
a teu palácio; tua dor me faz chorar.

TESEU

Tirando a coroa com um gesto brusco

Ai! Ai de mim! Por que, então, me coroei
com estas folhas, eu, peregrino infeliz?

Dirigindo-se aos criados que estavam no interior do palácio

Abri, criados meus, os ferrolhos da porta,
tirai as trancas, para que meus olhos vejam
minha mulher, agora, apenas um cadáver!
Leva-me a vida sua morte! Quanta dor!

875

*Abre-se a porta do palácio. Vê-se o cadáver de FEDRA, estendido em um
leito rodeado de criadas*

CORO

Ah! Desditosa! Que desgraça a tua!
Sofreste. O que fizeste extinguirá
este palácio, mulher infeliz!
Ah! Quanto ousaste! Hoje sucumbes, vítima
de morte violenta e abatida
por tuas mãos num crime contra ti!
Quem, senão tu, apagou tua vida?

880

885

TESEU

Ah! Infeliz de mim por minhas penas!³²
Sofri, amigos, a maior desgraça.
Ah! Sorte atroz! Com que peso caíste
sobre meu lar, misteriosa mácula,

obra de algum demônio vingador 890
tornando minha vida intolerável
de ser vivida! Vejo um oceano
de males — infeliz de mim! — tão vasto
que desespero de transpô-lo a nado
e de vencer as vagas do infortúnio! 895
Com que palavras, infeliz — com quê! —
qualificar com precisão, mulher,
o teu triste destino insuportável?
Partiste como um pássaro que foge
de minhas mãos! Inesperado ímpeto
levou-te para a morte! Ai! Como sofro! 900
Minha dor é cruel, insuportável!
De que remotas eras hoje colho
este castigo vindo de algum deus
por faltas de um antepassado meu? 905

CORO

Não és o único a ser atingido
por esses males, rei Teseu. Perderam
muitos antes de ti esposas dignas.

TESEU

Quero viver em abismos recônditos,
morando nas profundezas da terra, 910
e lá morrer em meio a densas trevas
— pobre de mim! —, pois me vejo privado
de tua companhia tão querida!
Mais do que a ti a tua morte mata-me!
Que me dirão agora? Qual a causa, 915
mulher muito infeliz, do golpe extremo
que te atingiu o coração? Alguém
será capaz de me contar os fatos,
ou é em vão que o palácio real

abriga a multidão de meus criados? 920
Ai! Ai de mim! Como sou infeliz
por tua causa, por ter visto o lar
envolto neste luto intolerável,
indescritível! Ai! Estou perdido,
meus filhos órfãos, a casa deserta! 925
Deixaste-nos! Deixaste-nos, querida,
tu, a melhor de todas as mulheres
que o sol e o céu cheio de estrelas viram!

CORO

Ah! Infeliz! Que desgraça caiu
sobre teu lar! Inundam nossas pálpebras 930
lágrimas incessantes só por ver
esta calamidade! Outra catástrofe³³
virá juntar-se a esta e já nos faz
estremecer desde algum tempo o corpo.

TESEU

Aproximando-se do cadáver e acariciando as mãos de FEDRA

Que terá ela aqui em sua mão querida?³⁴ 935
Quis Fedra anunciar assim algo de novo?
Será — quem sabe? — mensagem de esposa e mãe
onde a infeliz pôs suas últimas vontades?
Uma certeza podes ter lá onde estás:
mulher alguma além de ti irá entrar 940
na casa de Teseu ou deitar-se em seu leito.

Abrindo a mão de FEDRA para retirar a plaqueta que ela segurava

Comove-me a visão da marca que este anel
deixou aqui, mas tenho pressa em remover
o fecho da mensagem e ler as palavras.

TESEU apanha e observa a plaqueta e, à proporção que lê a mensagem escrita nela, vai demonstrando crescente espanto, que o faz guardar silêncio por alguns instantes, enquanto o CORO e o CORIFEU dizem os versos seguintes

CORO

Ah! Deve ser uma nova catástrofe 945
que um deus nos manda logo após a outra!
Agora só nos resta uma existência
indigna de viver-se, pois do lar
de nosso rei restam apenas ruínas;
diríamos que nem existe mais! 950

CORIFEU

Ah! Gênios benfazejos! Evitai o fim
deste palácio, se possível! Escutai
a minha súplica! Uma premonição
faz-me antever o desastre como um profeta!

TESEU

Transtornado

Ah! Vem juntar-se agora esta desgraça à outra, 955
insuportável, indizível! Ai de mim!

CORIFEU

Que há? Fala, se também eu posso saber!

TESEU

Esta mensagem é um clamor, clamor de horrores!
Para que terra fugirei com todo o peso

de tantos males? Fui ferido mortalmente,
aniquilado! É essa! É essa a voz funesta
que eu ouço, vinda destas linhas — ai de mim!

960

CORIFEU

Tuas palavras anunciam desventuras.

TESEU

Não posso mais deter nos bordos de meus lábios
esta vertiginosa, esta mortal desgraça!
Minha cidade! Hipólito ousou macular
meu leito, usando a violência e afrontando
o santo olhar de Zeus! Ah! Poseidon, meu pai!³⁵
Concede-me uma das três graças que há algum tempo
me ofereceste: faze perecer meu filho!
Não deixes que ele sobreviva a este dia,
se é verdadeira a promessa que fizeste!

965

970

CORIFEU

Reconsidera, em nome de todos os deuses,
a tua prece! Um dia reconhecerás
o teu equívoco. Acredita em mim, senhor!

975

TESEU

Não é possível atender-te. E não é tudo:
hei de expulsá-lo desta terra e Poseidon
o matará, honrando a minha maldição,
ou ele sofrerá por toda a sua vida,
banido de Trezena, errante em solo estranho!

980

CORIFEU

Eis que teu filho Hipólito já se aproxima
no momento oportuno. Freia, rei Teseu,
tua funesta ira, e toma com os parentes
as decisões mais ponderadas e sensatas.

Entra HIPÓLITO, seguido por seus companheiros

HIPÓLITO

Ouvi teus gritos, pai, e me apressei em vir, 985
mas desconheço o que te faz gemer assim;
dize tu mesmo a causa de tua aflição.

Percebendo o cadáver de FEDRA

Que há? Meus olhos vêem tua esposa morta!
Não poderia ser maior minha surpresa. 990
Deixei-a aqui há pouco tempo: os olhos dela
estavam bem abertos para a luz do dia.
Que aconteceu com ela? Como faleceu?
Quero escutar de ti, meu pai; o coração,
mesmo diante da desgraça, é impaciente
e não sossega enquanto não conhece tudo. 995

Silêncio

Não falas? O silêncio é inútil na desgraça.
Não acho justo, pai, que ocultes teus reveses
a um amigo — inda melhor, mais que um amigo.

TESEU

Criaturas humanas! Vós, que cometeis 1000
desnecessariamente erros inumeráveis,
ousais ser professoras de tantas ciências!...
Coisa nenhuma escapa à vossa diligência,

às vossas descobertas, mas há uma arte
que ainda não sabeis e que não perseguis:
é ensinar bom-senso a quem carece dele.

1005

HIPÓLITO

Seria muito hábil essa criatura
a quem aludes, capaz de dar sensatez
aos insensatos. Mas isso é divagação
em hora imprópria, pai, e chego a reear
que à tua língua falte até comedimento
diante dessa imensurável desventura.

1010

TESEU

Ah! Se a respeito da amizade nós, mortais,
pudéssemos notar algum sinal seguro,
e se tivéssemos discernimento nítido
dos corações, que nos deixasse distinguir
os verdadeiros dos falsos amigos! Todos
devíamos ter duas vozes: uma honesta
e a outra não importa o que, para que a própria
aos sentimentos torpes fosse refutada
pela voz justa; assim não nos enganaríamos.

1015

1020

HIPÓLITO

Sinto-me ainda pasmo; a estupefação
domina-me diante de tuas palavras
estranhas e distanciadas da razão.
Será que algum amigo me caluniou
e me tornei suspeito, apesar de inocente?

1025

TESEU

Ah! Coração humano! Até que extremos ele se atreverá? Até que ponto avançará sua despudorada audácia? Se ela vai inflando-se de geração em geração, se cada idade excede a precedente em crimes, os deuses terão de juntar um outro mundo ao nosso apenas para os culpados e os maus. 1030

Dirigindo-se às mulheres do CORO e apontando para HIPÓLITO

Contemplai este homem, que nasceu de mim mas desonrou meu leito! O testemunho claro da morte o incrimina da pior baixeza! 1035

Dirigindo-se a HIPÓLITO, que se virara horrorizado

Mostra teu rosto agora, pois não recuaste diante de uma ação nefanda. Avança logo até aqui, diante de teu pai! És tu, então, o homem ótimo, que até convive com os deuses, tu, a criatura virtuosa, pura de todo mal? Nunca! Tua arrogância não me enlouquecerá a ponto de imputar esta cegueira aos deuses! Vamos! Vangloria-te! Gaba-te de só comer alimentos sem vida³⁶! Mostra teu rosto agora, pois não recuaste diante de uma ação nefanda. Avança logo até aqui, diante de teu pai! És tu, então, o homem ótimo, que até convive com os deuses, tu, a criatura virtuosa, pura de todo mal? Nunca! Tua arrogância não me enlouquecerá a ponto de imputar esta cegueira aos deuses! Vamos! Vangloria-te! Gaba-te de só comer alimentos sem vida³⁶! Passas por inspirado, como Orfeu, e adoras, a vã fumaça de tanta ciência. Basta! Foste apanhado! Gritarei aos homens todos para que fujam de pessoas desta espécie. Vivem caçando, falam de modo empolado e, na verdade, apenas cuidam de infâmias! 1040 1045 1050

Mostrando o cadáver de FEDRA

Ela está morta. E tu? Procuras escapar a esta prova? Isso te confundirá

sem dúvida, canalha! Que declarações
ou que discursos podem ser mais convincentes
que este cadáver e livrar-te neste instante 1055
de seu libelo? Dirás que ela te odiava
e que o bastardo é o inimigo natural
dos filhos verdadeiros. Pode-se afirmar,
então, que ela empenhou num péssimo negócio
a própria vida, se afinal sacrificou 1060
a uma suposta hostilidade contra ti
o seu tesouro mais precioso. Ou tu supões
que a loucura do amor jamais atinge os homens,
que é própria das mulheres? Sabe-se que os jovens
não têm mais equilíbrio que as frágeis mulheres 1065
quando Afrodite lhes perturba o coração
ardente em sua adolescência. Eles alegam,
à guisa de defesa, os ímpetos do sexo.
Mas, afinal, para que combater assim,
por antecipação, os teus discursos óbvios 1070
diante deste corpo morto, testemunho
irrefutável contra ti? Desaparece
daqui sem mais demora. Vai para o exílio!
E não vás para Atenas, cidade fundada
pelos augustos deuses, nem para qualquer 1075
cidade ou região submissa à minha lança!
Se, depois do que me fizeste, eu fraquejasse,
Sínis, famoso outrora no Istmo, nunca mais³⁷
atestaria que morreu sob os meus golpes;
ele diria que me orgulho sem razão, 1080
e os rochedos Cirônios, vizinhos do mar,
desmentirão que sou temido pelos maus.

CORIFEU

Não sei como se pode chamar de feliz
qualquer mortal, se muda assim para pior,
depressa, a sorte dos que estavam no apogeu. 1085

HIPÓLITO

A cólera que te angustia o coração,
meu pai, é assustadora, mas tuas razões,
que se prestam perfeitamente a belas frases,
despidas dos adornos nada têm de belas. 1090
Faltam-me qualidades para discutir
em público; diante de meus companheiros
e com poucas pessoas eu sou mais capaz.
Há restrições nestes momentos, como em outros;
parecem os medíocres mais eloqüentes, 1095
falando a multidões, do que os inteligentes.
Devo, entretanto, na desdita que me envolve,
dar liberdade à minha língua. Vou falar
primeiramente do que disseste de mim,
num ímpeto, gabando-te de aniquilar-me 1100
e de tirar-me todas as respostas. Vês
a luz do sol e a terra; ambas não conhecem,
embora negues, homem com maior virtude
que a minha. Sei primeiro venerar os deuses
e tenho amigos que seriam incapazes 1105
de más ações, que corariam de pensar
em sugerir torpezas a seus conhecidos
e lhes prestar de volta serviços infames.
Eu não exponho meus amigos ao ridículo,
meu pai; ausentes ou presentes são amigos. 1110
E sou indiferente a um desejo, àquele
no qual pensas ter-me surpreendido em falta;
meu corpo até agora continua puro
dos prazeres do amor; não sei de suas práticas
senão de ouvir dizer e por vê-las pintadas, 1115
e essas ilustrações exercem sobre mim
pouquíssima atração, pois tenho a alma virgem.
Vamos supor, porém, que essa virtude minha
não te convença; então te cumpre demonstrar
de que maneira eu me teria corrompido.

Apontando para o cadáver de FEDRA

Seu corpo excederia os das demais mulheres 1120
em formosura? Ou por acaso eu nutriria
a expectativa de vir a ser o senhor
de tua própria casa conquistando um leito
que me faria herdá-la? Eu seria fútil
demais e não teria o mínimo bom senso! 1125
Dirás que o mando tem encantos. Para os homens
dotados de juízo ele não tem o mínimo,
se é certo que antes de mais nada ele destrói
a consciência dos mortais que seduziu.
De minha parte, aspiro a triunfar, primeiro, 1130
nas duras disputas atléticas da Hélade,
e a ser feliz com a amizade dos melhores;
ponho em segundo plano os êxitos políticos.
Assim se pode agir de acordo com a vontade
e a ausência de perigos tem encantos 1135
maiores que os do mando. Agora sabes tudo,
salvo uma observação que ainda vou fazer:

Apontando novamente para o cadáver de FEDRA

se eu tivesse uma testemunha (apenas uma)
para atestar quem sou, se ela inda visse a luz 1140
enquanto tento defender a minha causa
e passo os fatos em revista, saberias
a que atribuir a culpa realmente.
Ao menos — isso juro pelo grande Zeus
dos compromissos e pelo chão que pisamos —
terias convicção de que nunca pequei 1145
contra teu casamento, nem tive jamais
desejo de fazê-lo ou pensei nessa infâmia.
Matem-me sem renome e glória as divindades,
após perder a pátria, expulso de meu lar,
errante pelo mundo sem que mar ou terra 1150

acolha meu cadáver se eu for o culpado!
Com referência a ela, se foi o temor
que lhe tirou a vida, não tenho certeza.
Nada posso dizer além destas palavras.
Sem ter virtudes ela quis apresentá-las,
e nós, que as tínhamos, não soubemos usá-las.

1155

CORIFEU

Falaste o quanto basta para desfazer
a acusação; teus juramentos pelos deuses
são garantias que não posso desprezar.

TESEU

Olhai-o bem, o charlatão, este impostor
que julga poder triunfar sobre minha alma
pela aparente mansidão, após haver
ousado desonrar seu pai, que lhe deu vida!

1160

HIPÓLITO

Tua conduta agora, pai, faz-me ficar
desnortado e pasmo. Se fosses meu filho,
se fosse eu o pai e te acusasse agora
de haver tocado em minha esposa, com certeza
em vez de te exilar eu te exterminaria.

1165

TESEU

Esse castigo conviria bem ao crime,
como disseste, mas não deverás morrer
segundo a lei que decretaste contra ti
(o fim seria rápido e até suave
para o perverso que és). Antes tu sofrerás

1170

como eLivros, muito longe desta terra
de teus antepassados, em país estranho, 1175
onde tua existência chegará ao fim
amargamente; este é o prêmio dos malvados!

HIPÓLITO

Ah! Deuses! Que farás, meu pai? Vais expulsar-me
daqui de nossa terra, sem deixar que o tempo
mostre o que houve realmente entre nós dois? 1180

TESEU

Meu ódio é tanto que, se meu poder bastasse,
irias para além do Ponto, ou além do Atlas³⁸!

HIPÓLITO

Desterras-me sem julgamento, sem pensar
em juramentos, provas, vozes de adivinhos?

TESEU

Mostrando a plaqueta que encontrara na mão de FEDRA

Esta mensagem, que dispensa encenações³⁹, 1185
lança uma acusação direta contra ti;
e passam bem os pássaros dos adivinhos!

HIPÓLITO

Deuses! Por que não deixo livres os meus lábios⁴⁰?
Por ti, que honro, se consuma a minha ruína!
Mas não! De qualquer modo eu não convenceria 1190
aqueles que teria de dobrar; em vão
violaria os santos juramentos feitos.

TESEU

Como me irrita essa grandiloquência tua!
Por que não saís daqui imediatamente?

HIPÓLITO

Para que terra — ai de mim! — dirigirei
meus passos? Em que lar amigo eu entrarei
se pesa sobre mim a maldição do exílio? 1195

TESEU

Na casa de quem se compraz em acolher
e associar ao lar um sedutor de esposas
para sofrer, depois, as dores da desonra. 1200

HIPÓLITO

Fere-me o coração e traz-me aos olhos lágrimas
o pensamento de que te pareço mau
e me condenas como se eu de fato fosse!...

TESEU

Deverias chorar e prever tudo quando
ousavas ultrajar a esposa de teu pai! 1205

HIPÓLITO

Paredes desta casa! Por que não falais,
por que não atestais se sou mau, ou não sou?

TESEU

Invocas habilmente testemunhas mudas;
os fatos, também mudos, mostram o teu crime.

HIPÓLITO

Por que não posso ver-me, eu mesmo, frente a frente⁴¹,
para chorar os males todos que suporto? 1210

TESEU

Tu sempre te endeusaste em vez de cultivar
a piedade filial, como devias.

HIPÓLITO

Ah! Mãe infortunada! Ah! Doloroso parto!
Desejo que nenhum de meus amigos passe
por estas provações impostas aos bastardos! 1215

TESEU

Dirigindo-se à escolta

Que esperais para levá-lo à força, escravos?
Não ouvistes, há tempo, a minha decisão?
Este homem hoje é estrangeiro em nossa terra.

HIPÓLITO

Ai daquele que se atrever a me tocar!
Expulsa-me daqui tu mesmo, se quiseres! 1220

TESEU

Eu o farei, se não me obedeceres logo.

Teu banimento não me inspira piedade.

HIPÓLITO

Parece irrevogável tua decisão.

Ah! Infeliz de mim! Sei a verdade toda, 1225
mas não sei como poderia revelá-la.

Voltando-se para a estátua de ÁRTEMIS

Deusa mais venerada por meu coração,
filha de Leto, companheira de uma vida,
amiga inseparável em minhas caçadas,
somos, então, expulsos da gloriosa Atenas! 1230
Adeus! Adeus, cidade e terra de Erecteu⁴²!
E tu, chão de Trezena, onde passei feliz
a juventude, adeus! Pela última vez
dirijo-te a palavra e meus olhos te vêem!

Voltando-se para os companheiros

Vamos, meus companheiros, filhos desta terra! 1235
Levai-me logo para fora do país!
Dizei-me adeus! Ficai sabendo, amigos meus,
que nunca mais vereis homem tão virtuoso,
apesar de meu pai ter outra opinião.

Saem HIPÓLITO e seus companheiros por um lado e TESEU pelo outro

CORO

A fé nos deuses, quando nos ocorre 1240
ao pensamento, é poderoso alívio
para nossas constantes aflições;
cede, porém, nossa esperança íntima
numa suprema Inteligência, ao ver

as contingências e conduta humanas. 1245
Sucedem-se em sentidos divergentes
nossas vicissitudes, e os mortais
vêm mudar seus dias ao sabor
de um eterno capricho. Que o destino,
obra dos deuses, nos traga uma sorte 1250
próspera e nos conserve a alma livre
de sofrimentos! Que nossos princípios
nem sejam muito rígidos nem frouxos!
Queremos ter a conduta flexível
capaz de acomodar-se às circunstâncias 1255
mutáveis de uma hora para outra,
e ser felizes pela vida afora.
Perdemos a tranqüilidade ao ver
— sim, vimos contra nossa expectativa! —
o astro de Atenas, o mais cintilante 1260
da Hélade, ser expulso daqui
para país estranho por um pai
irado. Ah! Nossas praias arenosas
e armadilhas nos altos montes, onde,
com seus cães ágeis, ele destruía 1265
as feras com Dictina sacrossanta⁴³!
Nunca mais guiarás tua parelha
de potros vênets e nunca mais
o hipódromo de Limne vibrará⁴⁴
com o ímpeto de teus corcéis velozes 1270
bem arreados! Teu canto constante
ao som da lira cessará agora
de ressoar pela casa paterna!
E nunca mais ostentarão coroas
os santuários da filha de Leto⁴⁵ 1275
ocultos nos indevassáveis bosques!
E a porfia das virgens por teu leito
de núpcias findará com teu exílio.
E a nós, teu infortúnio nos fará
levar uma existência insuportável, 1280

cheia de lágrimas. Ah! Pobre mãe!
Tiveste um filho sem proveito algum!
Estamos ressentidas com os deuses!
Graças propícias, que cuidais das núpcias⁴⁶!
Por que deixais sair assim do lar
para longe da pátria este infeliz
que não tem culpa em atos criminosos?

1285

Algumas horas mais tarde

CORIFEU

Percebo, vindo para cá, um companheiro
de Hipólito. Precipitado, o olhar sombrio,
ele aparentemente vem para o palácio.

1290

Entra o MENSAGEIRO

MENSAGEIRO

Dirigindo-se ao CORO

Onde será possível encontrar Teseu,
Mulheres? Se sabeis, dizei-me sem demora.
Estará ele lá no palácio real?

Reaparece TESEU, saindo do palácio

CORIFEU

Ei-lo saindo neste instante do palácio.

MENSAGEIRO

Trago-te péssimas notícias, rei Teseu,
para ti mesmo, para os cidadãos de Atenas

1295

e para todo o território de Trezena.

TESEU

Que houve? Algum desastre nesta região?

MENSAGEIRO

Hipólito já não existe, se é correto
falar assim. Ele inda pode ver a luz
mas sua vida está apenas por um sopro.

1300

TESEU

Quem o faz perecer? Alguém cheio de ódio
por encontrá-lo possuindo esposa alheia
como ele possuiu aqui a de seu pai?

MENSAGEIRO

Ele foi vítima de seus próprios cavalos
e das imprecações saídas de teus lábios
contra teu filho. O deus do mar, teu pai, ouviu-as.

1305

TESEU

Ah! Deuses! És meu pai, de fato, Poseidon,
pois acolheste sem demora a minha prece!

Dirigindo-se ao MENSAGEIRO

Como ocorreu a morte dele? Conta logo!
Dize depressa como a clava da justiça
feriu, certa, o filho que me desonrou!

1310

MENSAGEIRO

Perto da praia revolvida pelas ondas
cuidávamos das longas crinas dos cavalos,
chorando ainda, pois um mensageiro lépido 1315
viera revelar-nos poucas horas antes
que Hipólito jamais voltaria a pisar
em sua terra, por causa do triste exílio
que tua decisão lhe impôs. O próprio Hipólito
juntou seu pranto ao nosso e veio até a praia; 1320
logo atrás dele, num cortejo numeroso,
vinham andando os amigos da mesma idade.
Cessou depois o pranto e então ele disse:
“Por que me aflijo assim? Tenho de obedecer
às ordens de meu pai. Atrelai os cavalos 1325
ao carro, escravos; a cidade onde nasci
já não é minha.” Todos nós, no mesmo instante,
em menos tempo do que eu gasto em te contar,
trouxemos para perto de nosso senhor
os corcéis prontos e atrelados a seu carro. 1330
Ele tomou logo nas mãos as rédeas presas
firmemente aos encaixes, ajustando os pés
às cavidades no estrado do carro. Erguendo
então as mãos, fez uma imprecação aos deuses:
“Que eu morra, Zeus, se sou um homem mau! E sinta 1335
meu pai a injúria que me fez, quer eu pereça,
quer continue a contemplar a luz do sol!”
Depois de assim falar pegou o aguilhão
e resolutamente fustigou os potros;
e nós, seus servos, ao lado do carro e junto 1340
aos freios, íamos acompanhando o dono
pela estrada que vai a Argos e Epidauro.
Entrávamos num trecho desolado, onde,
perto daqui, há uma praia que se estende
ao longo do golfo sarônico; de súbito 1345
escutamos, aflitos, um estrondo altíssimo,

como um trovão de Zeus, vindo do mar profundo,
repercutindo num ruído surdo, horrível
de ouvir. Levantando as cabeças para o céu
os potros empinaram as orelhas. Nós, 1350
presas de violento pânico, tentávamos
adivinhar de onde podia vir o estrondo.
Olhamos para toda a praia reboante
e divisamos uma onda portentosa
chegando até o céu, a ponto de esconder 1355
de nosso olhar as altas rochas de Ciron⁴⁷;
ela ocultava o Istmo e a pedra de Asclépio.
Depois, inflando-se e lançando em volta vagas
em turbilhões de espuma, a onda prosseguiu
em direção à praia, onde parara o carro 1360
e desabando de uma altura incalculável,
vomitou de seu bojo um touro monstruoso;
a terra inteira, tomada por seu mugido,
respondeu-lhe com um eco altíssimo, espetáculo
insuportável para os olhos e os ouvidos. 1365
Um pânico terrível dominou os potros
e Hipólito, nosso senhor, com sua prática
no trato de cavalos, apanhou as rédeas
com as duas mãos, puxou-as como os marinheiros
fazem com o remo, inclinando o tronco ágil 1370
com todo o peso de seu corpo. Mas os potros,
mordendo seus bridões forjados, empinaram-se,
indiferentes a seu condutor, às rédeas,
ao carro forte. Se, puxando mais as rédeas,
Hipólito tentava dirigir o carro 1375
para a planície, o touro, aparecendo à frente,
fazia os potros recuarem desvairados.
O medo insuportável fê-los dispararem
rumo aos rochedos. Acercando-se em silêncio,
o touro encurralou o carro bem de perto, 1380
levando-o a virar e estraçalhar-se todo
depois de uma das rodas bater numa pedra

e se partir. Tudo era confusão. Os raios
das rodas e os cravos dos eixos projetaram-se
no ar. O próprio Hipólito — ah! infeliz! —, 1385
preso nas rédeas passou a ser arrastado,
tolhido por um laço forte, inextricável.
Sua pobre cabeça batia nas pedras,
seu corpo se feria e ele dava gritos
tristes de ouvir: “Parai, cavalos meus, criados 1390
tão bem por mim! Não me tireis a vida agora!
Funesta imprecação de um pai! Nenhum amigo
tenta salvar a vida do melhor dos homens?”
Muitos queriam, mas nossos pés vagarosos
deixavam-nos distantes. Finalmente solto, 1395
não sei bem como, das correias que o prendiam,
ele ficou imóvel e quase sem vida;
a parelha de potros desapareceu
não sei por que lugar nas rochas, com o fatídico,
enorme touro. Sou apenas um escravo 1400
em tua casa, meu senhor, mas de uma coisa
eu nunca seria capaz: crer que teu filho
fosse um devasso, inda que todas as mulheres
morressem enforcadas, ainda que todas
as plaquetas que se pudessem fabricar⁴⁸ 1405
com os pinheiros todos trouxessem mensagens,
tanta certeza tenho de sua virtude.

CORIFEU

Consumam-se novas desgraças! Não há meios
de nos livrarmos do destino inelutável!

TESEU

Meu ódio pela vítima desse desastre 1410
me fez sentir prazer, de início, com as notícias;
agora, por respeito aos deuses e por ele

— meu filho —, não me alegro com sua desdita
(não poderei dizer tampouco que estou triste).

MENSAGEIRO

Que devemos fazer agora? Transportá-lo 1415
até aqui? Qual deve ser nossa conduta
em relação ao infeliz para agradar-te?
Reflete, mas se meu conselho for aceito
não serás duro com teu filho no infortúnio.

TESEU

Trazei-o para que meus próprios olhos vejam 1420
aquele que não admitiu ter desonrado
meu leito. Vou poder agora refutá-lo
com minha opinião e a punição divina.

CORO

Diriges, Afrodite, o coração 1425
dos deuses, resistente a qualquer jugo,
e o dos mortais, com o precioso auxílio
daquele cujas asas multicores⁴⁹
envolvem todos em seu vôo rápido.
Ele volteia sobre a terra e sobre 1430
a imensidão sonora do oceano
amargo, Amor, que encanta os corações,
enlouquecidos sob o seu ataque
em pleno vôo como um raio áureo,
dos animais monteses e marítimos,
de quantos são criados pela terra 1435
debaixo dos olhos do sol ardente
e dos homens também; sobre as criaturas
apenas tu és soberana, Cípris!

Aparece ÁRTEMIS por cima do palácio

ÁRTEMIS

Dirigindo-se a Teseu com voz comovida

Filho de Egeu, sangue de avós ilustres,
exorto-te a ouvir-me. Quem te fala 1440
é Ártemis, filha da augusta Leto.
Ah! Infeliz Teseu! Por que te alegras?
Por seres o impiedoso causador
da morte de teu filho? Persuadido
por meras invenções de tua esposa 1445
acreditas no incerto? Então é certa
a tua perdição. Por que não deixas
tua vergonha oculta sob a terra,
nas profundezas máximas do Tártaro⁵⁰
ou, transformando tua natureza, 1450
não alças vôo até os confins do ar,
fugindo aos males que causas agora?
Sim, já não podes esperar viver
entre pessoas de bons sentimentos.

Em tom mais duro

Ouve, Teseu, a história de tua desgraça. 1455
Minhas palavras não a remediarão
em coisa alguma — apenas te farei sofrer —,
mas venho mostrar em teu filho uma alma justa
para que ele possa morrer cheio de glória,
e em tua esposa um coração alucinado 1460
pela paixão, apesar de não lhe faltar
certa nobreza. A deusa mais abominada
por todos nós que julgamos a virgindade
motivo de alegria, a inflamou de amor
por teu altivo filho e a feriu depois 1465

com seu ferrão. Fedra tentou raciocinar
para fugir de Cípris, mas não resistiu,
malgrado seu, às pérfidas maquinações
da ama que, valendo-se de um juramento,
revelou a teu filho o mal de tua esposa. 1470
Ele, fiel a seus deveres, recusou-se
aos maus propósitos e, em sua devoção,
não quis trair a sacrossanta fé jurada,
embora o castigasses. Temerosa, então,
de ver-se descoberta em falta, ela escreveu 1475
a mentirosa acusação e foi a causa
da perdição de teu desventurado filho.
Foi tudo uma impostura, mas lhe deste crédito.

TESEU

Ah! Deuses! Ai de mim! Como sou infeliz!

ÁRTEMIS

Minhas palavras mordem o teu coração,
Teseu? Acalma-te, ouve o resto; gemerás 1480
ainda mais. Sabes que tinhas recebido
de teu pai o direito a três imprecações
inexoráveis. Uma delas tu lançaste
— homem cruel! — contra teu próprio filho, quando
podias tê-la usado contra um inimigo! 1485
Teu pai, o deus dos mares, deu-te, com razão,
o que lhe impunha uma promessa; foste tu
que, aos olhos dele como aos meus, te transformaste
num assassino; sem procurar uma prova,
sem ouvir adivinhos, sem investigar, 1490
sem permitir que o tempo tornasse mais claras
as circunstâncias, numa ânsia criminosa
lançaste contra o filho a maldição e o matas!

TESEU

Faze com que também eu morra, augusta deusa!

ÁRTEMIS

Teu crime foi horrível, mas ainda podes 1495
ser perdoado. Cípris quis que tudo isto
acontecesse assim. Ela saciava apenas
o seu furor e há uma lei entre os deuses
segundo a qual nenhum de nós se opõe a outro
em seus desígnios e vontades; pactuamos 1500
deixar-lhe sempre o campo livre. Sabe, então,
que se não fosse o meu respeito a Zeus, jamais
eu sofreria a humilhação de ver morrer
o homem que entre todos eu mais considero.
Quanto a teu crime, tua estupidez, de fato, 1505
é uma atenuante. Ainda a teu favor
existe o fato de a morte haver destruído
a possibilidade de ouvires a esposa;
criou-se, assim, a tua falsa convicção.
Caem principalmente sobre ti os males, 1510
mas é minha também a mágoa. A morte de homens
piedosos não traz alegria às divindades,
mas nossos golpes aniquilam os perversos
com seus filhos e lares implacavelmente.

*Desaparece ÁRTEMIS. Entra HIPÓLITO, desfigurado e ensangüentado,
apoiando-se nos ombros de dois criados*

CORO

Está chegando aqui o infeliz, 1515
com o corpo jovem e a cabeça loura
gravemente feridos. Ah! Família
sem sorte! Está duplamente enlutado

este palácio! A mão de um deus o atinge.

HIPÓLITO

Ai! Ai! Essa condenação iníqua 1520
de um pai iníquo está consumando
a minha ruína! Sei que estou morrendo...
Ai! Infeliz de mim! Dores atrozes
transpassam-me a cabeça, convulsões
revolvem e atormentam o meu cérebro!... 1525

Dirigindo-se aos criados

Parai! Meu corpo não resiste mais!...
Deixai-me repousar um pouco aqui...
Parelha de cavalos que adestrei
com minhas próprias mãos, tiras-me a vida!...

Aos criados, que depois de parar retomam a marcha

Ai! Pelos deuses! Sede cautelosos, 1530
criados, ao tocar com vossas mãos
num corpo que é uma ferida só!
Quem vai andando ao meu lado direito?
Erguei-me com cuidado, segurai
conjuntamente este infeliz, maldito 1535
pela alucinação de um pai! Ah! Zeus!
Estás vendo estes acontecimentos?
Sou eu, tão sério e dedicado aos deuses,
eu, que excedia a todos em virtude!
Já estou vendo à minha frente o Hades; 1540
está chegando ao fim a minha vida...
Cumprido em vão diante dos mortais
tudo que nos impõe a devoção...

Os criados estendem HIPÓLITO num leito trazido do palácio

Ai! Ai! Volto a sentir a dor! A dor!
Deixai este infeliz e venha a mim 1545
a morte, o grande, o infinito alívio!
Vós me matais! Matais-me duas vezes!
Quero agora uma espada de dois gumes
para cortar o fio da existência
e adormecer no derradeiro sono! 1550
Calamitosa maldição de um pai!
De parentes marcados por um crime⁵¹,
de antepassados muito antigos veio
o mal que me atormenta sem alívio!
Ele caiu sobre minha cabeça 1555
— por que sobre a de um homem inocente
que nunca fez maldades? Ai de mim!
Que digo? Como livrar minha vida
deste implacável sofrimento, e já?
Que a lei sombria do Hades, onde reina 1560
a morte se digne de adormecer
meu infortúnio para todo o sempre!

ÁRTEMIS

Invisível

Ah! Infeliz! A quantas provações
estás sujeito! A tua perdição
foi a nobreza de teus sentimentos! 1565

HIPÓLITO

De onde estás vindo, perfumado hálito
divino? Aspiro-te em minha desgraça
e sinto o corpo mais aliviado!
Está perto de mim a santa Ártemis?

ÁRTEMIS

Invisível

Aqui está a deusa que veneras.

1570

HIPÓLITO

E vês o meu estado deplorável?

ÁRTEMIS

Invisível

Vejo, mas deuses não derramam lágrimas.

HIPÓLITO

Já não tens o teu caçador, teu servo...

ÁRTEMIS

Invisível

Não mais, porém te estimo inda morrendo.

HIPÓLITO

... teu cavaleiro e guardião do templo.

1575

ÁRTEMIS

Invisível

Cípris, a pérfida, assim decidiu.

HIPÓLITO

Agora sei que deusa me aniquila!

ÁRTEMIS

Invisível

Tua altivez feria-lhe o orgulho
e tua santidade a irritava.

HIPÓLITO

Ela nos arruinou, sozinha, aos três.

1580

ÁRTEMIS

Invisível

Sim, tu, teu pai, e a mulher dele antes.

HIPÓLITO

Choro a desdita de meu pai também.

ÁRTEMIS

Invisível

Maquinações divinas o enganaram.

HIPÓLITO

Pai inditoso! Como és infeliz!

TESEU

Já não existo, pobre filho meu!
Não sinto a alegria de viver...

1585

HIPÓLITO

Gemo por ti e por teu erro, pai...

TESEU

Se eu pudesse morrer por ti, meu filho!...

HIPÓLITO

Por que te ouviu teu pai? Graça cruel⁵²!

TESEU

Ah! Se eu não lhe tivesse feito a súplica!...

1590

HIPÓLITO

De qualquer modo tu me matarias,
pois era muito grande a tua cólera.

TESEU

Os deuses me tinham tirado o senso.

HIPÓLITO

Ah! Se caíssem sobre os próprios deuses⁵³
os males que eles causam aos mortais!...

1595

ÁRTEMIS

Invisível

Que tudo seja como tem de ser.
Mesmo nas tenebrosas profundezas
da terra não será impunemente
que Cípris terá feito, por seu gosto,
cair sobre tua pessoa os golpes 1600
de sua cólera para punir
tua virtude e tua devoção.
Com minhas mãos eu mesma atingirei
alguém por isto; meus golpes fatais
te vingarão na criatura que, 1605
entre todas na terra, ela mais ama⁵⁴.
Com relação a ti, infelizmente,
terás de mim as honrarias máximas
cá em Trezena: todas as donzelas,
antes das núpcias, cortarão por ti 1610
os seus cabelos e ao longo dos tempos
receberás o mais amplo tributo
de lágrimas sentidas. O teu nome
inspirará os cânticos das virgens
e a louca paixão de Fedra por ti 1615
jamais irá cair no esquecimento.

Dirigindo-se a TESEU

Filho do velho Egeu: toma em teus braços
teu filho, aperta-o contra o coração.
Mataste-o sem querer. É natural
que os homens falhem quando os deuses querem. 1620

Dirigindo-se a HIPÓLITO

E tu deves ouvir o meu conselho;
não sintas ódio por teu pai, Hipólito;
deves saber que a tua perdição

foi obra do destino. Adeus, então!
Não posso, como deusa, ver defuntos,
nem macular meus ouvidos divinos
com os últimos suspiros de mortais;
vejo-te perto do instante fatal.

1625

ÁRTEMIS silencia

HIPÓLITO

Também quero saudar, divina virgem,
tua partida. Quero que consigas
deixar sem pena os laços duradouros
de nossa convivência. Apagarei
do pensamento, já que me pediste,
o desentendimento com meu pai
(sempre fui dócil à tua palavra).

1630

1635

Dirigindo-se a TESEU

Compõe meu corpo!... Abraça-me, meu pai!...

TESEU

Abraçando HIPÓLITO

Que fazes de teu triste pai, meu filho?

HIPÓLITO

Morro... Já vejo as portas do outro mundo...

TESEU

Deixarás esta mácula em minha alma?

HIPÓLITO

Não, pai; absolvo-te de minha morte.

1640

TESEU

Absolves-me do sangue derramado?

HIPÓLITO

Invoco agora o testemunho de Ártemis,
de seu arco e das flechas infalíveis.

TESEU

Ah! Filho meu muitíssimo querido!
Quanta bondade a tua com teu pai!

1645

HIPÓLITO

Pede aos deuses que teus filhos legítimos
sejam para contigo como eu sou...

TESEU

Como é piedoso e bom teu coração!...

HIPÓLITO

Adeus, meu pai... Adeus mais uma vez...

TESEU

Não me abandones! Luta contra a morte!

1650

HIPÓLITO

Não posso mais lutar... Morro, meu pai...
Cobre-me o rosto com meu manto, já...

HIPÓLITO morre

TESEU

Que grande homem perdes nesta hora,
terra de Palas, gloriosa Atenas!...
Como sou infeliz!... E quantas vezes
pensarei em tua maldade, Cípris!...

1655

*TESEU entra no palácio, seguido pelos criados que transportam o
cadáver de HIPÓLITO*

CORO

Toda a cidade sente a mesma dor
que a fere, inesperada. Correrão
de nossos olhos torrentes de lágrimas.
As más notícias sobre os grandes homens
provocam sempre e merecidamente
lamentações sinceras e perenes.

1660

FIM

NOTAS AO HIPÓLITO

1. *Ponto ... Atlas* — O mar Negro e o estreito de Gibraltar, pontos extremos do mundo conhecido pelos gregos da idade heróica.

2. *Piteu* — Pai de Aitra, mãe de Teseu, portanto bisavô de Hipólito. Piteu era famoso por sua sabedoria (veja-se o verso 778 da *Medéia*).

3. *Pandíon* — Rei mítico de Atenas, pai de Egeu e avô de Teseu.

4. *Sagrados mistérios* — Mistérios celebrados em Elêusis, localidade próxima de Atenas, pelos adeptos do orfismo, seita fundada por Orfeu e caracterizada pelo rigor de seus princípios; entre eles se incluía a abstinência de carne. Veja-se a nota 36 (versos 1044 e 1045).

5. *Palântidas* — Primos de Teseu, que lhe disputavam o direito ao trono de Atenas. Teseu teve de matá-los e, de acordo com os costumes da época, foi obrigado a afastar-se por isso de Atenas durante um ano, para não macular a cidade com sua presença, permanecendo durante esse período em Trezena.

6. *Inferno* — Literalmente *Hades*, a morada mítica dos mortos, e também o nome do deus maior dos infernos.

7. A partir daqui e até o verso 68 há uma mudança de metro no original, que seguimos na tradução, tanto aqui como em outros trechos.

8. *Deus ou deusa* — Literalmente Pan, deus das florestas, da vida selvagem e dos terrores súbitos, e Hecate (deusa padroeira da magia).

9. *Deusa-mãe dos altos montes* — Rea-Cibebe, a mãe de todos os deuses, que reinava nos cumes das montanhas.

10. *Valente deusa caçadora* — Dictina, deusa também dos altos montes, especialmente venerada em Creta, terra natal de Fedra. Era também uma deusa virgem, amada por Ártemis e caçadora como ela, e finalmente identificada com a própria Ártemis.

11. *Erecteidas* — Os atenienses, descendentes de Erecteu, sexto rei de Atenas. O *chefe dos Erecteidas* é Teseu, rei de Atenas na época em que se desenrola a peça.

12. *Creta* — Veja-se a nota 10.

13. *Limne* — Localidade próxima de Trezena, onde havia um santuário famoso de Ártemis.

14. *Nada em excesso* — Máxima atribuída a Quílon da Lacedemônia, um dos chamados Sete Sábios da Grécia.

15. *Real Amazona* — Ártemis, assimilada aqui às lendárias Amazonas (Hipólito era filho de uma delas), caçadoras famosas.

16. Fedra era filha de Pasifae, que se apaixonou por um touro (Minos), e irmã de Ariadne, que mantinha relações amorosas com o deus Diôniso (ou Baco). Este verso é traduzido literalmente por Racine, na *Fedra*, I, 3, verso 250.

17. *Domínios de Pêlops* — O Peloponeso, região da Grécia fundada pelo herói Pêlops.

18. Coisas vergonhosas — Esta passagem é obscura e interpretada diversamente. Parece óbvio, porém, que a alusão é a relações sexuais.

19. Semele foi uma das muitas mortais amadas por Zeus, do qual teve um filho deus (Diôniso). A Aurora, apaixonada, teria arrebatado Céfalos, um belo adolescente, para viver com ele nos céus.

20. Às margens do Alfeu, rio situado no Peloponeso, e em Pito (antigo nome da cidade de Delfos), havia oráculos famosos de Apolo. Febo é um dos epítetos desse deus, inspirador das profecias.

21. *Potrinha de Ecália* — Íole, filha do herói Eurito, rei de Ecália, comparada a uma potra por seu

gênio indomável até sentir os efeitos do amor, causa da ruína de sua terra e da morte de seu pai e de seus irmãos, vítimas de Heraclés, que Afrodite fizera apaixonar-se pela até então invicta donzela.

22. *Nascente de Dirce* — Dirce fora uma mulher extremamente cruel, que os deuses castigaram e finalmente transformaram numa fonte, próxima da cidade de Tebas.

23. *A mãe de Baco* — Semele que, fecundada por Zeus sob a aparência de um relâmpago, concebeu Baco (ou Diôniso). Veja-se a nota 19.

24. Este verso, desde a Antigüidade (Aristófanes) até o Século XIX (Schlegel), foi usado pelos críticos de Eurípides, acusado de vilipendiar o conceito da santidade dos juramentos. Veja-se o verso 1189.

25. A propósito dessa tirada contra as mulheres, vejam-se os versos 658 e seguintes da *Medéia*. Essas diatribes fizeram convergir sobre Eurípides, desde sua época, acusações constantes de inimigo das mulheres.

26. *Zeus, meu avô* — Minos, pai de Fedra, era filho de Zeus e de Europa. Veja-se a nota 16.

27. *O fim de alguém* — De Hipólito. Veja-se o verso 932.

28. *Erídano* — O atual rio Pó.

29. As Helíades, filhas do Oceano, choravam incessantemente a morte de seu irmão Faeton, fulminado por Zeus. Foram metamorfoseadas em álamo mas ainda assim continuaram chorando lágrimas de âmbar.

30. *Hespérides* — Filhas de Hésperos, a estrela vespertina, que habitavam os confins da Europa, região lendária além das Colunas de Heraclés (Gibraltar), na costa atlântica da península Ibérica, onde cresciam laranjas (os frutos de ouro).

31. *Múnico* — Herói lendário que deu o nome a um pequeno porto a leste do Pireu, próximo de Atenas.

32. A partir deste verso há uma mudança de metro no original, seguida na tradução. O mesmo critério é adotado em outros trechos da peça.

33. Veja-se a nota 27.

34. Fedra ocultava na mão uma plaqueta de madeira (*deltos*, verso 944) em que, na época heróica, se escreviam mensagens. Veja-se o verso 1405.

35. Segundo a lenda, ao invés de Egeu teria sido Poseidon, o deus do mar, que se uniu a Aitra para que esta concebesse Teseu.

36. Hipólito, como iniciado nos mistérios órficos, seria vegetariano. Veja-se a nota 4.

37. *Sínis* — Bandido que espalhava o terror na região do Istmo, que liga o Peloponeso ao continente, morto por Teseu (veja-se Plutarco, *Vida de Teseu*, 8 e 10). Esse bandido, juntamente com outro chamado Ciron, foi lançado ao mar depois de morto, e os dois se transformaram nos rochedos Cirônios.

38. Veja-se a nota 1.

39. *Encenações* — Literalmente: tirar a sorte. Os adivinhos usavam plaquetas com oráculos que, escolhidos pelos crédulos, revelariam o destino. No verso 1187 a alusão a pássaros se prende ao fato de os adivinhos se valerem do vôo das aves como um dos indícios para as suas profecias.

40. Hipólito refere-se ao juramento feito à Ama (verso 649).

41. Verso 1210: Hipólito quer dizer que, se estivesse no lugar de seu pai, não se mostraria tão insensível quanto ele.

42. *Terra de Erecteu* — Atenas. Veja-se a nota 11.

43. *Dictina* — Veja-se a nota 10.

44. *Limne* — Veja-se a nota 13.

45. *Filha de Leto* — Ártemis.

46. As Três Graças eram deusas da juventude e faziam parte do séquito de Afrodite, numa associação entre o amor e a mocidade.

47. *Ciron* — Veja-se a nota 37. No verso seguinte, Asclépio, deus da saúde na mitologia grega (o Esculápio latino).

48. *Plaquetas* — Veja-se a nota 34.

49. *Daquele cujas asas multicores* — Eros, o Amor.

50. *Tártaro* — A parte mais profunda do Hades, a morada dos mortos.

51. Os gregos acreditavam que os crimes dos ascendentes eram expiados pelos descendentes ao longo das gerações.

52. *Teu pai* — Poseidon. Veja-se a nota 35.

53. Os detratores de Eurípides, desde a Antiguidade, usavam versos como esses para acusá-lo de irreligiosidade. Tiradas semelhantes são freqüentes nas peças de Eurípides e refletem a influência dos filósofos contemporâneos (principalmente os sofistas) sobre o autor do *Hipólito*.

54. A vingança de Ártemis teria sido a morte de Adônis, o mortal mais amado por Afrodite. Adônis teria sido esfaçalhado por um javali feroz, incitado por Ártemis, ou atingido por uma flecha disparada pela própria Ártemis.

AS TROIANAS

INTRODUÇÃO

Menos fiel ao pensamento religioso de sua época que Ésquilo e Sófocles, Eurípides levou para o palco o racionalismo aprendido no convívio dos filósofos contemporâneos, principalmente os sofistas. Mais ainda: a longa guerra do Peloponeso, durante a qual Eurípides escreveu a maior parte de suas peças, provocou uma onda de ceticismo, de descrença nos antigos valores morais e religiosos, que influenciou fortemente o poeta. Espetáculos como o massacre impiedoso dos habitantes da ilha de Melos pelos atenienses (416-415 a.C.), são talvez a explicação para a profunda simpatia com que Eurípides tratou dos vencidos nas *Troianas*, em contraste com a arrogância e a brutalidade dos vencedores. A peça é de certo modo uma ilustração, por um cidadão da mesma Atenas que aniquilou Melos, dos horrores que esperam os vencidos na guerra e que esperariam portanto os atenienses se fossem vencidos na Sicília, que pretendiam invadir numa expedição de caráter imperialista. Essa situação dramática dos vencidos é simbolizada nas *Troianas* pela idosa Hécuba, uma verdadeira *mater dolorosa* pagã, na expressão de Gilbert Norwood (*Greek Tragedy*, quarta edição, Londres, Methuen, 1948, página 245). Os gregos nas *Troianas* são o herói trágico (herói coletivo), ou agente trágico, e os troianos são a vítima coletiva.

Esse interesse de Eurípides pelas questões políticas de seu tempo não foi episódico. Ao contrário, em muitas de suas peças há mensagens, há lições, há principalmente pregação pacifista, o que não impede o poeta-filósofo de considerar as guerras uma invenção dos deuses para evitar o excesso de população no mundo (*Helena*, versos 38-39):

“... em seus altos desígnios, Zeus
levou a guerra ao povo helênico e a Tróia
para livrar a terra-mãe da sobrecarga
de gente em demasia...”

Apesar desse rasgo de cinismo Eurípides é profundamente pacifista e não

perde o ensejo de manifestar horror pela guerra, numa pregação infrutífera, pois os atenienses que aplaudiam suas peças viviam empenhados em lutas fratricidas contra os demais gregos. A condenação das guerras de conquista nos versos 450-454, 472 e 497 das *Troianas* foi uma advertência direta e corajosa aos atenienses, que se preparavam para a desastrosa expedição à Sicília, decidida em 415 a.C., dentro de uma posição imperialista censurada muitas vezes por Eurípides em suas tragédias.

As *Troianas* foram representadas pela primeira vez em Atenas, no concurso dramático das Grandes Dionísias de 415 a.C. A ação se desenrola em Tróia, fora das muralhas após a captura da cidade pelos gregos comandados por Agamêmnon. Ao fundo vêm-se tendas onde estão as mulheres troianas aprisionadas pelos vencedores. Em frente a uma das tendas vê-se Hécuba (viúva de Príamo, rei de Tróia morto na guerra), caída, aniquilada pelo sofrimento. O deus Poseidon e a deusa Atena explicam, num diálogo que serve de prólogo, que estão abandonando Tróia com relutância e combinam um plano de vingança contra os gregos por seus atos de impiedade; Poseidon, deus do mar, destruirá a frota grega em seu retorno à pátria. Quando as divindades se retiram Hécuba inicia suas lamentações; logo o coro, composto de mulheres troianas, vem juntar-se a ela. Taltíbio, arauto dos gregos, chega para dizer a Hécuba que sua filha Cassandra deverá ser a concubina de Agamêmnon, a quem coube como presa de guerra. Quanto a Polixena, outra filha de Hécuba, o arauto fala enigmaticamente de sua morte próxima; Andrômaca, viúva de Heitor (o maior dos heróis troianos, filho de Hécuba e de Príamo), coube na partilha a Neoptólemo (filho de Aquiles, o principal herói grego na guerra em que perdeu a vida), e a própria Hécuba irá ser escrava de Odisseu, mais detestado por ela que todos os outros gregos. Cassandra sai repentinamente de sua tenda, cantando e dançando em delírio, num imaginário hino nupcial em sua própria honra, e profetiza as futuras desgraças de Agamêmnon e de Odisseu (segundo a lenda, Cassandra recusara-se a certa altura de sua vida de profetisa de Apolo aos desejos amorosos do deus, que se vingou desacreditando-lhe os vaticínios; veja-se o verso 532). Hécuba contrapõe sua grandeza anterior à desdita presente; o coro canta o dia fatídico em que Tróia acolheu festivamente o cavalo de madeira em cujo bojo estavam ocultos os soldados gregos. Andrômaca e o pequeno Astiânax, filho dela e de Heitor, aparecem num carro conduzido por soldados gregos, e por Andrômaca Hécuba fica sabendo da morte de Polixena, imolada sobre o túmulo de Aquiles. Embora desesperada, Hécuba exorta a nora a ser agradável a seu novo senhor, pois assim talvez Astiânax pudesse chegar à idade adulta e reviver a antiga grandeza de Tróia. Pouco tempo depois Taltíbio, o arauto, reaparece com a mensagem terrível: os gregos tinham decidido, a conselho de Odisseu, que

Astiânax fosse lançado do alto das muralhas ao chão, pois se permanecesse vivo seria uma ameaça para a Grécia. Andrômaca despede-se do filho numa cena extremamente tocante. Depois de uma ode do coro lembrando o primeiro cerco de Tróia, aparece Menelau, irmão de Agamêmnon, satisfeito com a oportunidade que finalmente se lhe apresenta de castigar Helena, sua mulher infiel, causadora da guerra que findava entre os gregos e os troianos. Hécuba agradece à “força que governa o mundo” o castigo em vias de ser infligido a Helena e a refuta acerbamente quando a bela esposa de Menelau procura defender-se (o episódio de Helena e Menelau é uma pausa na sucessão de desgraças que compõem a peça, e é um reflexo típico das disputas sofisticadas em voga na época de Eurípides, nas quais se defendia o indefensável como exercício de eloqüência). Taltíbio retorna trazendo o cadáver de Astiânax, à vista do qual Hécuba diz palavras de profundo sentimento, nas quais transparecem laivos de demência. A peça termina com o incêndio final de Tróia pelos gregos. Após uma tentativa frustrada de Hécuba de lançar-se às chamas, as cativas, com ela à frente, dirigem-se à última nau grega ainda em Tróia, que as levará à Grécia para a escravidão.

Do ponto de vista da teatralidade, a *mise-en-scène* das *Troianas* sobrepuja a de todas as outras tragédias gregas conservadas, por sua movimentação, seus sons e suas cores, pelo efeito de conjunto, enfim, que deveria produzir nos espectadores a presença dos deuses, no princípio; a saída de Cassandra da tenda fulgurante, entoando em delírio o hino nupcial num bailado frenético; a entrada de Andrômaca e de Astiânax no carro puxado por soldados gregos, no qual se destaca o grande escudo de Heitor, que depois serviria de féretro para Astiânax; a presença em cena do cadáver de Astiânax sobre o escudo de Heitor; Hécuba e as mulheres do coro batendo no chão com as mãos para invocar os mortos; e especialmente o grande final (as ordens dadas aos soldados para incendiar as ruínas da cidade e às cativas para marcharem, ao toque das trombetas, em direção à nau de seus senhores no fundo da cena; o estrondo de Pérgamo — a cidadela de Tróia —, desmoronando fragorosamente, fazendo a terra tremer; o toque das trombetas e a marcha cadenciada das troianas rumo à nau que as levará para o cativeiro).

O enredo da peça pertence ao fértil ciclo troiano e esta minha tradução forma um conjunto com duas anteriores, devendo as três ser lidas na seguinte ordem: primeiro, as *Troianas*; segundo o *Agamêmnon* e finalmente a *Electra*. Nelas temos, formando uma seqüência como se se tratasse de uma trilogia, Ésquilo hierático, Sófocles que “delineava os homens como eles deveriam ser” e Eurípides que os apresentava “como são”, para usar as expressões de Aristóteles

na *Poética* (1460 b 34).

O texto geralmente usado para esta tradução foi o estabelecido por Gilbert Murray (Oxford, Clarendon Press, 1913, vol II, 3ª edição). Também consultei a edição de Léon Parmentier e Henri Grégoire (Paris, *Les Belles Lettres*, 1942) e a tradução francesa, muito fiel, de G. Hinstin (Paris, Hachette, 1890).

Época da ação: idade heróica da Grécia.

Local: Tróia.

Primeira representação: 415 a.C.

PERSONAGENS

POSEIDON, deus do mar

ATENA, deusa também conhecida como Palas

HÉCUBA, viúva de Príamo, rei de Tróia

CORO, composto de virgens troianas (primeiro semicoro) e de viúvas de guerreiros troianos (segundo semicoro)

TALTÍBIO, arauto dos gregos

CASSANDRA, filha de Hécuba e de Príamo, profetisa e sacerdotisa de Apolo

ANDRÔMACA, viúva de Heitor, o maior dos guerreiros troianos, nora de Hécuba e mãe de Astiânax

MENELAU, irmão de Agamêmnon, o comandante dos gregos em Tróia

HELENA, mulher de Menelau

ASTIÂNAX, filho de Heitor e Andrômaca, ainda criança

Os gregos são também chamados argivos e helenos. A Grécia também é mencionada como Hélade.

Os troianos são também chamados de frígios.

Tróia também é chamada de Ílion; sua cidadela chamava-se Pérgamo. Frígia era a região em que ficava Tróia.

Cenário

O acampamento dos gregos diante de Tróia. Ao longe a cidade, de onde se eleva a fumaça de incêndios; no fundo da cena algumas tendas onde estão confinadas as cativas troianas. Diante da porta de uma das tendas HÉCUBA chora caída no chão. É manhã cedo. Entra POSEIDON, invisível para HÉCUBA

POSEIDON

Do salso mar Egeu profundo, eu, Poseidon¹,
estou saindo lá de onde as Nereidas bailam²
em sinuosas danças com graciosos passos.
Desde que aqui em volta da antiga Tróia
Apolo e eu erguemos as muralhas sólidas³ 5
de enormes pedras em perfeito alinhamento,
jamais meu coração deixou de ser benévolo
com os habitantes desta terra e seu país.
Agora restam dela apenas fumo e cinzas;
a lança grega saqueou-a, destruiu-a. 10
Um grego, Epeio, usando um artifício insólito
inspirado por Palas, construiu enorme,
fatal cavalo, encheu-lhe os flancos de armamento⁴
e introduziu esse funesto simulacro
em Tróia, que lhe abriu as portas; o futuro 15
relembra o monstro feito de madeira
repleto de pugnazes lanças em seu bojo.
Os bosques consagrados hoje estão desertos
e dos sacrários corre apenas sangue humano.
Ao pé do altar do grande Zeus Familiar 20
tombou ferido mortalmente o velho Príamo.
Levam-se aos montes muito ouro e os despojos

de Tróia para as numerosas naus dos gregos.
Esperam eles ventos fortes favoráveis
soprando certos pelas popas, pois aspiram 25
agora à máxima ventura de rever
suas mulheres e seus filhos, esses gregos
que por dez anos já contaram o retorno
da época propícia ao plantio ânua 30
desde o início desta guerra contra Tróia.
E eu, vencido pela deusa de Argos, Hera,
e por Atena, que se uniram firmemente
visando à perdição de toda a gente frígia,
tenho de abandonar a gloriosa Ílion 35
e meus altares já desfeitos e desertos.
Na dolorosa solidão desta cidade
decai, fenece, extingue-se o tributo aos deuses,
aos quais já falta a adoração habitual.
Ecoam nos barrancos do Escamandro os gritos⁵
de inúmeras cativas na expectativa 40
de ver a sorte designar-lhe um senhor.
Algumas foram dadas aos guerreiros árcades⁶;
outras irão servir aos homens da Tessália;
aos filhos de Teseu, chefes de Atenas, outras⁷. 45
Muitas troianas excluídas da partilha
estão prisioneiras lá naquelas tendas;
compõem o melhor e derradeiro lote
já reservado aos chefes dos vitoriosos.
No meio delas se destaca Helena bela,
tratada agora justamente como escrava. 50
Se alguém quiser neste momento contemplar
a imagem do infortúnio, bastará olhar,
caída ali, defronte à tenda, a idosa Hécuba;
quantas e quão sentidas lágrimas derrama,
quantos motivos ela tem para chorar! 55
A filha Polixena pereceu — coitada! —,
sacrificada sobre o túmulo de Aquiles,
vítima deplorável de cruel cutelo.

Já pereceram Príamo e seus filhos todos
e a inspirada filha que Apolo profeta
levou a transes delirantes (sim, Cassandra!)
será forçada pelo intrépido Agamêmnon
a ser sua mulher em leito clandestino,
contra a divina lei e contra a piedade.
Adeus, então, cidade outrora venturosa!
Adeus, muralhas construídas pelos deuses!
Se tanto não houvesse Palas pelejado
por tua perdição inda estarias firme
sobre teus alicerces; não serias cinzas.

Entra ATENA

ATENA

Irmão mais próximo de meu augusto pai,
nume potente honrado pelos próprios deuses,
consentirás que, alheia ao nosso antigo ódio,
eu venha aqui falar contigo frente a frente?

POSEIDON

Sem dúvida, divina Atena, pois o trato
entre familiares é tão agradável
que o coração se rende facilmente a ele.

ATENA

Sensibiliza-me teu ânimo suave.
Desejo apresentar-te logo uma proposta,
que te interessa tanto quanto a mim, senhor.

POSEIDON

Será mensagem usual de outros deuses,

talvez de Zeus? Que divindade te mandou?

ATENA

Nenhuma. Falarei de Tróia, destruída
por minha intercessão. Sejamos aliados.

POSEIDON

Cessou, então, teu ódio persistente a Tróia
e sentes pena dela já desfeita em cinzas?

85

ATENA

Atém-te ao fato apenas; quererás juntar-te
a mim em meu propósito e prestar-me ajuda?

POSEIDON

Unamo-nos, mas antes quero ouvir teus planos.
Terás em mira os gregos ou os meus troianos?

ATENA

Quero mostrar por Tróia, antes detestada,
algum apreço finalmente, impondo aos gregos
retorno demorado e desastroso à pátria.

90

POSEIDON

Por que saltar assim de um sentimento a outro
e odiar e amar voluvelmente com tal força?

ATENA

Sabes que afronta me fizeram em meu templo?

95

POSEIDON

Quando Ájax constrangeu Cassandra duramente⁸?

ATENA

E os gregos não o censuraram nem puniram!

POSEIDON

Mas foi com teu apoio que venceram Tróia.

ATENA

Mas pelo ultraje, unida a ti vou castigá-los.

POSEIDON

Terás a minha ajuda. Quais são os teus planos?

100

ATENA

Farei com que a vitória lhes resulte amarga.

POSEIDON

Enquanto estão em terra, ou sobre as ondas salsas?

ATENA

Quando partirem suas naus daqui de Tróia
levando-os de retorno ao lar, conforme esperam.
Zeus as fustigará com chuvas em torrentes

105

e tempestades escurecerão os céus;
meu pai nos cederá o fogo de seus raios
para com eles açoitarmos os soldados
e incendiarmos suas naus; faze tu mesmo
vagas enormes estrondarem sobre a rota 110
amontoando em turbilhões no Egeu as ondas
e enchendo de cadáveres o mar sulcado
de Eubéia para que os gregos enfim aprendam⁹
a respeitar os meus altares no futuro
e a venerar os outros deuses como é justo. 115

POSEIDON

Assim será. Não há sequer necessidade
de longas falas para obter estes serviços.
Agitarei as águas abismais do Egeu;
o litoral micônio e os recifes délios¹⁰
de Ciros e de Lemnos, mesmo o promontório 120
de Cafareu receberão os corpos mortos
das numerosas vítimas de nossa ira.
Sobe ao Olimpo! Vai e lá recebe logo¹¹
das mãos de Zeus teu pai as flechas fulgurantes
de seus certos raios, antes que as amarras 125
das gregas naus se soltem para a volta à pátria!

Sai ATENA. Prossegue POSEIDON

O homem que destrói cidades é demente
como o profanador de templos e de túmulos,
asilos sacrossantos dos parentes mortos.
Quem age dessa forma cedo há de perder-se. 130

*POSEIDON afasta-se. HÉCUBA começa a mover-se lentamente e tenta
levantar-se*

HÉCUBA

Levanta do chão duro esta cabeça¹²,
infortunada! Apruma teu pescoço!
Não mais existem Tróia nem rainha.
A sorte muda, deves resignar-te.
Irás errante, ao fluxo das correntes,
irás errante ao gosto do destino.
É vão esforço pretender opor
a frágil nave desta vida às vagas.
Navega! Entrega-te ao azar dos ventos!

135

Pausa

Quantas razões eu tenho — ai de mim! —
para chorar nesta calamidade
a perda de meus filhos, meu marido,
minha querida pátria... Ai de mim!...
Dourado fausto antigo em que vivi,
meu fim me faz saber que nada eras!
Convém calar? Talvez falar... Chorar...
Um peso imenso oprime os meus cansados,
sofridos membros nesta posição,
caída aqui no chão desconfortável.
Dói-me a cabeça... Quanta dor nas têmeoras!...
Meus flancos doem tanto!... Mal consigo
mover-me para em nova posição
continuar chorando as minhas mágoas
entre queixumes e incessantes lágrimas.
É a música restante aos infelizes
aniquilados por desastres tão terríveis
que fazem silenciar todos os cantos...

140

145

150

155

HÉCUBA levanta-se lentamente

Ah! Naus de proas lépidas que os remos
fizeram ir até a sacra Ílion
cortando o mar purpúreo, procedentes

160

de vários pontos da distante Hélade!
De certo foi ao som das flautas lúgubres
e trompas estridentes que, lançando
ao mar as longas cordas que o Egito
aos nautas ensinou a bem trançar, 165
firmastes — ai de mim! — vossas amarras
no ancoradouro plácido de Tróia!
Viestes procurar a esposa pérfida¹³
de Menelau, opróbrio de Castor¹⁴
e mácula do Eurotas, assassina 170
de Príamo, pai de cinquenta filhos,
e para mim — infortunada Hécuba —
causa de minha ruína e de meus males!
Ah! Infeliz de mim! A que lugar
cheguei aqui? À tenda de Agamêmnon! 175
Como cativa levam-me de casa,
decrépita, os cabelos aparados
— sinal de luto —, o rosto macerado...
Mulheres infelizes dos troianos
de lanças brônzeas, e vós mesmas, virgens, 180
que nunca chegareis a ter esposos,
chorem! Tróia está envolta em chamas!
Igual ao pássaro que grita aflito
às tenras crias, quero começar
um canto para vós; não será ele 185
em nada comparável aos que outrora
eu costumava entoar alegre
marcando bem com os pés a vivacíssima
cadência frígia, conduzindo os coros
nas festas em celebração aos deuses, 190
tendo nas mãos o cetro do rei Príamo.

Entra o primeiro CORIFEU, moça troiana vinda de uma das tendas visíveis ao fundo

PRIMEIRO CORIFEU

Que significam, Hécuba, teus gritos?
Que há de novo? De onde estamos presas
ouvi os teus lamentos e o terror,
varando o peito, entrou no coração
de todas as troianas que nas tendas
lamentam sem parar o cativo.

195

HÉCUBA

Ah! Minha filha!... Os gregos em seus barcos,
de mãos nos remos, estão preparados
para partir de volta às suas casas.

200

PRIMEIRO CORIFEU

Desgraça nossa! Que pretendem eles?
Irão levar-nos já, de mar afora,
para bem longe da querida Tróia?

HÉCUBA

Não sei, mas antevejo grandes males.

PRIMEIRO CORIFEU

Desventuradas, míseras troianas!
Iremos conhecer as provações
que nos aguardam. Vinde todas cá!
Os gregos estão prestes a partir!

205

Saem de algumas tendas várias moças troianas formando o primeiro semicoro. De outras tendas saem mulheres de meia-idade, viúvas dos guerreiros troianos. Vem à frente uma delas, o SEGUNDO CORIFEU

HÉCUBA

Não! Por favor! Tentai obstar que saia
de sua tenda minha pobre filha, 210
Cassandra profetisa, insana mênade,
para vergonha nossa junto aos gregos!
Que eu não sinta esta dor a mais!
Ah! Tróia! Tróia muito infortunada!
Deixaste de existir! Desventurados 215
os que te perdem, vivos ou finados!

SEGUNDO CORIFEU

Rainha nossa! Estou saindo trêmula
de uma das várias tendas em que estão
as muitas frígias dadas em partilha
a Agamêmnon. Quero ouvir-te logo: 220
os gregos decidiram, afinal,
exterminar-me — infeliz de mim! —
ou já enfileirados em seus barcos
empunham remos prestes a levar-me?

HÉCUBA

Desde a alvorada, filha, estou aqui, 225
pois tinha a alma cheia de receios.

PRIMEIRO CORIFEU

Já veio aqui algum arauto grego?
De quem serei a desgraçada escrava?

HÉCUBA

Decidirão depressa a tua sorte.

SEGUNDO CORIFEU

Ah! Que guerreiro de Argos ou da Ftia¹⁵ 230
ou qualquer ilha vai levar-me agora
de Tróia para longe, muito longe?

HÉCUBA

Ah! Céus! Em que palácio irei servir?
De que senhor, de quem serei cativa,
eu, velha, triste, inútil qual zangão, 235
espectro lastimável, nada mais
que a sombra sofredora de um cadáver?
Guardar as portas, pajear crianças...
Eis a tarefa reservada àquela
que em Tróia tinha as honras de rainha!... 240

SEGUNDO SEMICORO

Ah! Infeliz! Com que soluços, Hécuba,
pranteias tua queda! Nunca mais
faremos nos teares junto ao Ida¹⁶
girar as lançadeiras velocíssimas!...
Veremos pela derradeira vez 245
os corpos lívidos de nossos filhos!...
Sim, derradeira vez e nunca mais!
Iremos suportar ignóbeis provas:
ou nos terão os gregos em seus leitos
— maldita seja essa noite próxima! —, 250
ou nos constrangerão a carregar
— criadas dignas só de piedade —
a água nas nascentes de Pirene¹⁷.

PRIMEIRO SEMICORO¹⁸

Preferiríamos ter de viver
na terra gloriosa de Teseu¹⁹. 255

Ah! Praza aos céus que nunca nós vejamos
do Eurotas a corrente e as margens planas²⁰
na terra odiosa da funesta Helena²¹,
lá onde como escravas serviríamos 260
a Menelau, a perdição de Tróia!...
A nobre terra do Peneu, esplêndida²²,
ao pé do Olimpo, é cheia de riquezas²³
segundo dizem seus conhecedores,
e de abundantes, verdes plantações.
É essa a região que escolheríamos 265
depois da terra de Teseu, divina.
As faldas do Etna, onde demora Hefesto²⁴,
berço dos píncaros sicilianos
frente à Fenícia, ganham recompensas²⁵
— é voz geral — que falam muito alto 270
das qualidades de seus habitantes.
Bem próxima, na rota do mar Jônio²⁶,
situa-se a planície celebérrima
banhada pelo rio mais belo — o Crátis²⁷;
de loura cor brilhante, suas águas 275
impregnam os cabelos dos nativos
e ao mesmo tempo nutrem e fecundam
e tornam próspera uma terra pródiga
em homens cuja força é proclamada.

*Vendo aproximar-se um arauto dos gregos, os dois semicoros se reúnem
em volta de HÉCUBA*

SEGUNDO CORIFEU

Está aproximando-se de nós 280
o arauto das odiosas tropas gregas.
A passos rápidos nos traz, sem dúvida,
mensagens novas. Que virá dizer-nos?
Que ordens nos trará, desagradáveis?
Pressinto que já fomos destinadas 285

à condição servil na terra dória²⁸.

Entra TALTÍBIO, escoltado por soldados gregos

TALTÍBIO

Por certo sabes, Hécuba, que fiz a Tróia
visitas repetidas, como arauto-mor
das forças gregas. Conhecemo-nos há muito,
senhora; sou Taltíbio e trago uma mensagem.

290

HÉCUBA

Caras troianas, meu temor confirma-se.

TALTÍBIO

Foram tomadas decisões inapeláveis,
se nesta hora o teu receio é este, Hécuba.

HÉCUBA

Pobre de mim! A que cidade, então,
lá na Tessália ou na distante Ftia
ou porventura na terra de Cadmos²⁹
vão enviar-nos? Dize, mensageiro!

295

TALTÍBIO

A cada uma a sorte deu senhor diverso.

HÉCUBA

Qual o senhor, então, de uma por uma?
E quem pode esperar melhor destino?

300

TALTÍBIO

Direi, se perguntares separadamente.

HÉCUBA

Assim farei. Quem levará Cassandra,
minha desventurada filha? Quem?

TALTÍBIO

Rei Agamêmnon, ele mesmo, a escolheu.

305

HÉCUBA

Ah! Que desgraça! Para ser escrava
de alguma dama da Lacedemônia³⁰?

TALTÍBIO

Nosso rei vai querê-la para sua amante.

HÉCUBA

Não! A donzela consagrada a Febo,
a quem a graça de não ter esposo
foi concedida pelo fulvo deus?

310

TALTÍBIO

Amor prendeu o rei à virgem inspirada.

HÉCUBA

Desfaze-te das chaves sacras, filha!

Arranca de teu corpo as santas vestes³¹!

TALTÍBIO

Então é pouca honra estar em leito régio?

HÉCUBA

E minha filha que levaste há pouco?

315

TALTÍBIO

A quem aludes? Deve ser a Polixena.

HÉCUBA

Acertas. Quem a teve na partilha?

TALTÍBIO

Levou-a a sorte ao túmulo do herói Aquiles³².

HÉCUBA

Desgraça! Foi para servir a um túmulo
que eu a tive! Mas, qual é, Taltíbio,
esse costume ou rito dos helenos?

320

TALTÍBIO

Alegra-te, pois tua filha está em paz...

HÉCUBA

Que dizes? Vamos! Fala, por favor!

Contempla ela ainda a luz do sol?

TALTÍBIO

Agora ela está imune a infortúnios...

325

HÉCUBA

E a nobre esposa do valente Heitor
de brônzea decisão, a infeliz
Andrômaca, dize o destino dela!

TALTÍBIO

Também foi partilhada e coube a Neoptólemo.

HÉCUBA

E eu? E eu? De quem serei a serva,
eu, que para marchar tenho de dar
à minha mão a necessária ajuda
que um sólido bordão proporciona
à envelhecida, atônita cabeça
caída ao peso da avançada idade?

330

335

TALTÍBIO

Serás escrava de Odisseu, senhor de Ítaca³³.

HÉCUBA

Golpeia esta cabeça maltratada!
Fere com as unhas o teu rosto triste!
Ai! Desgraçada! Ai! Infeliz de mim!
A sorte impiedosa faz-me escrava

340

de um ser abominável, duro, pérfido,
de um inimigo da justiça, monstro
sem lei que entre vós difama os outros
e entre os outros nos difama em troca!
Língua terrível, duplamente falsa
que espalha o ódio onde reinava a paz!
Chorai por mim! A desventura mata-me!
Estou perdida! Os fados impuseram
que na partilha me coubesse — a mim! —
o mais insuportável dos quinhões!

345

350

SEGUNDO CORIFEU

Agora sabes o destino teu, rainha,
mas qual será o meu senhor entre os helenos?

TALTÍBIO

Dirigindo-se aos soldados da escolta

Ide, soldados, e trazei a mim Cassandra.
É meu dever fazê-la chegar logo às mãos
do chefe dos soldados gregos e em seguida
levar aos outros as cativas que lhes cabem.

355

Notando sinais de chamas em uma das tendas

Que será isso? Creio que há fulgurações
naquela tenda, como se fossem archotes.
Parece incêndio ateado por troianas!
Ao ver chegada a hora de serem levadas
de seu país para a distante terra helênica
talvez pretendam as cativas transtornadas
matar-se, consumindo em fogo os próprios corpos.
É bem verdade que em momentos como este
difícilmente as almas livres se resignam

360

365

ao infortúnio. Abri! Abri! Eu não desejo
que esse procedimento, para elas bom
mas mau para os helenos, me desfavoreça.

HÉCUBA

Menos agitada

Não é incêndio; é Cassandra, minha filha,
que em transe, delirante, avança para cá.

370

*Entra CASSANDRA, vinda de uma das tendas, dançando, trazendo as
insígnias de sacerdotisa (ramos de loureiro, franjas de lã e as chaves do
templo); imagina, em seu delírio, estar celebrando suas próprias bodas
diante do santuário de Apolo, e traz na mão direita um archote*

CASSANDRA

Frenética

Eleva, agita, chega perto a chama!
Olhai! Eu porto o archote e santifico
com a flama pura o templo consagrado!
Senhor das núpcias! Abençoa o noivo!
Bendita seja eu também, a noiva,
votada ao leito do senhor de Argos³⁴!
Núpcias! Senhor das núpcias! Minha mãe:
já que, desfeita em incontido pranto,
choras sentidamente meu pai morto
e minha pátria em ruínas, eu, a filha,
farei brilhar em minhas próprias bodas
a luz que deve iluminar o enlace
de virgens, elevando muito alto
a chama deste archote fulgurante
em tua honra, protetor das núpcias,
em tua honra, senhora dos partos³⁵,

375

380

385

tal como exigem os sagrados ritos!
Salta alto! Bem alto! Baila rápida!
Conduze, leva o coro! Viva! Viva
a vida como nos dias felizes 390
vividos com meu pai! Conduze, tu,
Apolo, o coro nupcial sagrado
em honra de tua sacerdotisa
no teu divino templo entre os loureiros.
Senhor das núpcias! Núpcias, minhas núpcias! 395
Vem, participa deste coro, mãe,
e dança e gira cadenciando os passos
nas voltas pelos passos meus! Atende-me!
Cantai vós todas o hino nupcial
e festejai com odes a nubente! 400
Quero escutar vossos gritos alegres!
Acompanhai-me! Vamos, virgens frígias!
Em trajés coloridos celebrai
o esposo que receberei no leito!

SEGUNDO CORIFEU

Contém, rainha, tua filha delirante. 405
Evita que seus saltos ágeis a conduzam
assim até o acampamento dos argivos.

HÉCUBA

O porta-flama nupcial és tu, Hefesto,
mas hoje é diferente a chama que provocas
e estão distantes para nós as esperanças 410
de núpcias verdadeiras, que não mais virão.
Ah! Minha filha! Nunca eu poderia — nunca! —
imaginar que tuas bodas se fariam
em meio às lanças e às espadas dos argivos.
Dá-me este archote; não consegues segurá-lo 415
erecto em tua agitação, em teu delírio.

Tão grande golpe fez-te até perder o senso
e não espero que recobres a razão.

*HÉCUBA entrega a uma das mulheres próximas o archote que tira das
mãos de CASSANDRA e prossegue*

Levai, troianas, este archote; respondi
com pranto à ode nupcial de minha filha. 420

CASSANDRA

Menos agitada

Coroa minha fronte vencedora, mãe,
e regozija-te com minhas núpcias régias.
Conduze-me ao esposo meu e se pareço
medrosa ou relutante, usa a força e leva-me.
Se Apolo é deus e tem poderes, Agamêmnon, 425
o rei, terá em mim esposa mais funesta
que Helena; fá-lo-ei morrer e arruinarei
a sua casa e raça como ele a minha,
vingando assim meu pai e meus irmãos finados.
Há, todavia, certas previsões fatais 430
de tal maneira torpes que é melhor calar;
não falarei da arma que decepará³⁶
o meu pescoço e outro; não mencionarei
o matricídio que estas núpcias causarão³⁷
e a destruição total da casa dos Atridas. 435
Desejo apenas convencer-te, minha mãe,
de que os troianos são mais felizes que os gregos.
Embora esteja possuída por um deus,
para provar-te vou sair de meu delírio.
Por causa de uma só mulher, de um só amor, 440
só por Helena, quantos gregos pereceram!
Seu chefe, cujas qualidades muitos louvam,
sacrificou o mais precioso de seus bens

visando ao mais nefando de todos os fins;
a alegria de seu lar, a própria filha 445
ele entregou a seu irmão, ele a matou³⁸,
apenas para devolver-lhe a esposa indigna,
mulher levada de seu lar não pela força,
mas por vontade própria. Os homens desse rei,
por ele conduzidos para longes terras, 450
às margens do Escamandro foram dizimados³⁹
em lutas árduas cujo prêmio não seria
nem a sobrevivência do país natal,
nem a preservação das muralhas primevas.
E essas vítimas sem número de Ares 455
não mais reviram seus abandonados filhos
e a mão que as sepultou não foi da esposa amada;
em terra estranha jazem seus sofridos corpos.
Nos lares que deixaram a desdita é igual;
morrem viúvas as mulheres sem arrimo; 460
os pais idosos morrem e não deixam filhos
para perpetuá-los nos lares vazios;
levaram-nos por outrem e sobre seus túmulos
parente algum virá oferecer por eles
sangue de vítimas imoladas à terra. 465
Aí está o merecido panegírico
à expedição dos gregos. Quanto às crueldades
de seus soldados, é melhor silenciar;
jamais me venha a doce inspiração das Musas
para cantar e celebrar tantas infâmias! 470
Já os troianos desde cedo se cobriam
da glória sem igual de morrer pela pátria.
Se eles morriam transpassados pelas lanças
seus corpos eram transportados por amigos
até o lar; a terra de seus ancestrais 475
cobria seus cadáveres nos sacros túmulos
enquanto as mãos prescritas para esse fim
com a merecida piedade os enterravam.
Os frígios que sobreviviam aos combates

no fim de cada dia viam as famílias, 480
seus filhos, as mulheres, afinal gozavam
das alegrias recusadas aos helenos.
Quanto ao destino heróico de teu filho Heitor,
cruel demais aos olhos teus de mãe querente,
atenta bem: se meu irmão já não existe, 485
antes da morte demonstrou valor sem par.
E foi a vinda dos aqueus que lhe deu glória.
Se eles, em vez de virem pelejar aqui,
houvessem preferido a paz em seu país,
os méritos de Heitor ninguém celebraria. 490
Páris tornou-se esposo da filha de Zeus⁴⁰;
sem essas núpcias nem sequer se falaria
de uma aliança que nos igualou aos deuses.
Deve o mortal sensato detestar a guerra;
se, entretanto, ela for inevitável, 495
os louros não serão de quem morrer lutando
por causa ignóbil que afinal só traz desonra.
Por isso, minha mãe, não deverás chorar
o fim de Tróia nem as minhas bodas tristes;
meu humilhante enlace há de causar sem dúvida 500
a ruína dos aqueus, que eu e tu odiamos.

SEGUNDO CORIFEU

Discorres com prazer e ris de tuas mágoas.
O teu destino evidencia a falsidade
desse discurso lúcido e consolador.

TALTÍBIO

Não fosse Apolo o causador de teu delírio 505
custar-te-ia muito caro macular
com mau agouro o embarque de tão bravos chefes.
Eu mesmo vejo bem que com o seu orgulho
e ostentação de excepcional sabedoria

em coisa alguma os grandes são superiores 510
ao nosso nada. Assim o todo-poderoso
rei dos helenos, filho querido de Atreu⁴¹,
fez recair o seu amor em uma insana
que eu, embora humilde, não desejaria
sequer para ser companheira de meu leito. 515
Não me oporei a que teu ânimo doente
insulte o povo heleno e louve os teus troianos;
serão palavras vãs e o vento as levará.
Segue-me às naus, formosa noiva de meu rei.

Dirigindo-se a HÉCUBA

Tu, quando o filho de Laertes ordenar⁴² 520
que te levem às naus, vai resignadamente;
serás a serva de uma senhora sensata⁴³
segundo dizem os argivos cá em Tróia.

CASSANDRA

É de pasmar este criado ignaro e rude!
Por que, então, ostentam o pomposo nome 525
de arautos estes detestáveis componentes
da corja desprezada com razão por todos,
destes pretensiosos moços de recados,
abjetos serviçais dos reis e das cidades?
Já te esqueceste das palavras de Loxias⁴⁴? 530
Ignoras que perante mim Apolo disse
que Hécuba — coitada! — morreria aqui?
O resto é uma vergonha indigna de menção.
Ah! Odisseu desventurado! Ele não sabe
os sofrimentos incontáveis que o aguardam! 535
Meus males e os dos bravos frígios hão de um dia
parecer-lhe tão invejáveis quanto o ouro!
Além dos já passados, dez terríveis anos
se escoarão até que ele regresse, só,

à sua pátria. Antes, porém, enfrentará 540
o estreito perigoso onde Caríbdis mora⁴⁵,
terrível, no rochedo em que se oculta aos nautas,
e o Cíclope antropófago, a Circe lígure
que metamorfoseia os homens em suínos,
muitos naufrágios no infindável mar amargo 545
e mal resistirá à tentação do lótus.
Verá também as vacas em que manda o Sol
e cuja carne um dia vai ter voz humana
para falar sinistramente a Odisseu.
Serei concisa: inda a caminho descerá 550
vivo aos infernos; finalmente escapará
ao proceloso mar apenas para ver
em seu regresso ao lar, após sofrer demais,
um número infindável de calamidades.

Novamente agitada

Mas, por que lançar sobre Odisseu ameaças de infortúnios⁴⁶? 555
Vamos, Agamêmnon! Quero ir juntar-me ao noivo no Hades!
Sim! Terás indigna sepultura e morrerás nas trevas
ao invés de em pleno dia, tu, que apenas na aparência
foste colocado pela sorte em culminância máxima,
chefe onipotente dos argivos! E eu? Meu corpo morto⁴⁷, 560
nu, abandonado nas ravinas onde corre a água
das torrentes, junto ao túmulo de meu senhor e noivo,
vai servir de pasto às feras, que devorarão famintas
a fiel profetisa de Apolo e sua servidora.

*CASSANDRA arranca dos cabelos as franjas de lã e outras insígnias da
condição de profetisa. Prossegue⁴⁸*

Ah! Insígnias de meu deus querido, adornos de horas de êxtase! 565
Ide! Adeus! Arranco-vos de mim! Enquanto tenho o corpo
como agora, puro, atiro-vos todas aos ventos céleres
pedindo-lhes que as transportem ao profeta soberano!

Onde estará a nau do grande chefe? Onde embarcarei?
Colhe logo o vento para tuas velas, pois conduzes 570
junto a mim, daqui, o gênio da vingança inevitável⁴⁹.
Adeus, minha mãe! Não te lamenteis mais! Querida pátria!
Meus irmãos postos em vossos túmulos! Meu pai amado!
Digo-vos que não demorarei a vir juntar-me a vós.
Voltarei depressa, vencedora, à morada dos mortos, 575
pois a casa dos Atridas desmoronará em breve!

CASSANDRA sai com TALTÍBIO e a escolta. HÉCUBA cai desmaiada

SEGUNDO CORIFEU

Guardiãs da idosa Hécuba, não estais vendo
tombar por terra, sem um grito, a soberana?
Não a ergueis? Ireis abandonar, cruéis,
vossa senhora veneranda assim caída? 580
Ide! Não demoreis! Cuidai de levantá-la!

As moças do primeiro SEMICORO fazem menção de levantar HÉCUBA

HÉCUBA

Não, moças, peço-vos! Serviço inoportuno
não deve ser prestado. Muito mais me agrada
ficar caída aqui, prostrada, como estou.
Um aniquilamento assim condiz melhor 585
com meus terríveis sofrimentos atuais,
com os passados e também com os futuros.
Ah! Deuses! Clamo por omissos aliados⁵⁰
mas mesmo assim convém chamar as divindades
na hora em que nos chegam tantos infortúnios. 590
Desejo relembrar minha felicidade
enorme em dias idos; na comparação
a minha desventura de hoje inspirará
maior piedade. Fui princesa e esposei

um rei; tivemos muitos e excelentes filhos, 595
pois o seu número seria pouco mérito
se não houvessem sido incontestavelmente
os mais ilustres entre todos os troianos.
Mulher nenhuma, bárbara, troiana ou grega,
teria mais direito de vangloriar-se 600
por ter trazido ao mundo filhos como os meus.
Pois esses filhos vi-os perecerem todos
feridos pelas lanças dos guerreiros gregos,
e meus cabelos já cortei sobre seus túmulos⁵¹.
Quanto ao rei Príamo, princípio dessa estirpe, 605
não foi pelos relatos de outrem que chorei
a sua morte; vi-o com meus próprios olhos,
decapitado cruelmente sobre a lápide
do altar doméstico ao cair vencida Tróia.
E minhas filhas, que eu havia preparado 610
para entregar a esposos da mais nobre estirpe,
arrancam-nas de sua mãe homens diversos
daqueles para os quais ela as criou tão bem.
Já não espero a graça de voltar a vê-las
e nunca, nunca mais serei vista por elas! 615
Enfim, para coroamento de meus males
descomunais, farão de mim escrava e mais:
levar-me-ão como um troféu de meu senhor.
Irão impor-me obrigações insuportáveis,
impróprias para a pobre velha que hoje sou; 620
sem dúvida farão de mim — da mãe de Heitor! —
a guardiã das chaves de qualquer vestíbulo;
pior ainda, a amassadeira de seus pães!
A terra nua servirá de leito ao corpo
cansado que dormiu em tálamo real. 625
O espectro a que estou reduzida irá cobrir-se
de trapos, marcas vis de minha decadência.
Ah! Infeliz! Por causa das malditas núpcias
de Helena, quanto já sofri e sofrerei!
Ah! Minha filha! Ah! Cassandra, a quem Apolo 630

ditava seus desígnios em divinos êxtases!
Que poderei dizer desta calamidade
que hoje te priva da pureza virginal?
E tu, sofrida Polixena, onde estarás?
Dos muitos filhos concebidos em meu ventre 635
nenhum, nenhuma está aqui para valer-me
na hora em que tantos desastres me aniquilam!
Por que me levantai? Que esperanças tendes?
Guiai os passos que em melhores dias Tróia
seguia, tão altivos, e hoje são de escrava... 640
Levai-me aonde haja palha em que me deite
e pedras para repousar esta cabeça!...
E lá, entregue à sorte, esperarei que a morte
me leve amargurada e esvaída em lágrimas.
Jamais julgueis alguém feliz enquanto vive. 645

Após tentar alguns passos amparada pelas moças, HÉCUBA cai novamente

CORO

Agora, Musa, canta Ílion, canta!
Seu triste fado há de inspirar um hino
à nossa voz plangente, um hino fúnebre.
Dedicaremos triste ode a Tróia. 650

PRIMEIRO SEMICORO

Cantaremos o carro muito longo,
de quatro rodas, que ao entrar, funesto,
em Tróia, fez de nós — ai, infelizes! —
cativas dos argivos para sempre.

SEGUNDO SEMICORO

O monstro de madeira fez subir 655

aos céus estrídulo e sinistro silvo⁵²,
brilhando ao sol com seus arreios de ouro,
repleto de guerreiros, que os helenos
deixaram junto às portas da cidade.

PRIMEIRO SEMICORO

Gritou bem alto nosso povo uníssono 660
premido na altaneira cidadela:
“Chegou o fim de nossas provações;
ide buscar sem mais demora o ídolo
enorme de madeira! Andai depressa!
Trazei-o para ser oferecido 665
à filha nobilíssima de Zeus!”

SEGUNDO SEMICORO

Ah! Quantos jovens, quantos anciãos,
saíram apressados de seus lares!...
Ao ritmo alegre de refrãos festivos 670
introduziram na cidade crédula
a insólita armadilha dos argivos.

PRIMEIRO SEMICORO

A gente frígia veio pressurosa,
querendo contemplar com os próprios olhos
a obra portentosa dos helenos 675
talhada nos pinheiros das montanhas.
Foi perdição, foi ruína para Tróia
o pérfido presente oferecido
devotamente à virgem imortal.

SEGUNDO SEMICORO

Atando-o com seguras, fortes cordas 680
como se faz para arrastar o casco
de negra nau, trouxeram-no afinal
até o templo da divina Palas
erguido sobre a rocha onde devia
correr ainda o sangue dos troianos. 685

PRIMEIRO SEMICORO

A escuridão da noite sobreveio
ao terminar a caminhada alegre.
Então, ao som das doces flautas líbias
soaram alto os hinos dos troianos.

SEGUNDO SEMICORO

Vibrando ao ritmo de seus passos certos 690
as moças exultavam de alegria.
Nas casas era tanta a luz festiva
que mal se via a chama das fogueiras
nas ruas, fracas, quase adormecidas.

PRIMEIRO SEMICORO

E nós naquele instante celebrávamos 695
a virgem das montanhas, casta Ártemis⁵³,
cantando em coro junto ao seu sacrário.
Mas repentinamente reboou
pela cidade toda um grito horrível
de morte, vindo da alta cidadela. 700

SEGUNDO SEMICORO

Crianças transtornadas pelo medo
tentavam agarrar-se com as mãos frágeis

às vestes das desnorteadas mães.
O deus da guerra desferia o golpe;
a trama torpe se evidenciou
e Palas completava sua obra.

705

PRIMEIRO SEMICORO

Em torno dos altares começou
a trágica e final carnificina.
De Tróia só restaram as mulheres
e glória imorredoura para os gregos
e apenas luto para o povo frígio.

710

Chega um carro, puxado por soldados gregos, trazendo ANDRÔMACA e seu filho Astiânax. Vê-se no carro, entre outros despojos dos troianos, o escudo gigantesco de Heitor

PRIMEIRO CORIFEU

Já viste, Hécuba, chegar Andrômaca
trazida neste carro pelos gregos?
No colo tem o filho que lhe deu
Heitor; o embalo regular do carro
adormeceu Astiânax junto ao seio
de sua mãe querente e desvelada.
Aonde te conduzem, infeliz,
sentada no alto deste carro, junto
das armas brônzeas do finado Heitor
e de outros mais despojos dos troianos,
troféus que adornarão os templos gregos,
como oferendas do filho de Aquiles
quando voltar de Tróia vencedor?

715

720

ANDRÔMACA

Os gregos, hoje meus senhores, levam-me.

725

HÉCUBA

Ai de mim⁵⁴!

ANDRÔMACA

Por que cantas em tom lamentoso...

HÉCUBA

Ai de mim!

ANDRÔMACA

... minha sina tão cheia de dores...

HÉCUBA

Senhor Zeus!

ANDRÔMACA

... e as desgraças terríveis que sofro?

730

HÉCUBA

Ai! Meus filhos!

ANDRÔMACA

Quantos filhos nós éramos antes!...

HÉCUBA

Terminaram os dias felizes...

ANDRÔMACA

Quanta dor!

HÉCUBA

... terminaram os dias de Tróia...

735

ANDRÔMACA

Ai de mim!

HÉCUBA

... e perderam-se meus descendentes!

ANDRÔMACA

Ai! Choremos!

HÉCUBA

Sim, choremos! Choremos por mim!

ANDRÔMACA

Por teus males.

740

HÉCUBA

Dura sorte...

ANDRÔMACA

... de Tróia...

HÉCUBA

... em chamas!...

ANDRÔMACA

Vem, esposo...

HÉCUBA

Já evocas meu filho no Hades?

745

ANDRÔMACA

... vem, protege a fiel companheira!...

HÉCUBA

Vem! Suplico, flagelo dos gregos...

ANDRÔMACA

... pai de Heitor, meu senhor, nobre Príamo...

HÉCUBA

... vem e guarda-me perto de ti!

ANDRÔMACA

São tristíssimos nossos desejos...

750

HÉCUBA

... são mais tristes as nossas desgraças...

ANDRÔMACA

... triste sorte de nossa cidade...

HÉCUBA

... a desgraças se somam desgraças.

ANDRÔMACA

Tudo é obra da ira dos deuses
contra Páris que a morte não quis⁵⁵. 755
Pela amante odiosa ele fez
com que Tróia tivesse este fim.
Todos tintos de sangue os cadáveres
fazem presas de bandos de abutres
junto à imagem de Palas divina. 760
Ele trouxe e lançou sobre Tróia
este jugo de atroz servidão.

HÉCUBA

Pobre pátria!

ANDRÔMACA

Parto em pranto!

HÉCUBA

Vês o fim lamentável da terra 765
em que minhas crianças nasceram.
Ai! Meus filhos! Em Tróia deserta
inda está junto a vós vossa mãe.
Luto e lágrimas, lamentações

e mais lágrimas, eis o que resta.
Ai! Os mortos, só eles, esquecem
os seus males e não choram mais!

770

SEGUNDO CORIFEU

Os infelizes acham aparentemente
certa doçura nos gemidos e nas lágrimas
e nos intermináveis cantos lamentosos.

775

ANDRÔMACA

Dirigindo-se a HÉCUBA

Mãe do guerreiro cuja lança exterminou
tantos soldados gregos, mãe de Heitor soberbo,
teus olhos vêem este horrível espetáculo?

HÉCUBA

Sim, minha filha. Vejo que os potentes deuses
elevam uns do nada a culminâncias máximas
e precipitam outros de alta glória ao chão.

780

ANDRÔMACA

Somos, meu filho e eu, troféus de guerra; levam-nos.
De nobre passo a ser escrava. Como desço!

HÉCUBA

Não tem entranhas o destino. Inda há pouco
levaram-me também Cassandra desditosa
à força para algum lugar muito distante.

785

ANDRÔMACA

Ah! Infeliz! Apareceu-lhe um novo Ájax⁵⁶!
Mas outros males, mãe, parecem esmagar-te.

HÉCUBA

Meus males já não têm medida e não têm número.
Apenas sou ferida por uma desgraça,
novas desgraças vêm ferir-me num instante!

790

ANDRÔMACA

E tua filha Polixena pereceu
decapitada sobre o túmulo de Aquiles,
num sacrifício aos manes de insensível sombra!

HÉCUBA

Ai! Infeliz de mim! Está esclarecido
o enigma das palavras dúbias de Taltúbio⁵⁷.

795

ANDRÔMACA

Eu mesma vi, parei o carro e apeei,
cobri-a com um véu, chorei sobre seu corpo.

HÉCUBA

Ah! Minha filha! Impiedosa morte a tua!
Ah! Pereceste de maneira deplorável!

800

ANDRÔMACA

Embora morta assim foi mais feliz na morte

a tua filha do que eu serei na vida.

HÉCUBA

Não, minha filha! Não compares morte e vida!
Aquela é o nada e esta é tudo; é esperança!

ANDRÔMACA

Não posso concordar com tua afirmação. 805
Quero dizer-te coisas que serão um bálsamo
para teu coração cansado de amarguras.
Morrer deve ser como não haver nascido
e a morte talvez seja até melhor que a vida
de dor e mágoas, pois não sofre quem não tem 810
a sensação dos males; mas quem se despenha
das culminâncias da fortuna e cai no abismo
da desventura tem a alma freqüentada
por pertinaz saudade do fausto passado.
A morte para tua filha é como se ela 815
jamais houvesse visto a luz; não mais lhe pesam
seus infortúnios, que deixaram de existir.
Mas eu provei da vida amena a que aspirava
e que me prometia a minha condição 820
apenas o bastante para sentir hoje
com mais intensidade o peso da desgraça.
Todos os bens imagináveis para adorno
de uma mulher eu me esmerava em praticar
no lar de Heitor. De início, alguns lugares há 825
em que uma esposa, embora procedendo bem,
apenas por os freqüentar merece e atrai
a acusação de não se dedicar à casa.
Longe de procurar lugares desse tipo,
ficava eu no lar e tinha mil cuidados
para impedir que transpusesse suas portas 830
a vil maledicência própria das mulheres.

Tirava o meu bom senso de um feitio reto
as normas adequadas à conduta honesta.
Eram discretos os meus lábios e o semblante
sereno na presença do querido esposo. 835
Eu tinha a intuição de quando me era lícito
vencê-lo ou, ao contrário, ceder-lhe a vitória.
Chegou assim o meu renome até os aqueus
em seu acampamento e isso me perdeu.
Quando me capturaram o filho de Aquiles 840
mandou buscar-me para sua companheira;
serei escrava até morrer na própria casa
dos assassinos de meus entes mais queridos.
Se apenas posso por momentos afastar
do pensamento a imagem lúcida de Heitor 845
em vão esforço para abrir o coração
ao meu esposo de hoje, sinto-me covarde
e traidora vil do esposo recém-morto!
Se, inversamente, guardo intacto o amor primeiro,
provocarei a ira do homem que me tem. 850
Segundo dizem, a aversão de uma mulher
por outro homem numa noite se desfaz.
Abominada para sempre deve ser
aquela que, infiel a seu primeiro esposo,
aceita outro homem e lhe tem amor! 855
Até os irracionais, até a égua estúpida
recusa-se a arrastar o jugo habitual
se é separada do diuturno companheiro.
E as bestas são de natureza inferior,
destituídas de palavra e sentimentos! 860
Em ti, querido Heitor, eu tinha o bom esposo
que me bastava; inteligência, bens, nobreza,
coragem, tudo havia em ti e abundava.
Eu era pura quando um dia me levaste
da casa de meu pai, e dentre os homens todos 865
foste o primeiro a vir ao meu leito de virgem.
Agora não existes mais e sou levada

a bordo de uma nau odiosa para a Hélade,
cativa, condenada à condição de escrava. 870
Talvez os males que a violenta morte trouxe
a Polixena já pareçam bem menores
depois de ouvires o futuro que me aguarda
e não te façam derramar as mesmas lágrimas.
Perdi até o último dos bens humanos
— a esperança — e não pretendo escarnecer 875
de mim, eu mesma, imaginando ser possível
gozar na vida ainda a mínima alegria.
E todavia é doce guardar ilusões...

SEGUNDO CORIFEU

Teu infortúnio é o meu; chorando a tua dor
revelas-me a extensão da minha própria. 880

HÉCUBA

Jamais subi a bordo de uma dessas naus,
mas as pinturas que já vi e as narrações
ouvidas dão-me a idéia do que ocorre nelas.
Se os nautas fazem frente a leve temporal,
esforçam-se por escapar aos maus momentos. 885
Um fica no timão, outro domina a vela,
impede outro a água de inundar a nau.
Mas se o embate do revoltado mar excede
as suas forças, curvam-se eles ao destino
e se abandonam à tempestade mais forte. 890
Da mesma forma eu, perante a enormidade
desta desgraça, fico muda e resignada;
curvo-me vendo que não poderei vencer
tormentas desencadeadas pelos deuses.
Coragem, minha cara nora! Deixa Heitor 895
ao seu destino; não te salvarão as lágrimas.

Reverencia teu novo senhor e mostra-lhe
o privilégio que é para qualquer homem
a convivência com mulher tão bem-dotada. 900
Assim alegrarás todos os teus amigos
e prestarás a Tróia um serviço imenso
cuidando de criar o filho de meu filho
para que um dia — ah! se os deuses me escutassem! —
filhos nascidos dele reconstruam Ílion
e façam renascer maior a nossa terra! 905

Vendo aproximar-se TALTÍBIO

Suponho que teremos mais assunto já.
Ao ver chegar este criado dos aqueus
pergunto-me o que ainda pode acontecer.
Virá comunicar-nos novas decisões?

TALTÍBIO

Esposa do valente Heitor, não me maldigas; 910
é constrangido que transmito uma mensagem
ditada há pouco pelos comandantes gregos.

ANDRÔMACA

Que há? Teu prólogo é sinal de más notícias.

TALTÍBIO

Ordenam que teu filho... Faltam-me as palavras...

ANDRÔMACA

Levam meu filho para ser de outro senhor? 915

TALTÍBIO

Nenhum aqueu jamais será senhor de Astiânax...⁵⁸

ANDRÔMACA

Irão deixar aqui o último dos frígios?

TALTÍBIO

Como direi? É triste anunciar desgraças...

ANDRÔMACA

É óbvio o teu constrangimento... Que desgraça?

TALTÍBIO

Teu filho será morto. Ouviste o duro anúncio.

920

ANDRÔMACA

Desgraça, sim! Pior que minhas novas núpcias!

TALTÍBIO

Foi Odisseu quem convenceu os gregos. Disse...

ANDRÔMACA

Imensa dor! Meu infortúnio não tem fim!

TALTÍBIO

... que não deixassem vivo o filho de tal pai...

ANDRÔMACA

Volte-se contra os dele a sua opinião!

925

TALTÍBIO

... mas o lançassem do alto das torres de Tróia.
Vamos! Atende! É a atitude mais sensata!

ANDRÔMACA aperta o filho nos braços

Não devem os teus braços estreitá-lo tanto.

Suporta com nobreza a tua desventura.

Não te presumas forte; agora nada podes.

930

Não tens apoio em parte alguma. Pensa bem:

já não existem teu esposo e tua pátria;

pertences a novo senhor e aqui estamos

tantos para enfrentar uma mulher sozinha.

Não queiras pelejar em circunstâncias tais.

935

Evita humilhações; não cedas ao rancor.

Peço-te mesmo que não lances maldições

contra os helenos, pois se a cólera das tropas

consegues açular com tuas atitudes

esta criança não terá depois de morta

940

um funeral piedoso e túmulo condigno.

Se calas, se suportas resignada o golpe,

o corpo de teu filho será sepultado

e terás mais benevolência dos helenos.

ANDRÔMACA

Filhinho meu querido! És tudo que me resta⁵⁹,
meu filho, e morrerás nas mãos dos inimigos!

945

E eu serei a mãe mais infeliz do mundo...

Hoje a bravura de teu pai te faz morrer

depois de ter valido a inúmeros troianos.

A singular coragem de teu pai, meu filho, 950
não te proporcionou felicidade alguma.
Amor fatal! Ah! Dia em que transpus as portas
de teu palácio para desposar-te, Heitor!...
Não foi para dar uma vítima aos helenos
que Heitor e eu quisemos tanto ter um filho, 955
mas para que ele um dia fosse o rei da Ásia
de messes abundantes! Ah! Meu filho! Choras?
Terás a intuição da morte que te espera?
Por que te agarras com tal força ao meu vestido
com as pequeninas mãos assim, tão apertadas, 960
qual pássaro encolhido sob as minhas asas?
Heitor não mais virá valer-te, filho meu,
portando a lança gloriosa, tão solícito,
como se brotasse do chão para salvar-te.
A mão paterna e o poder troiano foram-se. 965
Em salto horrível, de cabeça para baixo,
lançar-te-ão das altas torres sem piedade,
e com teu pequenino corpo destroçado
exalarás sem mim o último suspiro!
Ah! Criancinha frágil que esta mãe sem sorte 970
gostava tanto de acariciar no colo!
Ah! O suave odor de teu formoso corpo!
Nutriu-te em vão meu seio generoso, filho!
Foram inúteis os desvelos, vãs as penas
em que me extenuiei por tanto tempo! 975
Agora beija pela derradeira vez
a mãe que te deu vida! Abraça-me, meu filho!
Enlaça teus bracinhos pelo meu pescoço
e por instantes une teus lábios aos meus!
Ah! Gregos, inventores de suplícios bárbaros! 980
Por que matais esta criança inofensiva?
E tu não és filha do grande Zeus, Helena!
És filha de diversos pais, não tenho dúvidas:
do Ódio, da Perversidade, Crime e Morte
e todas as calamidades deste mundo! 985

Nunca, jamais terei a audácia de dizer
que tu tiveste Zeus por pai! Jamais, demônio
funesto a tantos bárbaros e gregos! Morre!
Sim! Morre, tu, que foste com teus belos olhos
a causa do aviltante fim de nossa Tróia!

990

Dirigindo-se a TALTÍBIO e aos soldados que o acompanham

Pois seja assim! Arrebatai-me esta criança,
levai-a já de mim, lançai-a das alturas
se vos apraz! Fartai-vos desta carne tenra!
Os deuses decretaram nossa perdição
e não posso impedir a morte de meu filho!...

995

ANDRÔMACA entrega Astiânax a TALTÍBIO. Prossegue

Levai-me a algum lugar recôndito; levai
meu desgraçado corpo à nau de meu senhor!
É para belas bodas que navegarei
após haver perdido assim meu filho amado!

O carro parte levando ANDRÔMACA

SEGUNDO CORIFEU

Infortunada Tróia! Quantas, quantas vítimas
fez uma só mulher com seu odioso amor⁶⁰!

1000

TALTÍBIO

Vamos, menino. Eis-te arrancado agora
ao carinhoso abraço maternal.
Temos de caminhar até as ameias
das elevadas torres da cidade
que teus antepassados construíram.
O duro mandamento determina

1005

que morras atirado lá de cima.

Dirigindo-se aos soldados da escolta

Levai-o! Para transmitir tais ordens
somente serviria frio arauto 1010
destituído de qualquer piedade
e sem o sentimento que inda tenho.

TALÍBIO afasta-se em seguida à sua escolta

HÉCUBA

Minha criança! Filho de meu filho!
Meu pobre neto! Violência iníqua!
Tiram-te à vida, à tua mãe, a mim! 1015
Que está por vir? Que posso eu agora
fazer por ti, vencida pela sorte?
Oferecer-te os golpes com que firo
meu rosto e meu mortificado peito?
É pouco, eu sei, e é tudo quanto posso!... 1020
Adeus, cidade minha! Adeus, criança!
Que poderemos esperar ainda?
Que pode ainda haver neste desastre
para que nossa ruína se complete?

CORO

Em Salamina de muitas abelhas, 1025
rei Telamon, moravas entre as ondas⁶¹,
na ilha em frente às colinas sagradas
onde mostrou primeiro a santa Palas
um ramo de oliveira sempre verde,
coroa augusta da brilhante Atenas. 1030
Vieste acrescentar o teu valor
ao do filho de Alcmena, o bravo archeiro

ansioso por destruir a nossa Tróia
nos idos tempos em que aqui chegaste
vindo da Hélade. E tu trazias 1035
a flor dos filhos da distante pátria,
sentindo-te ultrajado com a recusa
dos prometidos céleres corcéis⁶².
Na larga embocadura do Simóis⁶³
tu detiveste o ímpeto dos remos, 1040
prendeste a popa de teu barco lá
e empunhaste o teu arco infalível
para matar o rei Laomedon.
As pedras regulares da muralha
velhíssima, que o próprio Apolo erguera, 1045
desmoronaram num clamor de chamadas
e caiu Tróia pela vez primeira.
Assim, em dois ataques, duas vezes
a lança ensangüentada destruiu
os muros de Dardânia imemorável⁶⁴. 1050
Foi em vão, filho de Laomedon⁶⁵,
que em passos lânguidos, com jarras de ouro
foste exercer no Olimpo o ofício honroso
de encher a taça esplêndida de Zeus.
O fogo consumiu a tua terra. 1055
O mar bramindo se lançava às praias.
Dir-se-ia que, pairando sobre os ninhos,
queixam-se grandes pássaros; um chora⁶⁶
o companheiro, outro chora os filhos,
pranteia outro a velha mão perdida. 1060
Os banhos cujas águas apreciavas,
tão frescas, e teus campos de corridas
tiveram fim; mas tu, que apenas cuidas
de sempre ser o pajem favorito
ao pé do trono de Zeus soberano 1065
manténs serenamente belo o rosto
enquanto rui o império do rei Príamo
aniquilado pelas lanças gregas.

Amor, Amor que visitaste outrora
o palácio de Dárdano insistindo 1070
em despertar paixões até no céu⁶⁷,
a que soberba posição fizeste
erguer-se Tróia em aliança insólita
que a aproximou ainda mais dos deuses!
De Zeus e de seus atos reprováveis 1075
nada mais vou dizer, pois não é lícito.
Hoje, porém, a Aurora de asas róseas,
a claridade cara à espécie humana,
vê nossa terra inteira destruída
e vê a antiga Pérgamo arrasada. 1080
No entanto, o pai de seus formosos filhos⁶⁸,
o esposo que em seu tálamo se deita,
nasceu aqui em Tróia; uma quadriga
ornada de ouro o transportou aos céus
deixando a sua pátria esperançosa, 1085
mas Ílion já não tem os atrativos
capazes de encantar as divindades.

Entra MENELAU escoltado por soldados gregos

MENELAU⁶⁹

Como estás fulgurante, luz do sol, no dia
em que irei rever Helena, minha esposa!
Depois de tantas provações estou aqui, 1090
eu, Menelau, tendo comigo as tropas gregas.
Não foi uma mulher a causa — reitero —
de nossa expedição a Tróia; foi um homem,
odiado e detestado como nenhum outro,
que arrebatou de meu palácio Helena bela. 1095
Depois de muito tempo os deuses castigaram
o criminoso e seu país desmoronou
com ele, derrotado por nossos soldados.
Quanto à lacônia (não me agrada repetir⁷⁰)

seu nome), vim somente para capturá-la 1100
pois sei que está no acampamento das cativas,
à semelhança das demais, como troiana.
Já me outorgaram os guerreiros pertinazes,
cessada a luta, a incumbência de matá-la,
a menos que, poupando-a, eu ache melhor 1105
reconduzi-la à terra de Argos. Decidi⁷¹
que a sorte dela não será ditada aqui.
Meus remadores a transportarão comigo
até a Grécia; lá tirar-lhe-ão a vida
aqueles que têm de vingar entes queridos 1110
sacrificados nas batalhas desta guerra.
Avante, meus soldados! Penetrai na tenda!
Trazei-a, segurando-a, se for preciso,
por sua longa cabeleira ensangüentada!
E quando os ventos se mostrarem favoráveis 1115
uma de nossas naus levá-la-á de volta.

Ouvindo as palavras de MENELAU, HÉCUBA levanta-se lentamente

HÉCUBA⁷²

Erguendo as mãos para o céu

Ah! Sustentáculo da terra, que tens nela
teu trono eterno, sejas tu quem fores, Zeus,
enigma indecifrável, lei inexorável
da natureza, inteligência dos mortais, 1120
eu te venero! Percorrendo sem alarde
a tua via, vais guiando sempre os passos
das criaturas todas dentro da Justiça!

MENELAU

Que ouço? Eis uma prece singular aos deuses!

HÉCUBA

Aprovo, Menelau, a tua decisão 1125
agora manifesta de matar Helena,
mas inda tens receios de enfrentá-la e vê-la
temendo que te volte o louco amor por ela.
Helena atrai o olhar dos homens e os cativa,
arruína povos e países, incendeia, 1130
tantos e tais são os encantos que possui.
Tu mesmo e eu e suas numerosas vítimas
a conhecemos bem pelo mal que nos fez!

*HELENA aparece, trazida para fora de uma das tendas por soldados de
MENELAU. Está cuidadosamente vestida e arranjada*

HELENA

Eis uma encenação bem-feita, Menelau,
para assustar-me; vejo-me agarrada assim 1135
por teus soldados e arrastada rudemente
de minha tenda afora. Já não tenho dúvidas
de que me odeias, mas desejo perguntar-te:
que pensas tu de minha vida? E teus soldados?

MENELAU

Não houve ainda tempo de pensarmos nisso. 1140
A tropa unânime deixou a meu critério,
como ofendido, o encargo de tirar-te a vida.

HELENA

Terei ao menos permissão para expressar
minhas razões e demonstrar que minha morte
seria uma injustiça inesperada em ti? 1145

MENELAU

Não venho debater, Helena, mas matar-te⁷³.

HÉCUBA

Deves ouvi-la, Menelau, antes da morte;
é sua última vontade. Ao mesmo tempo
concede-me a palavra para refutá-la.
Expondo os malefícios que ela trouxe a Tróia,
talvez inconscientemente minha fala
será condenação sem indulgência à morte.

1150

MENELAU

É perda vã de tempo esse favor. Enfim,
Helena poderá falar, se lhe aprouver,
mas é para poder ouvir-te, saiba ela,
que lhe concedo este direito. De outro modo,
jamais eu lhe daria tal satisfação.

1155

HELENA

Talvez não queiras aceitar minhas razões
sem meditar se elas são boas ou são más
apenas porque vês em mim uma inimiga.
Adivinhando, todavia, quais seriam
teus argumentos se comigo debatesses,
vou contrapor minhas acusações às tuas.

1160

Dirigindo-se a HÉCUBA

Para principiar, tu foste a causadora
de nossas desventuras, pois gerando Páris
trouxeste ao mundo a fonte de nossas desgraças.
Depois de ti, o autor da perdição de Tróia

1165

e minha foi o velho servidor de Príamo⁷⁴,
que não matou o teu recém-nascido filho
simbolizado em sonho angustioso outrora 1170
por lenho ardente. O infante Páris foi poupado
e veio a ser mais tarde o árbitro escolhido
pelas três deusas. Palas logo ofereceu-lhe
a Grécia, que ele e as forças frígias venceriam.
A oferta de Hera foi a Ásia e mais ainda 1175
o extremo da Europa muito cobiçado
se Páris lhe outorgasse o prêmio da beleza.
Elogiando as maravilhas de meu corpo,
anunciou-me Cípris como recompensa⁷⁵
se fosse ela a vencedora do concurso. 1180
Pondera nos efeitos desse julgamento:
Cípris foi proclamada a deusa mais formosa
e eu fui entregue a Páris; graças a tais núpcias
os gregos não caíram sob o jugo bárbaro,
salvando-se das lanças e da tirania. 1185
Perdeu-me, todavia, a salvação da Grécia.
Custou-me caro a minha singular beleza
e sofro ultrajes aviltantes até hoje
com fatos que com mais justiça me fariam
merecedora de ostentar uma coroa. 1190

Dirigindo-se a MENELAU

Não quererás agora que eu também descreva
como escapei furtivamente de teu lar?
É que o demônio nascido desta mulher,
quer o chamemos de Alexandre, quer de Páris,
veio mandado pela deusa irresistível. 1195
E tu, esposo indigno, que fizeste, então?
Tu o deixaste em nossa casa e te ausentaste
de Esparta para ir em tuas naus a Creta!
Não é a ti, mas a mim mesma que pergunto:
em que pensei para seguir um estrangeiro 1200

abandonando minha pátria e meu palácio?
Castiga Cípris, mostra-te maior que Zeus,
senhor dos outros deuses mas escravo dela!
A mim, porém, perdoa-me; não sou culpada.

Silêncio geral durante alguns instantes. Depois HELENA continua

Agora poderias contrapor aos meus 1205
um argumento capcioso: quando Páris⁷⁶
morreu e foi para os infernos, desfizeram-se
as núpcias inspiradas pela deusa e eu
teria obrigação de abandonar-lhe a casa
e retornar sem mais demora às naus argivas. 1210
Foi isso exatamente o que tentei fazer.
Recorro ao testemunho dos guardiães das torres
e sentinelas dos bastiões; vezes sem número
surpreenderam-me pendente de uma corda
em tentativas de fugir pelas ameias. 1215
Deífobo, porém, queria desposar-me⁷⁷
à força e contra os sentimentos dos troianos.
Com que direito, esposo meu, com que justiça
queres tirar-me a vida se meu casamento
me foi imposto fatalmente pelo céu 1220
e a ele devo em vez de prêmios e vitórias
a escravidão cruel? Se queres sobrepor-te
aos deuses, tua pretensão é temerária.

SEGUNDO CORIFEU

Dirigindo-se a HÉCUBA

Defende os filhos teus, rainha, e tua pátria!
Desfaze logo os diabólicos efeitos 1225
de sua justificação persuasiva,
pois ela fala bem demais para quem age
tão mal e isso é extremamente perigoso!

HÉCUBA

Alto-me primeiro às deusas. Vou mostrar
quanta injustiça existe nas palavras dela. 1230
Ninguém de boa-fé creria que Hera e Palas⁷⁸
pudessem comportar-se com baixeza tal
a ponto de em conluio Hera prometer
que venderia aos bárbaros a terra argiva,
e Palas que daria Atenas aos troianos, 1235
submissa ao jugo frígio. Essa competição
das deusas junto ao Ida certamente foi⁷⁹
uma frivolidade ou entretenimento.
Por que razão Hera divina nutriria
desejo tão insano de ser a mais bela? 1240
Seria para conquistar melhor esposo
que Zeus onipotente? Queria Palas
credenciar-se a esposa de qualquer dos deuses,
ela, que obteve de seu pai o privilégio
de ser eternamente virgem, pois as núpcias 1245
lhe repugnavam? Não procures disfarçar
a tua perversão atribuindo às deusas
tamanha insensatez. Pessoas ponderadas
jamais irão acreditar em tua história.
E quanto a Cípris, tu nos fazes rir, e muito, 1250
dizendo que ela foi com Páris ao palácio
de Menelau, como se a deusa, mesmo estando
tranqüilamente em seu celestial assento,
não tivesse poder para levar-te a Ílion
com toda a cidade de Amiclas facilmente⁸⁰! 1255
Meu filho era dotado de beleza rara
e foi teu próprio espírito que ao contemplá-lo
criou a impressão de Cípris. As loucuras⁸¹
de amor, que os homens consideram diferentes
e imputam a Afrodite, são iguais às outras. 1260
A imagem de meu filho em sua roupa exótica,
bordada de ouro fulgurante, transtornou-te

a alma; em Argos tua vida era medíocre;
trocando Esparta pela rica terra frígia,
por onde corre um rio de ouro, imaginavas 1265
que aqui terias bens em superabundância.
O palácio de Menelau já não bastava
às tuas exigências de excessivo luxo.
Senão, vejamos! Foi à força que meu filho
— segundo dizes — teve de levar-te a Tróia. 1270
Em toda Esparta ninguém viu a violência?
Gritaste apavorada? Mas Castor, tão bravo⁸²,
estava lá com Polideuces, teus irmãos,
os gêmeos que depois seriam astros ígneos!
Chegaste então a Tróia, os gregos perseguiram-te 1275
e começou a luta das lanças mortíferas.
Naquela época as notícias de vitórias
de Menelau causavam elogios teus
apenas destinados a mortificar
meu filho em face da grandeza do rival 1280
que disputava teu amor. Mas se, ao contrário,
a sorte fosse favorável aos troianos,
nada de ti se ouvia sobre Menelau.
Assim, atenta apenas à fortuna incerta,
tratavas de estar sempre com os eleitos dela, 1285
indiferente aos mandamentos da virtude.
Somente agora vens falar-me dessas cordas
com que amarravas o teu corpo para fugas
e alegas que eras coagida a estar aqui.
Alguém te surpreendeu alguma vez tentando 1290
dependurar-te em laços de cordas suspensas
ou afiando algum punhal, como convinha
a uma mulher de sentimentos mais honestos,
saudosa do primeiro esposo? E todavia
em quantas ocasiões eu mesma te adverti: 1295
“Vai, minha filha! Parte! Páris casará
com outra e eu te ajudarei até chegares
às naus dos gregos para que termine a guerra!”

Mas as minhas palavras não te convenceram.
Convinha mais a teu orgulho enorme o luxo 1300
em que vivias no palácio de meu filho
e a adoração dos bárbaros, tão ao teu gosto.
Causaste tanto mal e ajeitas teus adornos,
sais e te atreves a mirar o mesmo céu
que teu esposo vê! És repugnante, Helena! 1305
Devias vir aqui humilde e compungida,
coberta por andrajos, trêmula de medo
e com esses cabelos aparados rentes!
Por teu passado tenebroso deverias
ter muito mais modéstia e menos impudência! 1310
Eis ao que leva a minha fala, Menelau:
adorna a Grécia com a coroa mais sublime
matando esta mulher segundo a imposição
de tua honra e firmarás para as demais
a regra de que a morte punirá um dia 1315
a esposa descuidosa da fidelidade!

SEGUNDO CORIFEU

Sê digno, Menelau, de teus antepassados,
de teu palácio! Pune tua esposa! Evita
que toda a Grécia te censure a tibieza
depois de haveres demonstrado nas batalhas 1320
bravura incomparável diante do inimigo!

MENELAU

Eu também penso que ela por vontade própria
abandonou meu lar para atirar-se ao leito
de um estrangeiro. É por desfaçatez, Helena,
que envolves Cípris em teus feitos vergonhosos! 1325
Vai ao encontro dos que te apedrejarão!
Irás pagar num instante os longos sofrimentos
de inúmeros aqueus. Aprenderás morrendo

que não devias desonrar o teu esposo!

HELENA

Lançando-se aos pés de MENELAU

Por teus joelhos que ora abraço, não me punas 1330
por erros inspirados todos pelos deuses!
Não! Não me faças perecer! Peço perdão!

HÉCUBA

Não traias, Menelau, teus muitos companheiros
mortos por causa desta pérfida mulher!
Imploro-te por eles! Peço por meus filhos! 1335

MENELAU

Basta, anciã. As súplicas desta mulher
não me comovem. Determino a meus soldados
que a levem logo para a nau em cuja popa
será reconduzida à força para a Grécia!

HÉCUBA

Não seja a nau a mesma que te levará⁸³! 1340

MENELAU

Por quê? Hoje ela é mais pesada do que antes?

HÉCUBA

Haverá sempre amor no coração do amante!...

MENELAU

Se quem amamos nos amou com força igual.
Mas tudo se fará segundo teus desejos:
não subirá Helena agora à minha nau. 1345
É bom o teu conselho. Em Argos esta infame
terá a morte merecida e seu castigo
levará as mulheres a ter mais recato,
por mais difícil que lhes seja. Seu suplício
inspirará maior decência às desbriadas 1350
e sensatez até às mais despudoradas.

MENELAU afasta-se com parte de sua escolta. Alguns de seus soldados seguram HELENA e levam-na presa

PRIMEIRO SEMICORO

Por fim abandonaste aos gregos, Zeus,
o templo de Ílion e seu grande altar,
o perfumado incenso, o fogo sacro, 1355
a mirra que em volutas ia ao céu,
Pérgamo santa, do alto Ida os vales
cobertos sempre de hera e as torrentes
de gélidas e cristalinas águas
e os píncaros que vêm cedo o sol,
refúgio fulgurante caro aos deuses. 1360
Findaram para ti os sacrifícios,
os coros e os concertos de louvor.
Não haverá mais festas para os deuses
nas noites penumbrosas, nem imagens
bem esculpidas em madeira e ouro; 1365
não mais sagradas, ricas oferendas!
Ah! Se pudéssemos acreditar⁸⁴,
senhor, que nas alturas, em teu trono,
te ocupas da infelicidade nossa
e vês ainda os vívidos lampejos 1370

do incêndio que destrói nossa cidade!

SEGUNDO SEMICORO

Ah! Queridos esposos! Vossas sombras
vagueiam nos caminhos dos finados
sem sepultura e sem os ritos fúnebres!
E a nau, com o ímpeto de suas asas⁸⁵, 1375
levar-nos-á por sobre as altas ondas
para bem longe, nas planuras de Argos
onde os cavalos pastam e as muralhas
erguidas pelos Cíclopes se elevam⁸⁶.
Nas portas se comprimem as crianças 1380
em multidão e todas choram, gemem,
agarram-se às aflitas mães. Escutam-se
gritos confrangedores: “Minha mãe!
Ai de mim! Estou só! Levam-me os gregos
para confins distantes de teus olhos 1385
em negra nau que os ventos tangerão
no mar até a sagrada Salamina⁸⁷,
o promontório que separa os mares⁸⁸
ou mesmo o Istmo, onde estão as portas⁸⁹
de Pêlops!” Quando a nau do rei argivo⁹⁰ 1390
atravessar o mar Egeu, que a fira
um tortuoso raio fulminante
mandado pelos deuses no momento
em que chorarmos abundantes lágrimas
por termos de deixar a pátria amada 1395
para viver o fado de cativas
na Grécia, enquanto espelhos claros de ouro
— delícia das donzelas vaidosas —
refletirão a filha do bom Zeus⁹¹.
Queiram os céus que Menelau jamais 1400
volte à Lacônia e reveja Pítane⁹²,
nem chegue ao lar de seus antepassados
e às portas brônzeas do templo da deusa⁹³,

depois de receber de volta a esposa,
desdouro da altaneira Grécia e ruína
das plácidas ribeiras do Simóis⁹⁴!

1405

*Reaparece TALTÍBIO com soldados, trazendo o cadáver de Astiânax
sobre o escudo de Heitor*

PRIMEIRO SEMICORO

Ai! Golpes sobre golpes se sucedem!
Eis que às calamidades desta terra
agora vêm juntar-se novos males!
Mulheres infelizes dos troianos!
Olhai o corpo lívido de Astiânax,
lançado ao solo do alto das muralhas
para morrer por decisão dos gregos.

1410

TALTÍBIO

Uma só nau com os remadores prontos, Hécuba,
ainda permanece aqui; levando o resto
dos despojos entregues ao filho de Aquiles,
ela vai navegar para a costa de Ftia⁹⁵.

1415

Já Neoptólemo saiu de mar afora
ciente da expulsão do velho avô Peleu⁹⁶
de seus domínios pelo filho de Pelias.

1420

Por isso sem maior demora ele se foi
levando Andrômaca; não reprimi as lágrimas
na hora da partida, ao vê-la separar-se
de seu país, chorando a pátria que perdia
em lamentoso adeus ao túmulo de Heitor.

1425

Ela implorava a Neoptólemo o favor
de um sepulcro para o filho recém-morto,
que deu o último suspiro — infortunado! —
ao pé das altaneiras muralhas de Tróia.

E o terror dos aqueus, este escudo de bronze

1430

com que teu filho protegia sempre os flancos,
não mais será levado à casa de Peleu
nem para a alcova nupcial em que Andrômaca,
mulher de outro, vê-lo-ia com tristeza.
Seu ataúde não será todo de cedro 1435
emparedado num jazigo só de pedra:
o féretro deste meninozinho morto
será o escudo de seu valoroso pai.
Deponho, Hécuba, em teus braços, o cadáver
para que o vistas e o adornes de coroas 1440
se for possível nestas tristes circunstâncias,
pois a mãe dele teve de partir há pouco
sem que lhe permitisse a pressa de seu dono
dar sepultura ao filho cruelmente morto.
E quando achares que o cadáver está pronto 1445
depois de o recobrimos com terra bastante
levantaremos âncora e retornaremos.
Cumpr depressa, então, esses deveres fúnebres.
De um sofrimento ao menos pude aliviar-te:
quando passava pelas águas do Escamandro⁹⁷, 1450
no meio do caminho, já limpei o corpo
e até lavei os incontáveis ferimentos;
só falta abrir a cova para sepultá-lo.
Se formos expeditos em nossas tarefas
em pouco tempo a nau restante partirá. 1455

*TALTÍBIO e alguns soldados começam a cavar a cova a certa distância.
Os soldados que seguram o escudo de Heitor, onde vai o cadáver de
Astiânax, permanecem onde estavam*

HÉCUBA

Pousai no chão o escudo de meu filho, guardas!

Os soldados põem no chão o escudo de HEITOR. HÉCUBA prossegue

Ah! Como seus adornos são agora tristes
e sem encantos para os olhos meus! Ah! Gregos,
tão vaidosos de vossas proezas bélicas!
Mas não vos orgulheis de vossa inteligência 1460
após este assassinio insólito! Que tínheis
a reçar desta criança? Que ela um dia
fizesse Tróia ressurgir de suas ruínas?
De pouca monta, então, é vosso antigo mérito!
Nem os feitos de Heitor nos ásperos combates 1465
nem outros braços numerosos impediram
que Tróia fosse derrotada, e quando os frígios
jaziam todos, finalmente aniquilados,
tivestes medo de uma frágil criancinha!
Merecem só desprezo as almas pusilânimes 1470
que não ponderam as razões de seus temores.
Ah! Bem-amado! Como foi triste o teu fim!
Se ao menos tivesses morrido pela pátria
após haver gozado a mocidade, as núpcias
e a realza que nos faz iguais aos deuses, 1475
terias sido mais feliz, se pode haver
felicidade para os homens nesta vida!
Nem mesmo te foi concedido desfrutar
dos bens acumulados por teus ancestrais.
Tão novo, não tiveste consciência deles 1480
e morto não os apreciarás jamais!
Pobre cabeça! Como estás ferida! Como!
Nossas muralhas construídas por Apolo
para teus ascendentes foram crudelíssimas,
pois arrancaram quase todos os cabelos 1485
que tua mãe se comprazia em pentear
caídos sobre a testa e que beijava tanto!...
E o belo rosto, deformado, ensangüentado...
Não posso terminar!... Que horror! Quero afastar
de minha vista este espetáculo pungente! 1490
Ah! Mãos em que eu gostava tanto de encontrar
a semelhança das mãos nobres de teu pai!...

Agora estão assim, inertes, mutiladas...
 Queridos lábios de onde tantas vezes vinham
 alardes infantis, vejo-vos mortos hoje!... 1495
 Mentias — coitadinho! — quando prometias
 pulando em cima de meu leito: “Hei de cortar,
 avó, quando morreres, meus cabelos crespos⁹⁸,
 e quando for com todos os meus companheiros
 dizer-te enternecido adeus jogá-los-ei 1500
 em teu sepulcro.” Mas não choraste por mim!
 Sou eu, a tua avó, sem pátria, sem seus filhos,
 quem levará ao túmulo teu tenro corpo
 tão maltratado!... Ai! Infeliz! Quantas carícias,
 meigos cuidados, intermináveis vigílias 1505
 em que te contemplava!... Tudo está perdido!
 E que palavras um poeta escreveria
 na lápide de teu sepulcro diminuto?
 “Aqui repousa uma criança trucidada
 pelos gregos vitoriosos que a temiam” 1510
 Que enorme opróbrio para a Grécia essa inscrição!...
 Enfim, estás herdando de teu pai apenas
 o escudo brônzeo que te servirá de féretro!...
 Escudo, que já protegeste o braço forte
 de Heitor, perdeste o teu valente guardião!... 1515
 Ainda vejo emocionada em tua alça
 a forma que deixou seu braço... No contorno
 de sua copa ainda está a marca nítida
 do suor que nas lutas duras e constantes
 corria sem cessar do rosto de meu filho 1520
 quando ele repousava o queixo sobre ti...
 Entrai, mulheres, e trazei, se ainda houver,
 alguns adornos; quero preparar o morto.

Algumas mulheres dirigem-se à tenda mais próxima. HÉCUBA prossegue

Não nos deixou a desventura em condições
 de te prestar condignas homenagens fúnebres; 1525

receberás, porém, o que inda nos resta.
É insensata a criatura que se alegra
com um momento de felicidade e o julga
interminável, pois a sorte, sempre incerta,
é igual ao homem delirante que em seus transe
cai para um lado agora, depois para o outro.
Quem poderá dizer que sempre foi feliz?

1530

As mulheres voltam da tenda com adornos fúnebres

PRIMEIRO CORIFEU

Retornam as cativas tendo em suas mãos
os restos miseráveis da opulência frígia
que servirão de adorno ao pequeno cadáver.

1535

HÉCUBA

Em tua vida breve não tiveste tempo,
minha criança, de vencer teus companheiros
nas provas hípicas ou no manejo do arco;
pois a mãe de teu pai depõe sobre um cadáver
os galardões que um dia tu conquistarias
se Helena detestada não houvesse antes
roubado a tua vida e destruído tudo!...

1540

CORO⁹⁹

Quanta dor! Ah! Palavras pungentes!
Desejávamos que te tornasses
o monarca maior desta terra!

1545

HÉCUBA

Os paramentos que deverias usar
nas festas de teu casamento com a mais nobre

de todas as princesas da Ásia vão cobrir
apenas um cadáver, belos trajes frígios!...

E tu, escudo triunfante, proteção
de Heitor, conquistador de inúmeros troféus,
recebe esta coroa; segues um defunto;
é como se estivesses igualmente morto.

Ainda mais que as armas de Odisseu perverso¹⁰⁰
é fértil em ardis, mereces honrarias.

1550

1555

CORO

Ai de nós! Ai de nós, criancinha!
Esta terra já vai recobrir-te!
Chora e geme, anciã desditosa!

HÉCUBA

Ai de mim! Como sou infeliz!

CORO

Entoamos o hino dos mortos!

1560

HÉCUBA

Quanta dor! Ai de mim! Quanta dor!

CORO

Sim, rainha; sentimos por ti!
São terríveis os teus sofrimentos!

HÉCUBA

Mais serena

Ocultarei com faixas os teus ferimentos
(sou um funesto médico que nada cura).
Teu pai te espera lá onde os mortos se encontram
e terá os cuidados que não pude ter.

1565

CORO

Mortifica com as mãos a cabeça¹⁰¹,
elevando-as e depois baixando-as!

HÉCUBA

Minhas queridas companheiras, escutai-me!...

1570

CORO

Fala, Hécuba, às tuas amigas,
confidentes leais; em que pensas?

HÉCUBA

Os deuses, em verdade, impõem-me tormentos
ininterruptamente e detestavam Tróia
mais que qualquer outra cidade; foi em vão
que lhes oferecemos tantos sacrifícios.
Se, todavia, eles não nos escolhessem
e se morrêssemos na mediocridade,
tragados pela terra sem deixar vestígios,
jamais as doces Musas nos celebrariam
nem os poetas no porvir nos cantariam.
Depositai, então, o corpo no sepulcro
envolto nestes trajes próprios de defuntos.
Em minha opinião aos mortos pouco importam
o fausto e o valor das oferendas fúnebres;
elas apenas alimentam a vaidade

1575

1580

1585

dos vivos, sempre cuidadosos de gloriólas.

Os soldados afastam-se levando o corpo de Astiânax

CORO

Desgraça! Tua infortunada mãe
viu perecer contigo a esperança
de sua vida. Todos exaltavam 1590
a tua sorte por haver nascido
de raça tão ilustre; vais embora
tão novo e tua morte foi tristíssima!

Vêem-se soldados à distância agitando archotes. O CORO prossegue

Que aconteceu? Que mãos pelos altares
de Ílion portam tochas flamejantes? 1595
Que novos males ameaçam Tróia?

TALTÍBIO aproxima-se, seguido por soldados

TALTÍBIO

Ordeno aos homens incumbidos dos incêndios:
não deixeis descansar em vossas mãos as tochas.
O fogo deve consumir toda a cidade,
até que ela esteja reduzida a cinzas, 1600
pois só assim começaremos a viagem
de volta à Hélade com os corações contentes.
E vós, filhas de Tróia — é dupla a minha ordem —
tereis de dirigir-vos ao embarcadouro
logo que soem os clarins dos comandantes 1605
dando o sinal definitivo da partida.
E tu, idosa Hécuba, segue estes homens;
vieram conduzir-te a mando de Odisseu.
Serás escrava dele como quis a sorte,

em terra estranha, longe da vencida Tróia.

1610

HÉCUBA

Ah! Infeliz de mim! Agora vejo o cúmulo
de minha desventura; deixo a minha pátria,
minha cidade toda está envolta em chamas!
Coragem, pobre velha! Num esforço extremo
dize o adeus final à tua terra infausta!

1615

Ah! Tróia, que sobressaías orgulhosa
entre as cidades habitadas pelos bárbaros!
Perdes num átimo teu nome glorioso.
Destroem-te com fogo e levam-me cativa!
Ah! Deuses! (Mas, qual a valia de invocá-los?
Já no passado não ouviram meus apelos...)
Seja o que for! Precipitemo-nos nas chamas!
Minha glória maior será morrer aqui
nesta fogueira que reduz a cinzas Tróia!

1620

*HÉCUBA tenta correr, trôpega, em direção às labaredas no fundo da
cena*

TALTÍBIO

Estás fora de ti, desventurada Hécuba,
em consequência de teus muitos infortúnios.

1625

Dirigindo-se aos soldados

Depressa! Segurai-a! Não quero perdê-la!
Teremos de entregá-la viva a Odisseu,
que espera a escrava conquistada no sorteio.

Os soldados seguram HÉCUBA, que se debate

HÉCUBA

Entre soluços

Quanta tristeza! Quanta desgraça¹⁰²! 1630
Filho de Cronos, senhor da Frígia¹⁰³,
pai desta raça, vês a desdita,
a sorte inglória que atinge agora
a descendência do antigo Dárdano¹⁰⁴?

CORO

Ele a vê, mas a nossa cidade 1635
acabou; Tróia, a grande, acabou!

HÉCUBA

Ai de mim! Desgraçada! Infeliz!
Minha Tróia é somente um clarão.
Sobe o fogo dos tetos de Pérgamo,
da cidade e de seus baluartes! 1640

CORO

Como o fumo que as asas do vento
num momento dissipam no céu,
a cidade se esvai, pois as lanças
a venceram nos duros embates.
Os incêndios e as armas adversas 1645
arrasaram os nossos palácios.

*HÉCUBA ajoelha-se e bate no chão com as mãos fechadas*¹⁰⁵

HÉCUBA

Terra-mãe que nutriste meus filhos!

CORO

Ai de nós!

HÉCUBA

Ai! Meus filhos! Ouvi vossa mãe!
Escutai o chamado, meus filhos!

1650

CORO

Teu lamento soturno os invoca
lá no mundo remoto dos mortos!

HÉCUBA

Aproximo do chão meus joelhos
doloridos e golpeio a terra
com as mãos antes fortes fechadas!

1655

SEGUNDO SEMICORO

Nós também, de joelhos no chão
evocamos no fundo da terra
os esposos que a guerra matou!

HÉCUBA

Já nos levam!...

PRIMEIRO SEMICORO

Quanta dor! Quantos gritos de dor!

1660

HÉCUBA

Seremos escravas...

PRIMEIRO SEMICORO

... muito longe de nosso país!

HÉCUBA

Meu rei Príamo, agora finado
sem sepulcro e sem um amigo
para perpetuar-te a memória,
não percebes a minha desgraça?

1665

PRIMEIRO SEMICORO

Negra noite fechou os seus olhos,
triste prova da morte cruel!

Ouvem-se estrondos de desmoronamentos, ainda isolados. Levantam-se as mulheres do segundo SEMICORO. Todas se voltam para a cidade em chamas

HÉCUBA

Templos todos de Tróia querida...,

CORO

Ai de nós!

1670

HÉCUBA

... desabais na voragem das chamas.
Veio a morte na ponta das lanças!

CORO

Sereis ruínas sem nome bem cedo
na cidade querida dos frígios!

HÉCUBA

Logo as cinzas que seguem as chamas
cobrirão inda quentes as ruínas
do palácio até ontem tão belo...

1675

CORO

Mesmo o nome de nossa cidade
deixará de existir. Há destroços
crepitando por todos os lados!

1680

Ouve-se o estrondo maior da cidadela de Pérgamo desmoronando

HÉCUBA

Percebestes? Ouvistes, amigas?

CORO

É o estrondo de Pérgamo antiga
desfazendo-se em ruínas! É o fim!

HÉCUBA

Um tremor já percorre a cidade...

CORO

... e se estende como enorme vaga!

1685

Ouve-se o toque dos clarins chamando as mulheres para o embarque

HÉCUBA

Membros meus muito frágeis! Levai-me,
conduzi-me na marcha forçada.
Começemos a triste jornada
até nosso cruel cativo!

CORO

Ai! Adeus, minha triste cidade!
Caminhemos, forcemos os pés
a marchar para as naus dos aqueus!...

1690

*As mulheres do CORO, com HÉCUBA à frente, saem marchando em
cadência lenta na direção das naus*

FIM

NOTAS ÀS TROIANAS

1. *Mar Egeu* — trecho do Mediterrâneo adjacente à Grécia.
2. *Nereidas* — divindades secundárias, ninfas do mar, do séquito de Poseidon.
3. Ver a nota 62.
4. *Fatal cavalo* — o cavalo de madeira em cujo bojo os gregos entraram traiçoeiramente em Tróia e a conquistaram.
5. *Escamandro* — rio da região de Tróia, cujas nascentes ficavam no monte Ida.
6. *Guerreiros arcades* — da Arcádia, região da Grécia. No verso seguinte: *Tessália*, também uma região da Grécia.
7. *Teseu* — rei lendário de Atenas.
8. Veja-se o verso 787. *Ájax*, filho de Oileu, tentara violentar Cassandra no interior do templo de Atena.
9. *Eubéia* — ilha do mar Egeu.
10. *Litoral micônio, recifes délios*, e nos versos seguintes: *Ciros, Lemnos, promontório de Cafareu*: acidentes geográficos no caminho de volta à Grécia.
11. *Olimpo* — montanha da Grécia, morada dos deuses.
12. Desde este verso até o verso 350 há nas falas de Hécuba uma mudança de metro no original, que seguimos na tradução. O mesmo procedimento é adotado no início da aparição de Cassandra, versos 371 a 404, além de outros trechos. Veja-se a nota 46.
13. *Esposa pérfida de Menelau* — Helena.
14. *Castor* — irmão de Helena e de Polideuces (Pólux na forma latina) — vejam-se os versos 1272 e 1273). No verso seguinte, *Eurotas*, rio de Esparta.
15. *Argos e Ftia* — regiões da Grécia.
16. *Ida* — montanha perto de Tróia.
17. *Pirene* — fonte em Corinto, na Grécia.
18. Note-se a diferença entre o tom soturno do segundo semicoro, composto de viúvas, e a leveza do primeiro, de virgens sonhadoras, que se comprazem com digressões geográficas, como se a perspectiva da viagem a lugares famosos, que só conheciam de nome, ainda lhes causasse alguma satisfação.
19. *Terra de Teseu* — Atenas.
20. *Eurotas* — veja-se a nota 14.
21. *Terra odiosa da funesta Helena* — a Lacônia, na Grécia, onde ficava Esparta.
22. *Peneu* — rio da Tessália.
23. *Olimpo* — veja-se a nota 11.
24. *Etna* — vulcão na Sicília, morada de Hefesto, deus grego do fogo.
25. *Fenícia* — a referência é a Cartago, colônia dos fenícios no norte da África, em frente à Sicília, também chamada simplesmente de Fenícia.
26. *Mar Jônio* — trecho do Mediterrâneo adjacente à Grécia.
27. *Crátis* — rio na Magna Grécia, perto de Síbaris.
28. *Terra dória* — a Lacônia, onde reinava Menelau.
29. *Terra de Cadmos* — a Beócia, na Grécia.
30. *Lacedemônia* — Região da Grécia.

31. *Santas vestes* — os paramentos da sacerdotisa de Apolo (Febo). No verso anterior: *chaves sacras*, insígnias da condição de sacerdotisa.

32. Taltúbio, para não revelar a morte de Polixena, fala enigmaticamente a Hécuba, principalmente nos versos 322 e 325. Veja-se o verso 796. Na *Hécuba* Eurípides altera a lenda ou segue outra versão; Polixena é sacrificada sobre o túmulo de Aquiles mas no Quersoneso Trácio, onde as naus gregas teriam parado em sua viagem de volta. Hécuba dialoga longamente com sua filha, que se comporta heroicamente em face do sacrifício. Esse episódio é um dos mais belos da *Hécuba*.

33. *Ítaca* — ilha grega onde reinava Odisseu.

34. *Senhor de Argos* — Agamêmnon.

35. *Senhora dos partos* — Hecate, deusa grega protetora das parturientes.

36. Alusão ao assassinio de Agamêmnon e de Cassandra por Clitemnestra, sua mulher, episódio central do *Agamêmnon* de Ésquilo (primeira peça da trilogia *Oréstia*, publicada por Jorge Zahar Editor).

37. Alusão ao assassinio de Clitemnestra por Orestes, seu filho e de Agamêmnon, assunto das *Coéforas* de Ésquilo e da *Electra* de Sófocles. No verso seguinte, *Atridas* são Agamêmnon e Menelau, filhos de Atreu. Veja-se o verso 512.

38. Alusão ao sacrifício de Ifigênia, filha de Clitemnestra e de Agamêmnon, por ordem do pai. Veja-se o *Agamêmnon*, versos 272 e seguintes de minha tradução.

39. *Escamandro* — veja-se a nota 5. No verso 455, *Ares*, o deus da guerra dos gregos.

40. *Filha de Zeus* — Helena, que Zeus gerou em Leda metamorfoseado em cisne.

41. *Filho querido de Atreu* — Agamêmnon. Daí o epíteto *Atrida* pelo qual também era mencionado o chefe dos gregos.

42. *Filho de Laertes* — Odisseu.

43. *Senhora sensata* — a esposa de Odisseu, Penélope, famosa por sua fidelidade.

44. *Loxias* — epíteto de Apolo (literalmente “oblíquo”, alusivo à ambigüidade de seus oráculos).

45. As peripécias enumeradas nos versos 541 a 554 constituem o assunto da *Odisséia* de Homero, onde são descritas com detalhes. As passagens da *Odisséia* em que ocorrem principalmente os lugares, nomes e circunstâncias aludidas nesses versos são as seguintes: Caríbdis, canto XVII, versos 101 e seguintes; O Cíclope, XVII, 106; Circe (a feiticeira), XV, 233 e segs.; naufrágios, V, 313 e segs.; os lotófagos (bárbaros que se alimentavam da folha do lótus, cuja ingestão produzia estranhos efeitos), XV, 82 e segs.; as vacas do sol, XVII, 262 e segs., 394 e segs.; descida aos infernos, XVI.

46. A partir do verso 555 e até o 577 há uma mudança de metro, recurso usado pelo poeta para caracterizar a agitação de Cassandra. Na tradução deste trecho, como de outros em que ocorrem tais mudanças, usamos também metros diferentes, tentando acompanhar, na medida do possível, essas particularidades do original. No verso seguinte: *Hades*, lugar para onde iam os mortos, nas profundezas da terra, traduzido geralmente por *inferno*.

47. *Chefe onipotente dos argivos* — Agamêmnon.

48. Vejam-se os versos 1228 e seguintes de minha tradução do *Agamêmnon* de Ésquilo, em que são descritos os últimos momentos de Cassandra, morta juntamente com Agamêmnon por Clitemnestra em Micenas.

49. Alusão ao assassinio de Agamêmnon por Clitemnestra. Veja-se a nota 48.

50. São freqüentes essas manifestações de irreverência de Eurípides em relação aos sentimentos religiosos da época.

51. Fazia parte do ritual fúnebre colocar sobre a sepultura mechas dos cabelos dos parentes sobreviventes (vejam-se os versos 1496 e segs.).

52. Alusão ao chiado do eixo do carro atritando em seus suportes. Essa ode do coro descreve o conhecido episódio do “cavalo de Tróia”.

53. *Ártemis* — deusa grega das florestas e da vida selvagem, filha de Zeus.

54. A partir deste verso e até o verso 773 há no original uma mudança no metro, respeitada na

tradução.

55. Segundo a lenda, Príamo, advertido dos males que adviriam a Tróia se Páris sobrevivesse, entregou o recém-nascido a um velho criado para que o abandonasse na floresta, onde esperava que o filho morresse. Um pastor encontrou Páris e o criou. Passados os anos Príamo, com remorso, resolveu celebrar jogos fúnebres em honra do filho, supostamente morto. Páris (também chamado Alexandre) apresentou-se aos jogos e venceu a competição com os nobres troianos, entre os quais estavam seus irmãos Heitor e Deífobo. Os irmãos reconheceram-se e Páris voltou ao seio da família. Enquanto Páris estava na companhia do pastor que o salvara, exercendo o mesmo ofício, foi escolhido por Hera, Atena (Palas) e Afrodite (Cípris) para decidir qual das três deusas era a mais bela (vejam-se os versos 1168 e segs.). Desse julgamento teria resultado a entrega de Helena, então esposa de Menelau, a Páris, acontecimento tido tradicionalmente como a causa da guerra de Tróia.

56. Veja-se o verso 96 e a nota ao mesmo. Andrômaca alude à violência de Ájax para com Cassandra no interior do templo de Atena, sacrilégio que levou a deusa a tornar-se adversária dos gregos ao invés de aliada que fora até então.

57. Veja-se o verso 318 e a nota 32 ao mesmo.

58. A ambigüidade de Taltíbio neste verso lembra a mesma atitude nos versos 322 e seguintes, quando procurava encobrir a morte de Polixena.

59. A presença de uma criança de tenra idade na cena grega era incomum e certamente a idéia de Eurípides deve ter comovido os espectadores da época, como até hoje nos comove. Talvez ainda mais patética seja a cena de Hécuba com o pequeno cadáver nos versos 1482 e segs. Eurípides, que era mestre na arte de exacerbar os sentimentos da platéia, usou de todos os recursos para mostrar aos atenienses os horrores da guerra, principalmente para os vencidos, numa tentativa para demovê-los da expedição à Sicília, que afinal se realizou e teve efeitos terríveis para os atenienses derrotados.

60. *Odioso amor* — esta figura de retórica, conhecida como *oxymoron* ou antilogia, é freqüente nos poetas gregos. No próprio Eurípides ocorre ainda na *Ifigênia em Táuris*, verso 500; na *Hécuba*, 612; na *Helena*, 690-691; na *Ifigênia em Áulis*, 1245-1250. Na nota 81 à sua tradução de *Romeu e Julieta* Onestaldo de Pennafort cita vários exemplos dessa figura em Shakespeare e outros poetas.

61. *Telamon* — rei lendário de Salamina (ilha grega onde nasceu Eurípides), era o pai de um dos Ájax, grande herói grego, e tomou parte, ele próprio, na primeira (e menos conhecida) expedição dos gregos contra Tróia no tempo do rei Laomedon, juntamente com Heraclés (o *filho de Alcmena* a que alude o verso 1031) e a *flor dos filhos da Grécia* (verso 1036), na geração anterior à mais famosa e última guerra de Tróia (veja-se a nota seguinte).

62. *Laomedon* — rei de Tróia por ocasião da primeira expedição grega; tendo deixado de pagar a Apolo e a Poseidon o salário combinado para a construção das muralhas de Tróia (versos 5 e 1044), ele teve de expor sua filha Hesione a um monstro marinho mandado por Poseidon. Heraclés livrou-a do monstro mediante a promessa de obter de Laomedon os corcéis divinos que Zeus dera a Tros, herói epônimo de Tróia, para consolá-lo do rapto de Ganimedes, seu filho, por quem Zeus se apaixonara e que levou para o Olimpo, onde lhe servia de pajem. Mas Laomedon não cumpriu a promessa e Heraclés organizou a primeira expedição, que saqueou Tróia pela primeira vez (veja-se Homero, *Ilíada*, canto V, verso 641; XX, 145; XXI, 466 e seguintes).

63. *Simóis* — rio da região de Tróia.

64. Outro nome de Tróia (derivado de Dárdano, seu primeiro rei). Há certa confusão nas fontes, considerando algumas que a Dardânia seria a região em que se situava Tróia, e não a própria Tróia com outro nome.

65. *Filho de Laomedon* — Ganimedes. Veja-se a nota 62 para o rapto de Ganimedes por Zeus, que se apaixonara por ele e o fizera seu pajem no Olimpo.

66. Tratar-se-ia do alcione, pássaro considerado pelos antigos como extremamente afetuoso com os filhos.

67. Alusão à paixão de Zeus por Ganimedes. Mesma alusão no verso 1075.

68. O esposo da Aurora, Títon, era irmão de Príamo. Os filhos de Títon e da Aurora eram Mênnon, considerado o mais belo dos homens (veja-se Homero, *Odisséia*, VI, 188, e XXI, 522) e Hemation. A Aurora teria levado Títon para os céus num carro de ouro puxado por quatro corcéis.

69. O episódio de Menelau e Helena quebra um pouco o *pathos* da tragédia, mas é uma concessão à moda da época dos sofistas, em que se atribuía grande valor a esses debates (veja-se a discussão entre Electra e Crisôtemis na *Electra* de Sófocles, onde o poeta se alonga também em debates sofísticos). Entre as obras atribuídas ao sofista Górgias, contemporâneo de Eurípides, há um *Elogio de Helena*. Isócrates, célebre orador, escreveu também um discurso intitulado *Helena*, na mesma linha dos sofistas. A atitude firme de Menelau na versão que Eurípides dá à lenda é oposta à maioria das versões, segundo as quais Menelau não teria resistido aos encantos de Helena no reencontro, e ao ver os seus seios nus deixara cair a espada e se rendera novamente à beleza da causadora de tantas desgraças. Essa versão, atestada por um fragmento do poema épico anônimo conhecido como *Pequena Ilíada* (fragmento 17 da coletânea de T. W. Allen no volume V das obras completas de Homero, Oxford, Clarendon Press, reimpressão de 1946, página 135), é seguida por Aristófanes, que no verso 155 da *Lisístrata* (página 17 de nossa tradução, Editora Brasiliense, São Paulo, 1988) alude à capitulação de Menelau diante do espetáculo da seminudez da bela Helena.

70. *Lacônia* — ao invés de dizer o nome de Helena, Menelau menciona o gentílico “lacônia”, natural da região homônima da Grécia onde reinava o irmão de Agamêmnon.

71. *Argos* — veja-se a nota 15.

72. A prece de Hécuba é uma sucessão de anacronismos, incluindo idéias de filósofos anteriores e contemporâneos de Eurípides. A *lei inexorável da natureza* lembra Heráclito e a *inteligência dos mortais* é o *nous* de Anaxágoras (a transcrição de palavras gregas é feita em caracteres latinos para evitar dificuldades na composição tipográfica). Eurípides incluía em suas peças ensinamentos filosóficos, tendo-se conservado graças a ele vários fragmentos de obras perdidas dos filósofos de seu tempo (no volume III dos *Vorsokratiker* de Diels, págs. 600 e 601 da 6a. edição, Berlim, 1952, estão relacionados em duas alentadas colunas os numerosos versos de Eurípides em que ocorrem alusões às doutrinas dos pré-socráticos).

73. Compare-se a frase de Antônio no *Júlio César* de Shakespeare: “ I come to bury Caesar, not to praise him” (ato III, cena II, verso 79).

74. Veja-se o verso 755 e a nota 55 ao mesmo.

75. *Cípris* — epíteto de Afrodite.

76. Páris teria sido morto por Filoctetes no decurso da guerra de Tróia.

77. *Deífobo* — irmão de Páris.

78. *Hera* — a deusa protetora de Argos; *Palas* (ou Atena), a deusa protetora de Atenas.

79. *Ida* — alta montanha nas proximidades de Tróia, onde Páris apascentava seu rebanho enquanto vivia desconhecido da família após salvar-se da morte a que Príamo o destinara para conjurar o perigo que, de acordo com um sonho, representaria para Tróia se sobrevivesse (veja-se a nota 5).

80. *Amiclas* — cidade antiqüíssima situada a pouca distância de Esparta, onde se venerava fervorosamente Afrodite.

81. Há um jogo de palavras intraduzível nos versos 1258-1260. Eurípides atribui a “Aphrodite” (Afrodite, a deusa do amor), a mesma etimologia de “aphrosyne”, que significa insanidade, loucura.

82. *Castor e Polideuces* — veja-se a nota 14. Os irmãos de Helena teriam sido transformados em astros (a constelação de Castor e Pólux).

83. Hécuba não parece muito convencida da firmeza de Menelau e receia que, indo os dois na mesma nau, Helena use os “argumentos” de seus encantos para reconquistar o primeiro marido. Segundo a lenda, foi o que aconteceu. O casal reconciliou-se. A beleza sempre foi a força das mulheres, seu argumento mais forte.

84. Outra manifestação do ateísmo de Eurípides, que apesar de explorar magnificamente o

sentimentalismo e a religiosidade (como nas *Bacantes*, por exemplo) para efeitos dramáticos, era considerado um racionalista perfeitamente integrado no movimento filosófico da época.

85. *Asas* — metáfora para significar “velas”.

86. As muralhas de Argos teriam sido construídas pelos gigantes Cíclopes. Daí a expressão “ciclópico” para as obras gigantescas.

87. Eurípides não perdia oportunidades de introduzir Salamina, a ilha onde nascera, em seus versos (veja-se o verso 1025).

88. *Ao promontório que separa os mares* — Acrocorinto.

89. *Istmo* — o Peloponeso.

90. *Do rei argivo* — Menelau.

91. *A filha do bom Zeus* — Helena.

92. *Pítane* — aldeia próxima a Esparta.

93. Um templo famoso de Atena em Esparta.

94. *Simóis* — veja-se a nota 63.

95. *Ftia* — região da Grécia, terra de Aquiles (veja-se a nota 15).

96. *Peleu* — pai de Aquiles e avô de Neoptólemo, velho rei da Ftíótida; ele fora deposto por Acasto, filho de Pelias, rei da região vizinha de Iolco, aproveitando a ausência de Aquiles e Neoptólemo.

97. *Escamandro* — veja-se a nota 5.

98. Veja-se o verso 605 e a nota 51.

99. Aqui ocorre nova mudança de metro no original, a princípio somente nas falas do coro, depois nas de Hécuba. Essas mudanças são mantidas na tradução.

100. As armas de Odisseu eram famosas por sua beleza e porte.

101. Bater na cabeça com as mãos fechadas era usual nos funerais como sinal de sentimento.

102. A partir deste verso ocorrem várias mudanças de metro, mantidas na tradução.

103. *Filho de Cronos* — Zeus.

104. ... *antigo Dárdano* — veja-se a nota 64.

105. O gesto de bater com as mãos no chão fazia parte do ritual para invocação dos mortos nas profundezas da terra.

Trabalhos publicados por Mário da Gama Kury

1. *Dicionário de mitologia grega e romana*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 7ª ed., 2003.
2. “O grego no 2º milênio a.C.”, in *Revista Filológica* n.7, 1957.
3. Introdução à *Oração da coroa* de Demóstenes, na tradução de Adelino Capistrano, Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1965.
4. Introdução às *Vidas de Alexandre e César* de Plútarcos, na tradução de Hélio Veiga, Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1965.

Traduções do grego com introdução e notas

5. Aristófanes. *As nuvens, Só para mulheres, Um deus chamado dinheiro*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 3ª ed., 2003.
6. Aristófanes, *As vespas, As aves, As rãs*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2ª ed., 2000.
7. Aristófanes, *A greve do sexo e A revolução das mulheres*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 5ª ed., 2002.
8. Marco Aurélio, *Meditações*, Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1967.
9. Aristófanes, *A paz — Menandro, O misantropo*, Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1968.
10. Tucídides, *História da guerra do Peloponeso*, Brasília, Editora UnB, 3ª ed., 1988.
11. Aristóteles, *Política*, Brasília, Editora UnB, 1985.
12. Aristóteles, *Ética a Nicômacos*, Brasília, Editora UnB, 1985.
13. Políbios, *História*, Brasília, Editora UnB, 2ª ed., 1988.
14. Heródotos, *História*, Brasília, Editora UnB, 2ª ed., 1988.
15. Diôgenes Laêrtios, *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, Brasília, Editora UnB, 1988.
16. Sófocles, *A trilogia tebana — Édipo Rei, Édipo em Colono, Antígona*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 10ª ed., 2002.
17. Ésquilo, *Oréstia — Agamêmnon, Coéforas, Eumênides*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 6ª ed., 2003.
18. Eurípides, *Medéia, Hipólito, As Troianas*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 6ª 2003.
19. Ésquilo, *Os persas — Sófocles, Electra — Eurípides, Hécuba*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 4ª ed., 2000.
20. Eurípides, *Ifigênia em Áulis, As fenícias, As bacantes*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 4ª ed., 2002.
21. Ésquilo, *Prometeu acorrentado — Sófocles, Ajax — Eurípides, Alceste*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 3ª ed., 1999.

Outras traduções

22. Jacqueline de Romilly, *Fundamentos de literatura grega*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1984.
23. Sir Paul Harvey, *Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1987.
24. Marcel Detienne, *A escrita de Orfeu*, Jorge Zahar, 1991.
25. J.V. Luce, *Curso de filosofia grega*, Jorge Zahar, 1994.

Copyright © 1991, Mário da Gama Kury
Reservados ao tradutor os direitos de representação
teatral, de televisão, de radiofonia, fotomecânicos etc.

Copyright desta edição © 2007:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marquês de São Vicente 99, 1º andar
22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel (21) 2529-4750 / fax (21) 2529-4787
editora@zahar.com.br
www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Capa: Sérgio Campante

Edições anteriores: 1991, 1995, 1998, 1999,
2001 (novo projeto gráfico e capa), 2003

Edição digital: janeiro 2012

ISBN: 978-85-378-0387-5

Arquivo ePub produzido pela **Simplíssimo Livros**
